

1120
5100

DM
CERD.1

MC

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Viagem ao Mundo do Rio
de
Bion a Farmer

DISSERTAÇÃO PARA O MESTRADO EM
PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA, SOB A
ORIENTAÇÃO DO ILUSTRÍSSIMO PROFESSOR
DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS APRESENTADA POR
ELSA MARINA BRÁS CERDEIRA NO ANO DE

1998



Centro de Documentação do I.S.P.A.
Telf. 881 17 00

Reg. 11681

AOS MEUS PAIS
GUILHERME E GRACIANA.

Índice

	Página
INTRODUÇÃO	6
 PRIMEIRA PARTE	
I - <i>Dramatis Persona</i>	11
II - A Caminho da <i>Torre Polar</i> - Ø.....	25
 SEGUNDA PARTE	
I - <i>Transformação e Mudança</i>	69
II - Do Desejo ao Pensar. Do <i>Mito de Édipo</i> ao <i>Mito de Burton</i>	82
III - Um Acto de Fé - Fé em Ø.....	109
IV - Quando se Perde a Fé.....	121
V - Sobre os <i>Ataques ao Vínculo</i> em <i>João Sem Terra</i>	124
V.1- Algumas Citações de Bion.....	134

	Página
VI - Ser - Pensar - Existir.....	137
VII - Sobre a Relação <i>Continente/Conteúdo</i> - (Q,Ó).....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
ANEXOS	
I - Alguns Fragmentos das Aventuras de Alice.....	159
II -Freud - Melanie Klein - Bion. Três Psicanálises?.....	163
BIBLIOGRAFIA	173

Agradecimentos

Ao Professor Carlos Amaral Dias, sábio mestre cujo ensino sempre estimulante do pensamento e conhecimento adquiridos, e cujas intuições brilhantes que, com amizade tornaram possível a concretização da presente dissertação, num espaço de total liberdade de pensar e transformar.

Ao meu amigo e mestre Mário Ferreira pela disponibilidade, paciência e confiante amizade que sempre demonstrou e que permitiu ultrapassar algumas dificuldades técnicas com que me deparei.

Aos meus colegas e amigos Fátima Ferro, António Rodrigues, José Torres e Leonel Alegria, a quem importunei frequentemente com as mais variadas preocupações e angústias que a elaboração da presente dissertação exigiu.

Aos meus pais Guilherme e Graciana pelo apoio e amor incondicional que sempre demonstraram, sem os quais a elaboração do presente texto teria sido de difícil conclusão.

Introdução

Introdução

O discurso da literatura de ficção científica em Farmer, está todo ele saturado de referências a questões importantes acerca do que pensamos saber sobre a condição humana. Desde sempre o ser humano procurou um saber situado para além do sensível. A vida e a morte são conceitos que estão impregnados de crenças e superstições por um lado, filosofia e religiões por outro. Deste modo o homem sentiu necessidade de lhe conferir alguma inteligibilidade, chegando mesmo a preocupar-se mais com a morte do que com a própria vida, e frases como; "Será que existe vida para além da morte?", são bastante frequentes.

No entanto a obra de Philip José Farmer, *RiverWorld (O Mundo do Rio)*, vai mais além do que poderíamos supor. Situa-se para além da mera questão acima enunciada. A construção de Farmer é inegavelmente um produto do imaginário, todo ele povoado por personagens que de facto tiveram o seu lugar na História da Humanidade. Tudo se passa num planeta no qual todas as pessoas que existiram na Terra e morreram, para despertarem de novo, um dia, submersas numa miscelânea de épocas e culturas; homens da América do século XX vivem ao lado de bárbaros da Ásia de há três mil anos atrás e de caçadores da Idade da Pedra. Como o próprio Farmer afirma;

"A grande bacia do tempo. E a maior experiência antropológica e social de todos os tempos."

Tendo em conta a análise do ponto de vista psicológico, Farmer na sua obra não está somente a fornecer-nos uma visão do que será a vida depois da morte, ou do que poderá ser a sociedade do século XXI com base numa visão antropológica e social.

Farmer vai mais longe! Ao transmitir-nos uma mensagem muito especial, isto é, a visão do outro lado da realidade. Fala-nos da descoberta de um novo modo de olhar a realidade; *o outro lado do espelho*.

É como se nos apresentasse a *duplicidade essencial* da mente humana; o Homem que simboliza e o que não se atreve a tal, ficando-se pela busca da falsa condição de Ético, que no dizer de Bion caracteriza os dois modos de laborar da mente humana; pensar/pensar em anti-pensamento; conhecer/não-conhecer; Ser/Existir. Toda a obra é percorrida por uma *antinomia fundamental*; entre dispersão e integração, entre unidade e diástase.

Seguindo esta linha de pensamento, podemos desde já referir que o objectivo fundamental deste trabalho reside fundamentalmente em pensar os pensamentos que nos são oferecidos por Farmer, à luz das concepções de Bion.

Num primeiro nível de análise apresentamos a obra, na qual podemos discernir um delineamento progressivo da *arquitectura de um universo mental em expansão* para 'O', universo este representado pelas personagens e pelos cenários criados por Farmer. São três os momentos fundamentais no caminho até à Torre:

* O nascimento de Burton na *Bolha da Ressurreição* (nascimento da expectativa), que representa a transformação de 'O' \Rightarrow K.

* A viagem interminável ao longo dum Rio aparentemente infinito e intransponível, que representa a transformação de K \Rightarrow 'O'

* A *Torre Polar* (morada dos Éticos e continente do mistério da vida, morte e ressurreição). Está situada na nascente do Rio, também (in)finitamente (in)alcançável pelos humanos ressuscitados, que representa 'O'.

É a partir de cada particularidade caracterizadora de cada uma das personagens, e de todos os cenários construídos, que podemos pensar sobre conceitos dos quais a psicologia tanto uso faz, e deste modo tentar elucidar o leitor quanto ao significado e significante destes mesmos conceitos.

Questões como Desejo e Pensar; Fé; Conhecimento; Ser/Existir...fazem parte deste pequeno trabalho, o qual não assume nenhuma pretensão de chegar a conclusões definitivas sobre tais temas, mesmo porque possivelmente estas são inexistentes.

O objectivo principal será pensar sobre; o *Desejo*, o *Pensamento*, a *Fé*, o *Conhecimento*, o *Ser*, o *Existir...* e pensar a *Relação* para estar *em Relação*. E se tal tarefa for possível (acredito que sim), poderá constituir-se como ponto de partida para cogitarmos sobre o que entendemos, nós psicólogos, por *Condição Humana*. Reflexões estas, que nos poderão ajudar a, num contexto de relação psicoterapêutica e em toda a dimensão relacional, estarmos mais abertos ao estabelecimento de uma relação de verdade com a pessoa que partilha aquele espaço e aquele tempo com o nosso Ser.

Para alcançar tais objectivos, dentro das limitações que a minha condição humana me colocou, Bion, Freud e Melanie Klein, foram os pensadores que mais de perto me acompanharam nos meus pensamentos.

E Farmer, porquê? Não será por a ideia de ficção, ser talvez a mais libertadora e característica da matriz de toda a condição Humana?

Questão que vos deixo em aberto!

Primeira Parte

«Nele movem-se pessoas; não se movem apenas, pois cada uma tem o seu trabalho, família e interesses. Há-as bastantes quase como pessoas, mas muitíssimas mais existem como esboços de pessoas; quero dizer como retratos apressados ou como minuciosos estudos anatómicos.»

Memórias de um Viajante
Anónimo do Séc. XVII

I - Dramatis Persona

Loga

Neto de Priamo, último rei de Tróia. Nasceu no século XX a.C., e foi morto aos 4 anos de idade, por um soldado grego durante a queda de Tróia. Ressuscitado no Mundo do Jardim por extra-terrestres não-humanos foi criado ali. Tornou-se membro do Conselho dos Doze Éticos (responsáveis pela criação do *Mundo do Rio* e pela ressurreição de todos os seres humanos mortos entre 99 000 a.C. a 1983 d.C.). Tornou-se num renegado (Judas ou X), e envolveu vários terrestres; Burton, Sam Clemens, Cyrano de Bergerac... na sua conspiração para derrubar os falsos Éticos e os seus Agentes, e para subverter o plano original do destino a dar aos renascidos no *Mundo do Rio*.

Sir Richard Francis Burton

O mais notável viajante inglês do século XIX, (Torquay, 1821 - Trieste, 1890). Famoso explorador, linguísta, antropólogo, tradutor, poeta e um dos maiores espadachins do seu tempo. Viveu durante muito tempo em França e Itália, juntou aos conhecimentos das linguas destes países, o Português exigido a todos os funcionários da Companhia das Indias Orientais (*East India Company*), por ser, de todas as linguas europeias, a mais difundida pelos povos do Extremo Oriente, onde permaneceu ao serviço daquele organismo. Adquiriu igualmente o conhecimento de cinco linguas orientais, que falava como se cada uma fosse a sua lingua materna, fazendo delas um estudo aprofundado.

Escreveu bastante sobre as suas viagens à Arábia, África e América do Norte. Realizou importantes investigações nas áreas da Antropologia, Etnologia, Arqueologia e Geografia. A sua curiosidade estendeu-se ao estudo da Botânica, Geologia, Meteorologia, Medicina, Arquitectura e Religião. Iniciou a sua carreira como soldado na Índia, e posteriormente foi Cônsul em Trieste.

Desenvolveu o seu talento nas 14 línguas e dialectos que passou a ensinar, divulgando estes conhecimentos nas 16 traduções que realizou. A que ficou mais famosa foi a tradução de "*The Arabian Nights*" (1885). Escreveu mais de uma centena de artigos, sendo a maior parte deles para jornais de organizações como a Atropological Society, que ele ajudou a fundar, e lhe valeu uma medalha de ouro em 1859.

Seu pai, Joseph Burton, foi em grande medida o responsável por ter feito de Burton um estranho para o seu próprio país. Possivelmente devido a Joseph Burton mudar constantemente de país, é que os seus três filhos Richard, Edward e Maria, manifestaram sempre alguma indisciplina escolar e geográfica. Esta falta de disciplina veio a reflectir-se na vida de Burton e também no seu estilo literário. Num dado momento do seu percurso, Burton sente-se como: *a blaze of light, without a focus*.

Richard Burton, homem pouco convencional, distinguiu-se na sociedade Britânica pelo seu egoísmo e integridade pessoais, facto que deu origem a grandes rivalidades entre ele e as autoridades britânicas. O seu autoritarismo exercido repetidas vezes em relação à autoridade foi-se tornando num obstáculo ao êxito da sua carreira. Passava frequentemente por cima dos louvores, promoções e elogios que merecia, permitindo que estes fossem, posteriormente, atribuídos aos seus rivais (menos talentosos).

A partir do momento em que se desliga da sociedade Inglesa, torna-se num crítico importante da hipocrisia dos homens do seu país. A partir deste momento transforma-se num *imperialista descomprometido*. Burton passa os primeiros nove anos da sua vida em Tours, num castelo situado nas margens do Loire. Todo este ambiente veio a enaltecer a sua *natureza romântica*, e a possibilidade de ser considerado descendente ilegítimo de Luis XIV.

Quando Burton faz nove anos, a sua família entra num período de grande instabilidade geográfica; em dez anos mudam catorze vezes de residência. Contudo *o apetite de Burton pelo conhecimento* foi sempre prodigioso. A sua educação pouco ortodoxa, permitiu-lhe poder dedicar-se exclusivamente aos assuntos que mais lhe despertavam o interesse, a curiosidade e o prazer, como a Arte e a Arquitectura, áreas em que se tornou especialista.

Burton familiariza-se com a bebida e as prostitutas pela idade dos quinze anos de idade. Estas escapadelas, começam já a personificar o seu interesse pelas explorações e viagens através dos segredos da Vida e da Morte. A sua adolescência foi um período de aventura, o que veio a refletir-se mais tarde no espírito de *curiosidade* que sempre o caracterizou.

As expedições à Índia, Arábia, África e América do Norte, foram sempre movidas pela combinação entre o espírito de aventureiro e o questionamento científico. Foi aluno do Trinity College de Oxford (1840-1842), do qual foi expulso por desobediência; ao ter desafiado um professor, em plena aula, para um duelo. A face irreverente de Burton tornou-se, deste modo, popular entre os seus colegas e admiradores.

Joseph Burton decide levar o filho para a Índia, integrado numa comissão do Exército Indiano. A carreira militar de Burton tem assim início aos 21 anos. A Índia foi o seu primeiro contacto com o lado exótico do Oriente. Chega a Bombaim em Outubro de 1842. Inicia aqui o estudo das diversas linguas e dialectos. Este contacto vem a permitir-lhe mais tarde aceder, de modo particular, ao pensamento e costumes do povo indiano e, simultâneamente obter, junto dos seus chefes, uma promoção como tradutor. Ao deixar a Índia já tinha aprendido Hindustani, Sanskrit, Gujarti, Marathi, Persa, Sindi, Punjabi, Teluga, Pashto, Multani, Arménio e Turco. Durante um longo período de tempo Burton vive no meio da população nativa. Os seus colegas Oficiais chegam a chamá-lo de *White nigger*. Burton torna-se, deste modo, no maior linguista do seu tempo.

Em 1844 é mandado, pela 18ª Native Infantry, para o norte da província de Sind, (Paquistão), onde conhece o Capitão Walter Scott de quem se torna um amigo devoto. Em Sind os seus talentos linguísticos chamam a atenção de Sir Charles Napier que o nomeia seu tradutor. Mais tarde Burton vive por entre a população nativa, com o objectivo de obter um conhecimento mais aprofundado dos comportamentos daquele povo; infanticídio, assassinio de mulheres, prostituição, homossexualidade e pena de morte. Os registos de Burton sobre as viagens que fez, deram origem ao seu sucesso lendário em disfarces. Vestido com roupas de um mercador, Mirza Abdulah, meio persa e meio Árabe, consegue facilmente passar por feiras e casas de Moslem Indians. Tal disfarce exigiu-lhe um conhecimento aprofundado sobre o Islão, tornando-se mais tarde num *Master Sufi*. O Islão fê-lo aproximar-se da religião que mais se identificava com a sua forma de estar na vida.

No entanto foi a Índia que acabou por servir de cenário, para o primeiro descrédito da sua carreira, pela grande fascinação e curiosidade que demonstrou, em relação aos hábitos sexuais daquele povo, e que mais tarde vem a ser objecto das suas investigações. Enquanto Antropólogo, Burton apercebe-se de que, os costumes sexuais são uma parte integrante da Identidade de uma Cultura. Usou tudo o que descobriu sobre a sexualidade feminina, para atingir o melindre Victoriano da época. Por esta altura, enquanto escritor, os seus editores sentem-se obrigados a apagar dos manuscritos por ele produzidos, aquilo que consideravam *lixo desagradável*.

Ainda na Índia Burton é destacado, para realizar alguns estudos sobre os bordeis homossexuais de Karachi. Com a retirada de Napier do comando, Burton apercebe-se que a sua carreira militar está prematuramente prejudicada e, parte para Inglaterra por se sentir doente do Corpo e da Alma. Depois de recuperar, volta à Índia onde escreve quatro livros em dois anos. Acaba por contrair cólera durante a epidemia de Sind (1846). Depois de recuperado inicia a recolha do material para o seu livro "*Goa and the Blue Mountains; or Six Months of Sick Leave*" (1851), que inclui relatos sobre o povo de Goa (os Malabar Hindus), no sul de Bombaim, costa oeste da Índia. Dedicar-se ao estudo do povo das montanhas Todas. A prática da poliandria era uma característica deste povo, facto que despertou logo a curiosidade pouco ortodoxa (para a época) de Burton.

Neste período escreve: "*Sindh, and the Races that Inhabit the Valley of the Indus*" (1851) e posteriormente "*The Devil Drives*", considerado, por Fawn M. Brodie em 1967, um estudo etnológico brilhante. Os assuntos por ele abordados neste livro demonstram bem os interesses diversificados do autor: História das Províncias, Topografia, Valor Comercial e Militar, Agricultura, Crime e Leis, Literatura, Ciências Ocultas, Costumes. Demonstrou uma sensibilidade especial para o estudo dos Rituais de Nascimento, Casamento, Morte e Circuncisão daqueles povos.

Em "*Falconry in the Valley of the Indus*", Burton relata-nos a sua experiência na Índia disfarçado de Mirza Abdullah; em "*Scinde, or the Unhappy Valley*" (1851) conta-nos o seu caso amoroso com uma rapariga persa e, em "*Goa, and the Blue Mountains*", fala-nos da atracção que sentiu por uma jovem e linda freira, tentação a que renunciou.

Os seus livros são inovadores para a época quanto ao desligamento e objectividade com que escreve. Alan Moorehead refere-se a Burton, na introdução à edição de 1961 de "*Lake Regions of Central África*" (1860), como o *escritor natural*. E continua, as "*comparações, testemunhos, vôos de imaginação, especulações científicas e teorias históricas...Em viagem ele vê mais do que qualquer pessoa, porque ele sabe mais do que qualquer pessoa, porque ele sabe mais sobre o mundo*". Burton simplesmente escreveu mais do que qualquer escritor viajante. Viveu com grande intensidade todas as suas experiências o que conferiu grande vitalidade à sua prosa. Burton acreditava que era possível chegar ao coração e ao Pensamento do Homem através da linguagem e, do estudo aprofundado dos seus costumes. Acreditava que uma boa governação só o seria se tivesse por base o conhecimento acerca da vivência do povo. À luz desta concepção, vê a marca do colonialismo britânico como um mau exemplo.

Na Índia enalteceu a sensibilidade e a sexualidade femininas, defendendo o princípio segundo o qual, a sua sociedade teria muito a aprender com as virtudes deste povo. Burton foi um *imperialista*, atitude que poderia ser apenas uma extensão do seu imenso egoísmo pessoal. Ironicamente e, apesar de defender a vivência deste povo, veio mais tarde a mostrar o seu lado que defendia a ideia de superioridade do homem branco, o que lhe permitiu argumentar contra a expansão colonial em África. Segundo ele, os nativos seriam incapazes de se submeterem a qualquer processo de "civilização" e deste modo a Inglaterra estaria a perder tempo neste terreno infértil. Burton durante o tempo em que permaneceu na Índia, realizou algumas investigações sobre a Natureza Humana e, *envolveu-se na exploração do mais íntimo do ser humano*, especialmente sobre *o lado negro da natureza humana*.

Examinou, descreveu e realizou experiências com *o proibido e o oculto*, na esperança de penetrar nos *mistérios do pensamento e do comportamento humanos*. O seu interesse pelo Erótico fez parte da sua cruzada numa tentativa de educar a sociedade victoriana. Burton defendia que o acto de amar era perfeitamente natural e saudável. Mas a sua obsessão por temas como Castração, Homossexualidade..., valeu-lhe muitas críticas por parte da sociedade inglesa, deixando muitas dúvidas sobre o seu interesse meramente científico. Apesar de tudo Burton continuou a condenar a hipocrisia e incompetência da sociedade victoriana.

A aparente objectividade com que escrevia, parecia ter um objectivo: tentativa de pôr fim à confusão que definia a sua Identidade, traduzida numa imensa variedade de vocações e grande paixão pelos disfarces. Ele próprio se descrevia como *um homem dual, um individualista e um*

imperialista, simpático e ao mesmo tempo superior para com os nativos Árabes, mostrando sempre desprezo e ao mesmo tempo inveja da respeitabilidade britânica.

A superstição religiosa encolerizava o lado científico de Burton, no entanto deixa-se seduzir pela face mística do Islão: o *Sufismo*. Esta dualidade é patente nos escritos de Burton pela estranha combinação que faz entre histórias de aventuras exuberantes contrastando com simples observações científicas. Burton criou nele próprio dois heróis; o romântico aventureiro e o homem sério e estudioso, cujas histórias são marcadas por anotações eruditas.

Em 1852 Burton apresenta uma proposta à *Royal Geographical Society* que concilia duas características que sempre o definiram; o gosto pela aventura e a curiosidade científica. Disfarçado de peregrino Muçulmano, conseguiu penetrar nas cidades proibidas e sagradas de Meca e Medina. Ficou célebre a quando da sua peregrinação ao túmulo de Maomé (1853). Realizou esta façanha com sucesso, ficando conhecido como *Burton of Arábia*. Escreveu sobre esta viagem uma obra de três volumes: "*Personal Narrative of a Pilgrimage to El-Medinah and Meccah*" (1855-1856), caracterizada como a obra mais coerente e integrativa da experiência e conhecimento de Burton. Depois desta aventura pela Arábia, Burton regressa à Índia onde termina esta obra.

Na primavera de 1853, foi para Alexandria disfarçado de Muçulmano Afegão, onde aperfeiçoou o seu árabe, viajando depois, num barco a vapor, pelo Nilo até ao Cairo. Durante a travessia do deserto, em direcção ao Suez, escreveu: "*The Golden Wire*" no 12º dia de viagem pelo Mar Vermelho, em direcção ao Yenbo. Outra paragem pelo deserto foi em Medina, onde Burton permaneceu durante um mês antes de partir para Meca.

O principal objectivo de Burton, segundo ele, era "*See with my eyes Moslem inner life in a really Mohamedan country*". O livro que escreveu sobre esta realidade está todo ele marcado por descrições sobre o mundo Islâmico e pela cultura Muçulmana. Mesmo antes da publicação, deste livro, Burton embarca numa exploração a África para conhecer as terras da Somália. Nesta expedição envolveu-se em alguns perigos, o que exigiu um disfarce que lhe facilitasse a entrada na cidade muçulmana de Harar. Burton escolheu para o acompanhar, três oficiais do Exército Indiano: Herne (agrimensor e geologista), e dois amigos que conheceu em Sinde, William Stroyan e Surgeon J.E. Stocks, "*favorito universal*" de Burton. Stocks acabou por morrer antes do início da expedição.

Burton deixa Aden a 29 de Outubro de 1854 e, continua a sua viagem em direcção a Zayla, onde permanece 26 dias antes de ir para Harar, acompanhado por um grupo de guias, nativos da Arábia. Desta aventura resultou mais uma publicação: *"First Footsteps in East Africa"* (1856). Antes de entrar em Harar, Burton abandona o seu disfarce e aproxima-se temerosamente da cidade proibida, como emissário de um agente político britânico em Aden. Nesta obra Burton demonstra uma capacidade genial para fazer inimigos, ao assumir-se como alguém que tem um *"impolitic habit of telling politic truths"*.

Ignorando o ódio de Speke, Burton decide que este o acompanhará na exploração à África Central, em Junho de 1857. Depois de uma árdua viagem de barco, além das doenças que sofreu, descobre em Fevereiro de 1858 o Lago Tanganyika. Posteriormente, Burton descobre o Victoria Nyanza, proclamado como nascente do Nilo e, escreve *"The Lake Regions of Central Africa"* em 1860. Antes de regressar a casa, tem de permanecer em Aden em convalescença, enquanto Speke lhe assegura que permanecerá em silêncio quanto às descobertas, até que Burton possa regressar a Inglaterra. Speke vai trair esta promessa, ao dirigir-se à *Royal Geographical Society* para reclamar para si a descoberta do Victoria Nyanza como fonte do Nilo; recebe elogios sendo-lhe concedida a possibilidade de comandar uma nova expedição.

Em Maio de 1859 Burton sofre de ataques febris, e regressa a Inglaterra. É recebido pela *Royal Geographical Society*. Nesta cerimónia Speke aproveita para lhe lançar algumas acusações. A angústia provocada por estes acontecimentos, foi agravada pela tragédia da doença mental do seu irmão, resultante da guerra em que participou no Ceilão.

Em 1860 Speke prepara-se para voltar a África. A única solução para Burton é realizar uma nova expedição - outra peregrinação - desta vez para a capital Mormom; Salt Lake City. Esta viagem vai estar repleta de toda a espécie de perigos, vertente que tanto aliciava Burton. Mostrou-se sempre capaz de usar os dados que recolhia através da observação, para desafiar as atitudes mais convencionais em relação a temas como a religião e o sexo. Ao longo de 700 páginas, Burton descreve aquilo que viu e sentiu, durante as suas viagens, e que veio a constituir a sua melhor obra; *"The City of the Saints and Across the Rocky Mountains to California"* (1861).

Em Salt Lake City, Burton conhece um profeta Mormom, Brigham Young, que muito o impressionou. Brigham possuía um harem, que Burton descreveu como *"benéfico tanto para as*

mulheres como para a moral dos homens", uma vez que substituí o amor pelo senso de responsabilidade em comunidade.

Burton regressa da sua viagem pelo Oeste Americano para casar com Isabel Arundell. Conheceu-a em França (1850), durante o período em que adoeceu, logo após o seu regresso de Karachi. No entanto Isabel só vem a estabelecer uma relação mais séria com Burton, um ano depois de este ter regressado da Crimeia (1857). De volta a Londres, Janeiro de 1861, Burton casa com Isabel. Educada num convento católico foi sempre uma mulher devota de Burton. Sempre o idolatrizou, contudo nunca se reconciliou com *o lado "negro" da natureza romântica de Burton*.

Depois do casamento a carreira de Burton sofreu uma mudança, facto que pré-anunciou o declínio do homem explorador e escritor. Transformou-se num diplomata, passando a maior parte do tempo como Cônsul ao serviço da Corôa. Os seus amigos comentavam, a propósito desta mudança, que Isabel o teria domesticado. No entanto o declínio da sua carreira deveu-se a outros factores, particularmente à sua história de sucessivas perdas de comissões pelo Exército.

Foi convidado para exercer as funções de Cônsul Britânico em Fernando Pó (1861-1864), sendo posteriormente transferido para Santos em 1865. Quando as coisas começaram a correr mal, a devoção de Isabel por Burton representou para ele um refúgio muito importante. Burton passou a maior parte dos seus últimos 29 anos, em quatro consulados. Durante este período dedicou-se ao desenvolvimento das suas capacidades linguísticas. Foi um poliglota versátil, característica patente, na extraordinária variedade de textos que produziu: *"Hindu Devil Legends"*, provérbios africanos, manuais indianos de sexualidade e poesia portuguesa.

Durante a sua estadia em Fernando Pó, escreve mais um livro: *"Wanderings in West Africa, from Liverpool to Fernando Pó"* (1863). Como membro da *Royal Geographical Society*, escreve algumas obras acerca das suas explorações pelo interior do Continente Africano: *"Two Trips to Gorilla Land and the Cataracts of the Congo"* (1876) e *"Abeokuta and the Cameroons Mountains - an exploration"* (1863); *"A Mission to Gelele, King of Dahome"* (1864), possivelmente o melhor livro que Burton escreveu sobre África, e ainda *"Wit and Wisdom from West Africa"* (1865).

Burton ocupa o lugar de Cônsul no Brasil (Santos) durante o período de 1865 a 1869, onde escreve *"The Highlands of Brasil"* (1869), obra que os críticos consideraram medíocre. Com maior sucesso escreveu *"Letters from the Battle-Fields of Paraguay"* (1870), considerada uma análise, em primeira mão, da guerra entre o Paraguai e os três aliados; Brasil, Argentina e Uruguai.

Em 1865 escreve com grande êxito a sua primeira obra poética: *"Stone Talk"*. As únicas cópias existentes foram destruídas *"prudentemente"* por Isabel. Com a sua última produção poética; *"The Kasidah (complets) of Hâjî Abdû El-Yezdî a Lay of the Higher Law"* (1880), obteve um sucesso ainda maior.

O período mais feliz da sua vida foi passado em Damasco, como Cônsul (1869-1871). Cargo que ocupou a convite do Governador turco da Síria e do Embaixador britânico de Constantinopla. Foi o posto de que mais gostou, por lhe ter permitido assumir o papel de mediador de paz, entre as facções religiosas de Damasco. Deste período nasceu apenas uma obra: *"Unexplored Syria"* (1871), um estudo arqueológico desenvolvido com a colaboração de Charles F. Tyrwhitt-Drake.

Finalmente, permaneceu em Trieste (1871) como Cônsul de Sua Majestade, durante o Império Austro-Húngaro, até à morte. A sua estadia em Trieste permitiu-lhe terminar a sua obra prima de dez volumes; *"A Plain and Literal Translation of the Arabian Night's Entertainments"* (1885). Esta obra exerceu uma influência considerável na relação dos ingleses com os países que Burton visitou. No período posterior a 1861 os seus livros sofreram um declínio, tanto em qualidade como em vendas. Apenas *"The Arabian Night's"* continuou a ser aceite com popularidade. A sua última desilusão deveu-se ao facto de o seu governo ter recusado a sua proposta para o cargo de Cônsul em Marrocos.

Ainda em Trieste, Isabel sériamente preocupada com as traduções que o marido realizou de textos eróticos e, com as resistências que ele sempre demonstrou em relação ao Catolicismo, decide, após a morte dele, queimar todos os apontamentos, diários e manuscritos.

Desde a sua morte, Burton tem sido descrito como alguém que sempre demonstrou uma grande necessidade de Conhecimento. Foi um *"Renaissance Man"*, que desenvolveu trabalhos em três grandes áreas do Conhecimento:

- Como explorador teve o seu lugar entre outros grandes homens do seu tempo como David Livingstone, John Hanning Speke e Samuel White Baker.
- Como Cientista gostou sempre de se inspirar em homens como Charles Darwin, revolucionando desta forma a sociedade Victoriana do seu tempo. Como Antropólogo foi visto como alguém que estava para além do século XX, principalmente em relação ao estudo da sexualidade humana.
- E finalmente como Escritor, contribuiu com numerosas obras e artigos sobre as suas viagens, tendo traduzido textos bastante diversificados, entre eles, a obra que se tornou num clássico da literatura universal : "*The Arabian Night's*".

O homem contraditório que mostrou ser; inseguro acerca da sua própria identidade, personificou a combinação de coragem, inteligência e exotismo, faces de uma mesma pessoa que tanto marcaram e influenciaram a sua sociedade. No seu esforço para aproximar Ocidente/Oriente, tornou-se num representante do Oriente perante a sociedade Victoriana. Mais do que qualquer um, Burton personificou a imagem do Oriente do seu tempo. Apesar de tudo, possuía uma perspectiva imperialista de base, mas mais sensível do que qualquer um que veio depois dele.

Publicou ainda:

"Goa and the Blue Mountains" (1851);

"A Complete System of Bayonet Exercise" (1853). Ensaio sobre o manejo da baioneta, elaborado com o objectivo de auxiliar as tropas inglesas num melhor desempenho na guerra da Crimeia.

"Episode of Dona Inez de Castro" (The Lusiads of Camões), Londres (1879);

"Os Lusiadas" (The Lusiads) 2 vol. Londres (1880);

"Camões: his life and his Lusiads", 2 vol. Londres (1881);

"Camões: the Lyrics", Londres (1884).

A respeito da tradução de "*Os Lusiadas*", Morse Stephens diz, no prefácio à sua "*História de Portugal*", o seguinte: "*I know of no translation of any classic which can compare with Sir Richard Burton's translation of the Lusiads*".

Alice

Alice Pleasance Liddell Hargreaves nasceu em Inglaterra em 1852 e morreu em 1934. Filha de Henry George Liddell; capelão doméstico do Príncipe Consorte; vice-chanceler da Universidade de Oxford; co-editor do famoso "*A Greek-English Lexicon*" ainda hoje adoptado; deão do Colégio da Igreja de Cristo de Oxford. Alice teve uma infância feliz e uma educação excelente segundo as normas da alta sociedade victoriana.

Conheceu algumas pessoas famosas do seu tempo, tais como; Gladstone, Mathew Arnold e o Príncipe de Gales. Foi casada com Reginald Gervis Hargreaves do qual teve 3 filhos, todos capitães, dois dos quais morreram na Grande Guerra de 1914-1918. Aos 10 anos Alice foi a musa inspiradora de Lewis Carroll (Charles Lutwidge Dodgson), na criação de "*Alice's Adventures in Wonderland*" (1865) e "*Through The Looking Glass*" (1872).

Peter Jairus Frigate

Autor americano de ficção científica que nasceu em 1918, e morreu em 1983.

Hermann Goering

Nasceu em Rosenheim em 1893, e morreu em Nuremberg em 1946. Foi Marechal (Reichmarshall do terceiro Reich), e piloto alemão. Aviador na primeira Grande Guerra de 1914-1918, e membro do Partido Nazi desde 1922. Criou a aviação militar alemã e comandou-a de 1935 a 1945. Designado por Hitler, para seu sucessor (1940). Condenado à morte em Nuremberg por crimes contra a Humanidade, acabou por não resistir suicidando-se, nesta mesma cidade, em 1946.

Samuel Langhorne Clemens

É conhecido, ao longo de toda a obra de Farmer, por Sam Clemens. Nasceu na Flórida, Missouri em 1835, e morreu em Redding em 1910. Foi o primeiro grande escritor do Oeste dos E.U.A., e exerceu uma grande influência sobre todos os escritores que se esforçaram por "descobrir" a América do Norte. Depois de ter começado a vida como tipógrafo, trabalhou durante quatro anos nos barcos a vapor, de rodas, do Mississipi. Celebrizou-se sob o

pseudônimo de Mark Twain e foi o criador de obras como: "*As Aventuras de Tom Sawyer*" (1876) e "*As Aventuras de Huckleberry Finn*" (1884). Mark Twain sofreu um grande choque no final da sua vida; primeiro com a perda da fortuna que amealhara e, depois com a morte da mulher e, de duas filhas. Foi um dos primeiros liberais; pronunciou-se contra a escravidão defendendo, ao longo de toda a sua vida, a igualdade dos direitos humanos.

Hector Savinien Cyrano II de Bergerac

Célebre escritor, poeta e dramaturgo francês (Paris, 1619 - id., 1655), tornou-se numa das personalidades mais curiosas da literatura do seu tempo. Destinado à carreira militar, teve de renunciar a ela, depois de ter sofrido um ferimento grave, durante o cerco a Arras (1641).

Estudou filosofia com Gassendi e, escreveu várias obras, nas quais mostrou toda a originalidade e extravagância do seu temperamento, especialmente na: "*Histoire Comique des États et Empires de la Lune*" (1649), e "*Histoire Comique des États et Empires du Soleil*" (1652), romances, estes, extraídos de: "*L'Autre Monde*". Foram obras que possivelmente inspiraram Fontenelle a escrever os seus "*Entretiens sur la pluralité des mondes*" e decerto guiaram Swift nas suas "*Viagens de Gulliver*" e a Voltaire em "*Micromégas*".

Cyrano de Bergerac (com Corneille e Scarron), precede imediatamente Moliere de quem foi grande amigo, inspirando-o numa das imortais cenas de "*Fourberies de Scapin*". Cyrano escreveu ainda a comédia "*Le Pedant Joué*" (1654), representada um ano depois do escândalo provocado pela tragédia "*La morte d'Agrippine*" (1553).

Nas suas "*Lettres Satiriques*" destaca-se, pelo transbordante metamorfismo, a indisciplina burlesca do autor na literatura, que Malherbe tinha disciplinado com êxito. Mais do que pelas suas obras, Cyrano de Bergerac torna-se universalmente conhecido, enquanto protagonista da peça heróica, em cinco actos, de Edmond Rostand - "*Cyrano de Bergerac*" - estreada com enorme êxito em Paris (1897) e, traduzida na maior parte das linguas vivas. É uma peça em que a fantasia romântica prevalece sobre qualquer ideia de reconstituição biográfica. Cyrano apresenta-se-nos idealizado, como um herói que apesar de grotesco pelo físico é, sublime pelo coração, pela inteligência e pela moral.

Valente espadachim e militar, nobre, espiritual, bondoso, de pura concepção romântica e, sintetizando em versos de maravilhosa ressonância e, cenas engenhosamente maquinadas, o tipo ideal do cavaleiro; encarnação das tradicionais qualidades nacionais francesas.

Piscator

Foi oficial da Armada Japonesa. Durante a primeira parte da 1ª Grande Guerra, esteve como adjunto da Armada Britânica, servindo de observador e aluno-piloto em dirigíveis. Depois fez o mesmo num dirigível italiano que bombardeou bases austríacas. No *Mundo do Rio* é-nos apresentado pelo autor com um Sufi.

João Sem Terra

Nasceu em Oxford, 1167 - Castelo de Newark, e morreu em Nottinghamshire em 1216. Rei de Inglaterra (1199-1216). O quinto filho de Henrique II e de Alienor de Aquitânia. Durante a juventude, rebelou-se contra o pai, apoiado pelo Rei de França, Filipe Augusto.

Depois da morte do seu irmão Ricardo Coração de Leão, assassinou o seu sobrinho Arthur da Bretanha, herdeiro legítimo do trono (1203). Denunciado por Filipe Augusto perante a Corte dos pares por ter raptado Isabel de Angoulême, foi destituído dos seus feudos franceses (Maine, Normandia...), os quais tentou, em vão, retomar.

Os seus aliados, entre os quais o Imperador Germânico, Oto IV, foram vencidos em Bouvines (1214), sendo ele também vencido em Roche-aux-Moines. Em 1213 João submeteu-se ao Papa e doou os seus reinos à Santa Sé. Quando voltou a Inglaterra teve de outorgar a *Magna Carta* (1215), aos barões e à burguesia, insatisfeitos com a sua política.

*"É fácil descer ao Inferno.
Noite e dia as portas da negra Morte estão abertas.
Mas para subir de novo,
Para seguir os passos antes dados,
Até chegar ao ar superior...
Essa é a dificuldade,
A tarefa."*

Virgílio

II - A Caminho da Torre Polar ©

A extraordinária obra de Philip José Farmer, no original com o título *RiverWorld*, apresenta-se-nos dividida em quatro volumes; *To Your Scattered Bodies Go* (*Mundo Sem Morte*); *The Fabulous Riverboat* (*Viagem Para Além da Morte*); *The Dark Design* (*Desígnio Negro I e II*) e *The Magic Labyrinth* (*O Labirinto Mágico I,II e III*).

No primeiro livro *Mundo Sem Morte*, Farmer começa por nos descrever as circunstâncias em que o pré-momento de ressurreição acontece. Tudo começa com a morte para uma nova vida. Deste modo o autor coloca as personagens perante uma mudança catastrófica:

"Meu Deus, vou morrer! A porta do quarto abriu-se e ele viu um camelo gigante, negro, com uma só corcova no exterior e, ouvira o tilintar dos guizos nos arreios quando o vento quente no deserto os tocava. Depois, um grande turbante negro surgiu à porta. O eunuco negro, Mandela, passara pela porta, movendo-se como uma nuvem, com uma gigantesca cimarra na mão. A Morte, a Destruidora das Delícias e Divisora da Sociedade, chegou finalmente."

No princípio eram as Trevas, o Vazio o Nada: o coração de Richard Francis Burton já não batia. A cisão completa entre Tempo e Espaço, entre Cronológico e Sensorial está consumada. O famoso explorador, linguísta, autor, poeta, espadachim e antropólogo inglês, morre em 1890 d.C., com sessenta e nove anos de idade e, contrariamente à sua expectativa, desperta da morte:

"Então os seus olhos abriram-se. O seu coração batia fortemente. Sentia-se forte, muito forte! Toda a dôr da gota nos seus pés, a agonia no seu fígado, a tortura no seu coração, tudo desaparecera."

Não há Passado, Presente ou Futuro. Não há Morte, apenas Transformação. Passado, Presente e Futuro parecem a certa altura perder pertinência por fazerem parte de um contínuo de Eternidade.

"O silêncio era tão grande que ele podia ouvir o sangue a mover-se na sua cabeça".

"Estava só num mundo sem som."

"Não havia nada onde se apoiar para se levantar, porque ele (Burton), estava suspenso no nada."

Burton encontrava-se agora suspenso no Vazio. O mundo agora tomara outra forma que ele podia distinguir, sem que no entanto pudesse entender. À sua volta existiam corpos a flutuar dispostos em filas, verticais e horizontais, separadas por varas vermelhas muito finas:

"A vara [na qual Burton estava suspenso] vinha de cima, do infinito e descia até ao infinito."

"As varas vinham de um abismo sem fundo e mergulhavam num abismo sem tecto."

"(...) e viu outros corpos nus e sem cabelos. (...) Também ele estava nu e sem cabelos".

Está agora numa câmara enorme, contendo milhares de milhões de corpos a flutuar no ar, e Burton:

"Poucos segundos depois, algumas filas atrás, viu o corpo de um homem adulto sem pele nenhuma e com todos os músculos do rosto. Havia outros corpos ainda não completos. Muito ao longe, pouco claramente visível, havia um esqueleto e uma confusão de órgãos dentro dele. (Burton) continuou a voltar e a observar, enquanto o seu coração batia contra o peito com terror."

"Mas então compreendeu que estava numa câmara colossal e que as varas de metal irradiavam qualquer força e que, fosse como fosse, suportavam e faziam girar milhões - talvez milhares de milhões - de seres humanos."

Ao longo de toda a obra caminhamos no sentido dispersão/integração; tudo o que no início parece caótico, inacabado e demasiado perturbador vai adquirindo sentido sempre na direção da *Torre Polar*.

"De todos aqueles milhões só ele estava acordado."

Só ele tinha acesso aquele pré-momento de ressurreição.

De repente o mundo toma forma, e Burton, é apenas um, entre os trinta e cinco mil milhões de seres humanos das mais diversas épocas da história da humanidade e regiões do globo, que ressuscitam sob um céu não familiar, à beira de um Rio com cerca de quilómetro e meio de largura, e dezasseis milhões de quilómetros de comprimento.

"Estavam todos nus e calvos e, tinham adquirido a aparência e potencialidades de alguém com 25 anos de idade."

Burton não possuía o corpo engelhado, encordado, nodoso e mirrado do velho de sessenta e nove anos que ficara no seu leito de morte. Tem agora um corpo de pele lisa e poderosamente musculado que ele tivera aos 25 anos de idade. Burton está agora à beira de um Rio.

"Todos se moviam de um lado para o outro, sem objectivo aparente. Isto num primeiro momento em silêncio, para de repente os homens as mulheres e as crianças começarem a gritar, a soluçar a rasgar os rostos com as unhas ou a baterem no peito ou a caírem de joelhos e a levantarem as mãos em prece, ou atirando-se para o chão e tentando enterrar os rostos na relva como avestruzes para não serem vistos, ou ladrando como cães ou uivando como lobos."

O terror e a histeria espalharam-se e Burton sentia-se impotente para esclarecer todas as dúvidas que o invadiam, diante de todo aquele cenário. É nas margens deste Rio que a Humanidade ressuscitada se vê sujeita a uma vida primitiva e brutal, bem distante daquela que as religiões afirmavam existir para além da morte. Ali não havia Deus.

"Onde se situava aquele lugar? Por certo que não era a cidade de Trieste, no império austro-húngaro, em 1890"

"Não era nada parecido com o céu ou o inferno de que ouvira falar ou lera, e ele supusera conhecer todas as teorias da vida, depois da vida. Tinha morrido. Agora estava vivo. (...) Uma vez por todas, não podia negar que se enganara."

"Ele [Burton] gabara-se de não ter medo. Agora (...) o seu medo esmagava-o e espremia dele a nova vida."

Ao fim de algum tempo, Burton olhou para a planície e verificou que o ruído da multidão mudara. A maior parte das pessoas falava umas com as outras;

"alguns homens e mulheres abraçavam-se e beijavam-se, como se tivessem sido conhecidos nas suas vidas anteriores"

Parecia que sentiam necessidade de se assegurarem da Identidade uns dos outros, e da sua própria Realidade. Estavam muitas crianças no meio da grande multidão. Mas nenhuma tinha menos de cinco anos e, tal como os mais velhos, também tinham as cabeças sem cabelos. Em todos eles se notava uma contradição: velhos acima do pescoço (porque calvos), e crianças abaixo do umbigo (porque sem pêlos). Metade delas choravam, e não saíam do seu lugar. A outra metade gritava e corria de um lado para o outro. Olhavam para os rostos dos adultos, talvez à procura dos pais.

É utilizando este mesmo cenário que Farmer coloca num mesmo tempo seres de épocas tão distantes: desde Richard Francis Burton do séc. XIX d.C., a Monat Grrautut do ano de 2002 d.C.. Outro homem que seguia na multidão, atraiu especialmente a atenção de Burton; se Monat era não-humano este obviamente era sub-humano ou pré-humano:

"tinha cerca de metro e meio de altura. A sua cabeça estava lançada para a frente sobre um pescoço curvo e muito grosso. A testa era baixa e oblíqua. O crâneo era longo e estreito. Enormes arcadas supraciliares... O nariz era uma mancha de carne com narinas arqueadas, e os ossos salientes dos seus maxilares empurravam para fora os lábios finos."

Agora não tinha nem um pêlo. *"As mãos enormes pareciam capazes de espremer uma rocha até fazer sair água dela."* Kazz, o amigo inseparável de Burton, e Peter Jairus Frigate (1918-1983 d.C.), autor americano de ficção científica, passam a fazer parte do grupo de Burton. Todos juntos procuram uma forma de sobreviver naquele Mundo. É nesta altura que se aproxima deles uma mulher que pede protecção:

"tinha uma altura média com umas formas soberbas e um rosto que seria belo se estivesse emoldurado por cabelos. Os olhos eram grandes e escuros. Não fazia qualquer tentativa para se cobrir com as mãos."

Burton ao vê-la fica atordoado. Tratava-se de uma inglesa de Oxford; Alice Pleasance Hargreaves (1852-1934 d.C.). Depois das apresentações já fazia parte do grupo. Foram seguindo ao longo da margem do Rio, enquanto cada um ia falando das suas experiências, durante a vida, na Terra.

"Subiram até ao alto da edificação mais próxima em forma de cogumelo. O granito era de grão grosso e cinzento, salpicado fortemente com vermelho. Sobre a sua superfície plana, estavam setecentas cavidades, que formavam 50 círculos concêntricos. A depressão ao centro continha um cilindro de metal."

Quando se aproximaram surge um homenzinho de pele escura com um grande nariz e um queixo recuado, que também examinava o cilindro. Este olhou para eles sorriulhes e falou-lhes em alemão. O seu nome era Lev Ruach.

Este imediatamente reconhece Monat, eram ambos do século XX d.C.. Trata-se de mais um homem disposto a seguir Burton. Entretanto todo o grupo foi seguindo através da planície, até às colinas. Burton queria averiguar que tipo de vegetação crescia ali, e se existia algum tipo de pederneira útil ao fabrico de armas. Quem os poderia ajudar era Kazz, que devia conhecer a maneira de as fabricar. Pelo caminho outros se foram juntando ao grupo.

Durante a exploração foram encontrando quartzo, basalto, bambu e capim, junto à base da montanha. Estes materiais foram considerados por Burton, essenciais ao fabrico de armas (facas, pontas de lanças, machados...). Uniam-se esforços na construção destas armas "um tipo de homem (Kazz) que vivera cem mil anos ou mais antes de Cristo, e outro (Monat), o termo refinado da evolução humana, um produto da mais alta civilização da Terra, tecnologicamente falando", estavam agora juntos, unidos pela mesma força.

Meia hora depois, o grupo estava armado com machados de mão, machados com cabos de bambu, punhais e lanças com pontas de madeira e de pedra. E no caminho de regresso ao Rio,

"pararam por um momento no cimo de uma colina mais alta (...) Ainda que a distância fosse muito grande para poderem distinguir quaisquer figuras do outro lado da corrente, de quilómetro e meio de largura, podiam ver os edificios em forma de cogumelo; os Graais".

O terreno do outro lado era igual ao deles. Uma grande planície com cerca de quilómetro e meio de extensão e talvez quatro quilómetros de colinas cobertas de árvores. *"Atrás uma montanha negra e azul-esverdeada, intransponível."*

O Primeiro Dia da ressurreição já ia a meio quando uma chama azul saiu de cada estrutura de pedra, Grande Graal, subiu pelo menos seis metros e desapareceu.

"Alguns segundos depois, o som de um trovão distante passou por eles. O estampido alcançou a montanha, atrás deles, e ressoou."

Logo puderam perceber que se tratava de uma descarga de energia, facto que suscitou muita curiosidade em todos, que logo correm na direcção do Graal. Burton sobe para o cimo do cilindro e diz com grande excitação: *"Isto é um verdadeiro Graal"*. Ali estavam seis contentores cheios de comida: bife, pão com manteiga, marmelada, salada, cigarros, vinho, goma dos sonhos, marijuana... Além dos Graais principais, dispostos ao longo do Rio, cada humano possuía um cilindro individual que ia abastecer ao Grande Graal. Em pouco tempo, após esta magnífica descoberta:

"Os cogumelos, [Graal], a norte e a sul, de ambos os lados do Rio, estavam cobertos por pessoas que lutavam entre si. Burton caminhou até se ver livre da multidão e depois sentou-se (...) a observar aquela massa fremente e barulhenta. Dir-se-ia que o cogumelo (Graal), tinha sido assaltado por

vermes pálidos. (...) Alguns deles vermelhos porque o sangue fora derramado."

Agora a questão principal era: Saber como, e porquê, voltar à vida em corpos rejuvenescidos?

"Quem possuía uma ciência daquelas era como um Deus."

"Como se daria o aparecimento mágico destes artigos num contentor que antes estava vazio";

Eram outras questões a que ninguém no grupo conseguia responder, apesar dos palpites que cada um ia dando.

Aquele ambiente, especialmente a goma dos sonhos, parecia exercer uma influência poderosa sobre todos aqueles seres humanos. Despertavam-se paixões e desejos: Burton e Alice (que vivia os seus sentimentos carregados de culpa e moralidade, facto que a afastava cada vez mais de Burton); Frigate e Loghu (uma grande afinidade entre ambos); Ruach e Tanya Kauwitz (judia, de descendência russa, nascera em 1958 d.C., no Bronx, Nova Iorque, professora de inglês...). A goma dos sonhos de que todos os ressuscitados tinham provado naquela noite *"tivera efeitos afrodisíacos sobre muitos"*, inclusivamente sobre o grupo de Burton. Mas também provocou algumas tragédias: agressões, assassínios, alegria, tristeza, penitências, violações....

"Foi a goma, evidentemente, que abriu a porta da jaula", diz Frigate.

Mas Burton considerava as drogas não geravam desejos ou acções, mas apenas permitiam que a vontade de as realizar fosse cumprida. E como tal, nenhum homem se poderia acusar a si próprio ou ao outro.

Mesmo os mais envergonhados, como Alice, de educação tão religiosa, perdiam o seu pudor, quando todas as pessoas estavam nuas. Como é que as regras sociais de cada

homem se podem manter, num planeta no qual, se cruzam e convivem de perto, tantas culturas diferentes? A aceitação da nudez vinha do choque da ressurreição.

"E havia como que um tempero das pessoas civilizadas com as pessoas 'selvagens'".

Cerca de 800 metros adiante encontraram uma colina onde construíram as suas cabanas de bambu com telhados de capim.

Passados sete dias a maior parte das pessoas já se tinham estabelecido ao longo do Rio, e tinham construído as moradias junto das pedras Graal, numa área de 22 quilómetros quadrados, o que dava 100 pessoas por quilómetro quadrado. Pode parecer muita gente, mas;

"as colinas eram tão densamente arborizadas (70 m de altura ou mais), e tinham uma topografia tal, que um pequeno grupo que vivesse ali podia sentir-se isolado."

Por uma convenção aceite por todos, ao primeiro dia - *O Dia da Ressurreição* - deu-se o nome de Domingo, e ficou decidido que se iria chamar simplesmente *Primeiro Dia*.

Fala-se já em *direitos de propriedade* e as pessoas organizam-se e dispõem-se por territórios com fronteiras definidas. O instinto da propriedade a que chamaram sempre *imperativo territorial*, dominava agora naquela população. A escravatura do Graal era outro sistema reinante, segundo o qual os mais fortes davam aos mais fracos o essencial para comer, mas retirando-lhes qualquer fonte de prazer como: os cigarros, os charutos, a marijuana, a goma dos sonhos, o álcool e a comida mais saborosa. Parecia que todos os membros da humanidade ressuscitada eram descendentes de uma cultura que sempre encorajou a guerra, o assassinio, o crime e a violação, o roubo e a loucura. Mas é com esta gente que Burton e os seus companheiros estão a viver.

Ao longo do Rio cerca de 90% da população é formada por Ingleses e Escoceses dos princípios do século XX d.C., e cerca de 10% de antigos Sibaritas. Do outro lado do Rio havia uma mistura de Mongóis do tempo de Kubilai Khan ou Cublai Cã (1260-1294 d.C.), e algumas pessoas morenas que pela descrição correspondiam aos índios da América do Norte. Para comunicarem entre si todas as pessoas adoptaram, como alternativa uma linguagem universal: o *Esperanto*. Havia ali tantas linguas e dialectos, talvez cinquenta ou sessenta mil, quantas a humanidade usara nos seus milhões de anos de existência, que seria bom começar a propagar esta lingua sintética, inventada por um oculista polaco; Dr. Zamenhof em 1887 d.C.. Precisamente porque o Esperanto repousa na máxima internacionalidade das raízes e na invariabilidade dos elementos lexicológicos.

No 12º dia do Ano 1, D.R. (Depois da Ressurreição) aperceberam-se que as pedras Graal, além da comida, ofereciam agora roupas (saiotes, cobre-seios e turbantes). O cabelo voltava a crescer pelas várias partes do corpo, excepto no rosto.

Passados 60 dias o grupo de Burton já tinha construído um barco. O dia do lançamento chegara. *Hadji (O Peregrino)*, tinha cerca de 12 metros de comprimento. Antes de partirem para a grande viagem, Burton fala para a população local:

"Alguns de vocês perguntaram, porque devemos partir para um destino, que não sabemos a que distância está, e que pode até não existir. Dir-lhes-ei que estamos a largar vela, porque o Desconhecido existe, e nós queremos torná-lo Conhecido...Estamos livres pela primeira vez na história humana. Livres! Não pagarei tributo a ninguém; não deverei lealdade a ninguém...excepto a mim próprio!"

Nessa manhã, a planície estava apinhada de gente, em torno do barco. Todas as pessoas, que tinham vindo de quilómetros de distância, estavam ali. Naquele planeta não havia mapas nem histórias de viajantes para os guiarem; ***o mundo tinha de ser criado em cada quilómetro que avançassem***. Poucos minutos depois o *Hadji* foi

lançado ao Rio; deslizou, subia e descia nas ondas. O sol estava brilhante e quente. O desafio está lançado.

Exactamente 415 dias mais tarde, tinham passado por 24 900 pedras Graal, na margem direita do Rio, tinham percorrido cerca de 100 Kms por dia. Paravam durante o dia para carregarem os Graais e à noite para dormir. Já tinham percorrido 40 000 Km e O Rio continuava.

"Se o Mississipi-Missuri, o Nilo, o Congo, o Amazonas, o Yangtzé, o Volga, o Amur, o Hwang, o Lena e o Zambeze tivessem sido colocados uns a seguir aos outros nada se assemelhava com aquele Rio. Por toda a parte se podiam descobrir planícies, colinas cobertas de árvores, cordilheiras de montanhas que podiam atingir 6 000 metros de altura". (Farmer)

"Por vezes O Rio alargava e tornava-se num lago, com cinco, oito, dez quilómetros de largura. De vez em quando, a linha de montanhas curvava-se, uma ao encontro da outra, e o barco passava por desfiladeiros cuja estreita largura obrigava a água a ferver e o céu era um fio azul muito distante, com as muralhas negras a comprimi-lo."

Por onde quer que passassem, dia e noite, homens, mulheres e crianças formavam grandes massas nas margens do Rio. A Ressurreição não se dera ao acaso. A Humanidade ressuscitara ao longo do Rio numa sequência mais ou menos cronológica e nacional. Através das suas investigações, Burton chegou à conclusão de que cada área era composta por 60% de pessoas de uma mesma nacionalidade e de um mesmo período, 30% de pessoas de diversas nacionalidades e épocas diferentes e 10% de outros.

Todos os homens tinham ressuscitado circuncidados e todas as mulheres virgens, que para a maior parte delas, não foi além da primeira noite, naquele planeta. Até então ninguém ainda ouvira falar de uma mulher grávida. Quem os colocou ali não permitia que se reproduzissem. Se tal se verificasse o Vale do Rio ficaria repleto e atingiria o ponto de saturação, uma vez que, os que morriam, voltavam a ressuscitar, embora

numa área diferente daquela em que tinham morrido. No princípio parecia também não existir vida animal, mas agora sabia-se que:

"várias espécies emergiam do solo durante a noite. E o Rio continha pelo menos cem espécies de peixes"

A partir deste momento tudo é realizado com um mesmo objectivo; chegar à nascente do Rio, onde estão os *Éticos*. São estes, os que estão na posse de toda a *Verdade*. Apenas 12 Seres invisíveis têm acesso a este *Conhecimento*. Tudo é imprevisto, desconhecido e indefinido, cabe aos heróis da história desvendar *O Segredo*, seguindo o caminho da *Inteligência*, à procura da *Torre Polar*. Durante a viagem Frigate chama ao Vale do Rio:

"a grande bacia do tempo. E a maior experiência antropológica e social de todos os tempos".

À medida que mergulhamos na história verificamos que as personagens que procuram a Verdade fazem-no movidas pela Fé no Conhecimento. É na *Torre Polar* dos *Éticos* que se encontra a Luz dissipada das trevas da ignorância. Apesar de todos os obstáculos e das várias tentativas para interceptarem o *Hadji*, Burton e os seus companheiros não desistem, e continuam Rio acima. O que será isto se não Fé?

Durante toda a viagem, muitos são os que tentam impedir a chegada de Burton à Torre Polar. Goering é um dos que no início está contra Burton, mas no final da viagem, já na Torre Polar, morre pela conquista da Verdade e da Imortalidade. Os *Éticos* são aqueles que, ao longo de toda a viagem, também vão atrasar os projectos de todos os que querem avançar nesta viagem.

Os *Éticos* são os herdeiros de algumas culturas precedentes, algumas não-humanas, que assumiram a tarefa do registo e ressurreição de muitos mundos através do Universo, desde aproximadamente 99 000 a.C. a 2 983 d.C.:

"se não o tivessem feito, todos os seres conscientes que morreram, estariam mortos para sempre".

Burton começa a ser perseguido pelos Éticos. Estes querem apagar da sua memória, tudo quanto viu na *Câmara de Corpos Flutuantes (Bolha da Pré Ressurreição)*. Burton faz todos os esforços para escapar, no entanto um d'Eles está interessado em ajudá-lo. O *Estranho Misterioso (X)* procura Burton com o objectivo de lhe revelar alguns sinais, sobre aquele mundo, sobre os Éticos e acerca da Igreja da Segunda Oportunidade criada por eles. É este "homem", um dos doze que, não querendo revelar a sua Identidade, vai trair a sua própria Origem, para ajudar Burton e todos os que estão com ele.

Os Éticos *"têm um traidor entre eles"* que surge diante de Burton como *"uma sombra pálida sem feições"*. Tinha um fino objecto de metal entre os olhos, do qual saía um feixe brilhante apontado para Burton. O vulto sombrio retirou o dispositivo e falou-lhe em inglês:

"estou com Eles, mas não sou um d'Eles... O que essa criação Ética, a Igreja da Segunda Oportunidade, ensina são tudo mentiras! A verdade é que vocês, humanos, só foram ressuscitados para fazerem parte duma experiência científica".

Esta experiência tem um único objectivo:

"registar a vossa história e costumes (...) e observar as vossas reacções à Ressurreição e à mistura das pessoas de diferentes eras (...) e quando esta missão tiver terminado voltarão todos ao pó".

Os Éticos, segundo a palavra do *Misterioso*, não creêm que os humanos ressuscitados tenham alma . Trata-se de um projecto científico e nada mais. Perante o *"único e verdadeiro Ético"*, Burton fica silencioso, mas tinha tantas perguntas a fazer... Não teve tempo, o Judas tinha de fugir porque os Outros tinham detectado a sua *Watham* ou *aura*, e ele parte apressado.

Estes factos começam a fazer sentido para Burton. Mas existem ainda muitas questões por responder. Porque é que o Estranho acordou Burton antes do tempo, na *Bolha de Pré-Ressureição*? Possivelmente para que Burton percebesse que tudo aquilo não era de Origem Sobrenatural. Este é o desencadeante de todo o processo de Conhecimento. A procura de explicações torna-se possível a partir daqui. Se é possível questionar é possível verificar. Da dúvida nasce a busca da resposta. Porque será que o Estranho precisa dele para encravar a *Máquina Cósmica* d'Eles? Que podia fazer Burton, um simples ser humano encurralado no Vale, tão limitado pela sua Ignorância, para ajudar o Judas?

Durante os sete anos seguintes Burton consegue escapar à detecção dos Éticos;

"se as suas contas estavam certas, fizera 777 viagens no Expresso Suicida".

Durante este período foi oscilando entre a vida e a morte, entre este e aquele lugar do Vale do Rio. Rodopiou e correu de povo para povo. Até que, de forma inesperada se viu num outro lugar:

"estava sentado numa cadeira de um material qualquer, muito flexível. A sala era uma esfera perfeita; as paredes eram de um verde muito pálido e semi-transparentes".

Seis homens e seis mulheres, todos de muito boa aparência e, tanto os homens como as mulheres, usavam as unhas das mãos e dos pés pintadas, batôn, brincos e olhos pintados.

"Acima da cabeça de cada um, quase a tocar o cabelo, girava um globo multicolor com cerca de trinta centímetros de diâmetro, que relampejavam e mudavam de côr, e de cada um saíam, por vezes grandes tentáculos hexagonais, verdes, azuis, negros ou de um branco brilhante".

Loga está entre os doze Éticos. Estes parecem assustados por temerem que Burton seja "um dos homens" sobre o qual já tinham sido avisados, por uma espécie de *Computador Gigante* e pelo seu *Operador*. Após proferirem algumas palavras, Loga e todos os outros fizeram um estranho sinal:

"tocaram na testa, nos lábios, no coração e nos órgãos genitais com os três dedos mais compridos da mão direita".

Referiram-se a alguém como o *Único e Omnipotente*, repetindo todos, uma vez mais, o mesmo sinal. Enquanto Loga ia dando algumas explicações incompletas, vagas e sempre interrompidas pelos outros, muitas dúvidas nasciam na mente de Burton;

"se os seres humanos podem atingir um estado tão altamente Ético que lhes permita "prosseguir", porque é que Eles, Éticos, supostamente criaturas superiores, continuavam ali ?"

Burton já não podia utilizar o suicídio a seu belo prazer. De agora em diante, diz-lhe Loga, ele vai ter de lutar para se manter vivo, como o fazia na Terra. Há um limite para o número de vezes que um homem pode ser ressuscitado. Para além desse limite a aura pode ter dificuldades em se voltar a ligar ao corpo, tornando-se numa alma perdida:

"que vagabundeia sem corpo através do Universo; podemos detectar esses psicomorfos sem a ajuda de qualquer instrumento, observa Loga, ao contrário dos "Salvos" que desaparecem inteiramente do nosso domínio".

No final o Ético que possuía uma pedra preciosa no lugar do olho esquerdo, provavelmente o Chefe dos Doze, disse num tom que denotava alguma insegurança e raiva:

"o Traidor, o sujo Desconhecido...está a desperdiçar as suas possibilidades de vida eterna, em favor dos objectivos dele (...) Ele ou Ela...representa o Mal".

Alguns Éticos, disfarçados de terrestres, como Spruce e John Collop, difundiam pelo mundo do Rio a concepção religiosa de vida eterna, através da Igreja da Segunda Oportunidade. Segundo eles, um habitante do Rio não podia prosseguir sem que atingisse um alto *Nível Ético*; um certo estado de *Ser Bom*. Ao fim de 100 anos este projecto será posto de parte e os que entretanto não conseguiram alcançar um *Nível Ético* morrerão para sempre. Os que conseguirem serão absorvidos pela *Divindade*.

Burton não viu que alguém de entre os Doze, lhe tivesse apontado algum instrumento,

"mas a consciência saltou dele tão rapidamente, como uma seta de um arco, e ele acordou..."

Agora, e mais do que nunca, estava disposto a prosseguir. Burton mal escutava os seus amigos, que já não via há tantos anos. Tremia e o seu coração batia aceleradamente. Ele lembrava-se de tudo; de ser despertado na Bolha da Pré-Ressurreição, muitos anos antes, e da inquisição com os *Doze Éticos* na *Torre Polar*. Apenas uma explicação era possível: a memória de Burton foi gravada, mas o *Estranho* modificou secretamente alguns circuitos do *Computador* e arranjou uma forma de o Conselho dos Éticos acreditar que as memórias dele estariam apagadas. Burton estava agora, de volta ao Vale do Rio com os seus amigos e acreditava que existissem possivelmente *"outros seres humanos aos quais o Estranho também se revelaria"*. Talvez Burton os encontrasse e,

"Todos juntos assaltariam a Torre".

Ele o *"eterno peregrino e vagabundo"* *"deseja"* subir as muralhas do Grande Graal. *"Quer"* desvendar o Segredo da Ressurreição e daquele Planeta; está convencido de que *Aqueles* que criaram aquele mundo, também construíram a Torre".

E vai construir um novo barco para subir *O Rio*, até ao fim.

No segundo livro, *Viagem para além da Morte*, Farmer fala-nos de Samuel Clemens, ou Sam Clemens, o escritor americano, que sonha em construir um grande barco de rodas, no qual viajará pelo Rio até à nascente. Cedo se apercebe que ainda falta muito tempo para poder iniciar a realização do seu sonho. O planeta é pobre em ferro e outros metais pesados.

Já se passaram 20 anos naquele planeta e Clemens vira milhões de pessoas, mas nenhuma que tivesse conhecido na Terra. Excepto uma que lhe pareceu, através do seu telescópio, ser Sir Richard Burton. "*Teria gostado de desembarcar e falar com ele, saber se era de facto Burton.*"

Joe Miller, amigo inseparável de Clemens, até à morte, tinha uma aparência não-humana, tinha cerca de 3 metros de altura e pesava aproximadamente 400 Kg. Possuía uma cabeça, tão grande como um barril, constituída por ossos salientes.

Clemens dava graças aos deuses, quaisquer que eles fossem, por ter caído nas boas graças de Joe Miller. Eram irmãos de sangue. Miller defendê-lo-ia e Clemens defenderia Miller, até à morte.

Para a construção do barco, além do metal, Sam precisava de homens com conhecimento: engenheiros e técnicos. Juntos partem em busca de ferro. Esta viagem poderia demorar cem anos, talvez dois ou três séculos, mas Sam não ia parar enquanto não encontrasse a nascente do Rio.

Sam também é visitado pelo *Estranho Misterioso* que começa por dizer-lhe:

"Não tenhas medo! Não te farei mal! Vim para te ajudar!"

Apresenta-se como um d'Os Doze, mas não está do lado d'Eles. Está do lado dos seres humanos. X não quer que a sua gente complete "*o seu nojento projecto*", e continua:

"Contactei até agora com três humanos; você é o quarto. Eles têm consciência de partes do plano, mas não de todo ele. Se qualquer um deles for descoberto e interrogado, só poderá revelar aos Éticos uma pequena parte. O plano deve cumprir-se lentamente e tudo deve parecer accidental".

Diante de tal revelação, o coração de Sam, batia com tanta força que a sua voz parecia abafada. Porque será que X quer que Sam construa o barco? E X continua:

"Você vai precisar de bauxite para obter alumínio, além disso a platina é um catalizador útil para muitas coisas que você deverá ter no seu barco (...) há também sílex a 30 Km para cima".

Inesperadamente o Estranho transforma-se numa sombra e desaparece. Não havia tempo para mais explicações. Sam ainda o procurou, mas em vão, não havia ninguém. Agora sabia que era um dos escolhidos para a grande Viagem. Sam não queria construir um barco a vapor, o que tornaria a viagem mais demorada, mas um barco com motores eléctricos. Aquele mundo possuía fontes riquíssimas nesta matéria; as pedras Graal dispostas ao longo do Rio.

As escavações começaram e, para manter o seu plano, Sam vai ter de travar algumas batalhas e submeter-se a alguns pactos, nomeadamente com um chefe e guerreiro, João Sem Terra a quem Sam chama "*serpente venenosa*".

Ao grupo de Sam vêm juntar-se três desconhecidos: "*O mais alto era um homem com um rosto comprido, magro, moreno e com um grande nariz curvo*"; Hector-Savinien de Cyrano II de Bergerac.

O segundo homem era "*um jovem de cabelos louros e olhos azuis*", que se apresentou como Hermann Goering, que entretanto se tinha convertido à *Igreja da Segunda Oportunidade*. Goering, pregava agora fanáticamente o pacifismo absoluto como via de acesso à *Salvação Eterna da Alma*, ou *Ka*, como eles lhe chamavam. O terceiro

desconhecido, para grande espanto de Sam, era Livy, aquela que tinha sido sua mulher na Terra.

O Barco do Rio movia-se através dos sonhos de Sam como um diamante resplandecente. Teria o nome de *Não Se Aluga*, com 134 metros de comprimento e 28 metros de largura. Seria fortemente armado e blindado, e seria o único barco de metal no Rio e Sam Clemens seria o Capitão.

Em Parolando (*Terra de Twain* ou *Terra do Par*), habitavam 1000 pessoas, mas o barco levava apenas cento e vinte. Pelo menos vinte já sabiam que iriam: Sam, Joe Miller, Lothar Von Richthofen, Van Boom, Bergerac, Livy, Odysseus, três engenheiros, o Rei João as suas companheiras de cabana e, o seu guarda costas, um enorme mongol paleolítico. Os restantes só saberiam poucos dias antes de o barco largar;

"Esses felizes seriam os tripulantes do Não Se Aluga".

Este barco teria de percorrer 8 milhões de quilómetros, o que daria em média 576 Km em cada 24 horas. Precisariam de 41 anos ou mais para chegarem à nascente do Rio.

Para Sam "era estranho pensar que teria cerca de 140 anos de idade quando alcançasse a nascente do Rio. Mas o que era isso. se comparado com os milhares de anos de juventude que teria à sua frente?"

A construção gigantesca do *Não Se Aluga* vai crescendo, assim como todos os meios materiais e humanos necessários. Todos os habitantes de Parolando participam, mais ou menos directamente, no grande evento.

A construção de armamento também avança e Van Boom convoca Sam e João para assistirem à demonstração da primeira pistola; a *Mark I* (de *Mark Twain*).

Pelo que Sam dizia, era uma máquina invencível, um monstro que *podia "esmagar um reino sozinho. Possui um canhão a vapor que o mundo, na Terra ou aqui, nunca viu"*. A este anfíbio blindado deram-lhe o nome de *Dragão de Fogo I*. O que importava agora era que Parolando estivesse bem protegida, até que a construção do Grande Barco estivesse concluída.

Sam discute com Goering os princípios da *Igreja da Segunda Oportunidade*, e alerta-o para o facto de a sua pregação estar a atrasar o seu projecto. Mas Goering contrapõe:

"O seu objectivo não trará a ninguém qualquer vantagem. Até agora só resultou na devastação da terra, em cobiça, dôr e sangue, em angústia e traição. Em ódio, muito ódio! (...) Poderá viajar até à nascente do Rio. E quando ali chegar o que encontrará? Será uma viagem até à nascente da alma!"

Sam voltou-lhe as costas sem se sentir triunfante mas antes revoltado: *"A ignorância invencível perturbava-o sempre, ainda que soubesse que devia simplesmente rir-se dela"*.

A construção do barco atrasa-se. Para a sua conclusão precisam de magnésio, bauxite, platina, tungsténio, irídio e madeira. Para resolver esta dificuldade Sam resolve negociar a troca de matérias primas com os povos vizinhos.

Na noite seguinte Sam acorda entre madeiras e vidros partidos. A terra tremia devido a explosões. O palácio de João tinha sido invadido, e agora estava a arder. As forças de Soul City tinham invadido Parolando com o acordo de João, que deste modo traíra Sam. Durante as horas que se seguiram foi o caos:

"Uivos, gritos, chamamentos, fedor de pólvora e de sangue, de suor, capaz de revolver as tripas".

O grupo de Sam organizou-se e todos juntos defendiam, até à morte tudo quanto tinham construído, especialmente o barco. Sam não podia sequer pensar em vê-lo danificado. Sam olhou à sua volta;

"Cada ataque dizimara os seus amigos. Olhou pela última vez para o casco gigantesco do Barco do Rio, com as suas duas rodas de pás, meio escondidas sobre os andaimes, atrás dos guindastes colossais (...) Teve vontade de chorar mas estava demasiado atordoado. Era provável que o seu sangue corresse antes que as lágrimas surgissem".

Agora tudo estava perdido, assim como a sua pequena e orgulhosa nação!

"Com as suas minas de ferro-níquel, as fábricas, os anfíbios invulneráveis (...) os dois aviões e o fabuloso Barco do Rio (...) os triunfos tecnológicos, a Magna Carta - a mais democrática constituição que qualquer país conheceu - e o objectivo da maior viagem de todos os tempos. Tudo perdido!"

O Rei João traiçoeira Sam, mas também tinha sido traído pelo Governador de Soul City. Goering, Firebrass e Gwenafra foram capturados por alguns árabes daquela região. Os restantes elementos do grupo de Sam estavam todos a salvo num abrigo por eles construído para uma emergência. Entretanto, Sam é de novo visitado:

"O homem que falava era enorme, com ombros muito largos, um peito forte e braços muito musculosos. Vestia um saiote preto e uma capa preta, e tinha na mão o cabo de um machado".

O homem revelou-lhe que quem o enviara ali, ambos conheciam. Foi o *Estranho Misterioso*, disse logo Clemens. Ele tinha enviado aquele homem que se apresentou como John Johnston, um americano nascido em 1827 d.C., e morto no Hospital dos Veteranos em Los Angeles em 1900 d.C.

"O Misterioso Desconhecido não o abandonara inteiramente (...) enviara-lhe um homem [Johnston] muitíssimo bom para lutar - um héracles".

Firebrass e Gwenafra são libertos e o grupo de Sam regressa a Parolando para observarem o que tinha restado. Nem tudo tinha de ser reconstruído a partir do zero. O Barco, quase sem danos, foi encontrado numa colina do outro lado do Rio a quilómetro e meio para baixo. Entretanto, João revela a Sam que quer continuar com ele e, viajar a bordo do Barco. Passaram-se três anos e o Grande Barco está pronto.

"Não havia mais nada a fazer, excepto experimentá-lo (...) De ambos os lados do casco, três metros acima da linha de água, lia-se: Não Se Aluga".

Este nome não foi escolhido ao acaso. Para Clemens, aquele era um barco livre, e a sua tripulação era constituída por almas livres. No dia do 26º aniversário da Ressurreição as rodas do *Não Se Aluga* moveram-se pela primeira vez; uma hora depois de carregarem os *Graais* do pequeno-almoço, o Barco entrou no Rio "com uma graça majestosa".

Tinha 134 metros de comprimento, e uma largura de 28 metros. Os gigantescos motores eléctricos que faziam girar as rodas, desenvolviam 10 000 cavalos-vapor. A velocidade máxima era de 48 nós em águas paradas. Quem o conduzia era Robert Styles, um velho piloto do Mississipi que, na Terra, tinha conhecido Sam. Para Clemens era como

"estar no céu, ter o único barco do Rio que possuía um casco de metal e propulsão eléctrica".

João aceita, sem qualquer hesitação, que Sam assuma a posição de comando. No entanto prepara um motim contra Sam; o mau presságio confirmava-se! O Barco de um momento para o outro transformou-se num campo de batalha, que Sam e o seu grupo acabaram por perder. Havia cadáveres e feridos por toda a parte. Livy estava

morta e, antes da batalha terminar, João assumia o comando do *Não Se Aluga*. Não havia mais nada a fazer se não saltarem para o Rio

"um após outro, com as balas a uivarem à sua volta".

Poucos minutos depois já todos estavam a salvo quando a voz de João berrou através de um altifalante:

"Adeus, Samuel! És um parvo! Obrigado por teres construído o Barco para mim. E mudarei o seu nome para um que me agrada mais! Vou saborear o fruto do teu trabalho! Pensa de mim o que quiseres! Adeus!"

João queria que Sam sofresse em vida aquela traição.

"Sam sofreria muito mais se permanecesse no sítio da sua derrota."

Joe Miller foi o único que permaneceu junto de Sam. Todos os outros fugiram o que o deixou desolado e verdadeiramente derrotado, não lhe restando outra alternativa, pelo menos por agora, se não desabafar com o seu melhor amigo:

"Se pudesse servir-me de alguma coisa, matava-me. Mas este mundo é um verdadeiro inferno. Nem se pode ter um suicídio decente. Acorda-se no dia seguinte com os mesmos problemas colados com cola".

A perda do barco foi um choque ainda maior do que ver Livy morta. Mas Sam desejando ser ouvido por João, berrou:

"Ainda te apanharei traidor! Construirei outro barco e com ele farei desaparecer do Rio o barco que me roubaste! Ninguém, absolutamente ninguém; o Desconhecido, o Diabo ou Deus. Ninguém, sejam quais forem os seus poderes, me impedirá disso!"

Em *Desígnio Negro (The Dark Design) I e II*, Richard Francis Burton e os seus companheiros estão de volta como protagonistas de uma história que parece não ter fim, tal como o Rio e a viagem a que se propõem.

"O navio roçava contra o cais e a água batia contra o casco".

Burton desperta de um sonho com os 12 Éticos, entre os quais reconhece Loga e Thanabur, que era obviamente o Chefe; o Ético com o olho de diamante azul. E logo ouve os passos leves de Peter Jairus Frigate, que passeava na vigia nocturna.

Burton tinha agora cento e um anos, mas o seu corpo continuava igual ao de um jovem de vinte e cinco anos;

"Os Éticos tinham amolecido as artérias endurecidas dos candidatos. Mas eles nada podiam fazer quanto à arteriosclerose da alma. Essa reparação parecia ter ficado a cargo do candidato".

Burton e os seus amigos tinham entretanto construído um outro navio; o *Hadji II*. Este navio, ao contrário do seu antecessor, era um "cutter" com um só mastro. A bordo seguiam Burton e Alice, Frigate e Loghu, Kazz e Besst, Monat e Owenonen (mulher da antiga Pelasgia pré-helénica que partilhava o leito do Arcturano). Já viajavam pelo Rio há 25 anos e Burton sempre tivera "o talento... de reunir um bando nada homogéneo de seguidores".

Lev Ruach, um dos que partilhara muitas aventuras com Burton, resolvera à última hora ficar em Theleme. Para Burton aquele era "um mundo de ilusões, físicas, metafísicas e psicológicas, como na Terra", e como na ficção científica.

Subitamente, por entre o nevoeiro, surge uma enorme jangada arrastada pela corrente, a grande velocidade. Vem direita ao *Hadji II*. Os tripulantes unem-se num mesmo esforço para evitarem a colisão. O barco acaba por ser lançado contra as rochas, e Burton cai de costas no convés;

"Os gritos à sua volta o ruído das madeiras a quebrarem-se e uma explosão final...", foram os últimos sons que ele ouviu.

Momentos depois, o choque da água fria tinha-o despertado. Nadou e quando temia que não pudesse aguentar a respiração por mais tempo, a sua mão alcançou um objecto; um grande tronco. Todos os amigos de Burton estavam ali numa das margens do Rio. Mas o barco desaparecera.

Agora Burton e a sua tripulação *"eram mendigos, dependendo da caridade dos outros"*. Todos estavam a salvo mas sem os seus Graais.

Foi preciso um ano para construir um novo Cutter. A este navio, Burton decide não dar o nome de *Hadji*, porque ambos tinham acabado mal. Ficou decidido no grupo que o novo barco se chamaria *Snark* (*A Caçada de Snark* é um poema de *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll).

Enquanto se formalizavam os últimos preparativos, Burton recebe notícias do barco que João roubara a Sam Clemens. O *Não Se Aluga* tinha agora outro nome, escrito em grandes letras negras: *Rex Grandissimus - "O Maior dos Reis"*. O comandante segundo os informadores era o filho de Henrique II de Inglaterra e de Eleanor. O capitão só poderia ser João Sem Terra a quem chamavam agora, *Joannes Rex Anglias et Dominus Hibernae*...O *Snark* é lançado à água no meio de muitas aclamações, mas Burton não estava tão contente como devia.

Burton e a sua tripulação partem e no fim do segundo dia, o *Snark* fundeou na localidade onde o grande barco de metal devia passar:

"Excelente! - disse Burton - Poderemos alcançá-lo amanhã e teremos um dia inteiro para convencer o Capitão João a aceitar-nos como memebros da sua tripulação".

Durante algum tempo o grupo foi especulando sobre a ressurreição e sobre o número de pessoas que agora habitavam no Vale, assim como sobre a época em que terá vivido a maioria deles. Todos os seres possuíam um simbolo na cabeça, que parecia pertencer a um sistema numérico. Estes simbolos idênticos a ideogramas chineses, eram visíveis apenas por Kazz e Besst e por seres com iguais capacidades de visão, para além do espectro. Todos possuíam estes sinais excepto os Éticos e os seus Agentes. Nessa mesma noite todos dormiam excepto Burton;

"A sua única companhia eram os seus pensamentos. Tendiam a espalhar-se como se fossem carneiros numa encosta. Burton tinha de trabalhar duramente para os trazer de volta, arranjá-los de uma maneira ordeira, e continuar a levá-los para o pasto. E qual era o pasto? Uma coisa amarga. Havia trinta e três anos a correr na sua memória."

Burton concentrava-se em Frigate e em Monat, tentando seleccionar acções e palavras de que poderia suspeitar. Mas havia muito pouco material disponível. Lembrava-se apenas de que Monat e Frigate foram as primeiras pessoas a falarem com ele, e do modo desembaraçado com que o fizeram, e da facilidade de adaptação aquele mundo, que logo demonstraram. Isso era estranho.

Burton descobre que Monat e Frigate estavam de tempos a tempos em contacto com os Éticos, e que ambos tinham acabado de fugir. Tem agora dois meios de apanhar os Éticos: Kazz e a história das ressurreições até ao ano 2008. O periodo de 1983-2008 era ainda uma incógnita, mas tudo indicava que os Éticos se situavam nesta época.

Frigate está agora num outro lugar do Vale do Rio; no Estado de Ruritânia. É escolhido para entrar a bordo do *Razzle Dazzle*, comandado por Rider e Farrington, que lhe perguntam:

"Chegar ao fim do Rio representa assim tanto para si? Espera encontrar lá resposta a todas as suas perguntas?"

E Frigate, citando *Os Irmãos Karamazov* de Dostoievsky, responde-lhe:

"Não quero milhões, quero respostas às minhas perguntas!"

Rider aproximou-se, apertou-lhe a mão e deu-lhe as boas vindas, a bordo do *Razzle Dazzle*. Poucos minutos depois era anunciada a escolha do novo tripulante, e partem a caminho da nascente do Rio.

Jill Gulbirra, mantendo-se perto da margem direita do Rio, navega por entre o nevoeiro *"como um fantasma, numa canoa fantasma"*. Subitamente o brilho duma fogueira, junto de uma Pedra Graal chama a sua atenção. Parece estar a chegar a território Parolando. Ouve algumas vozes, de homens, junto da fogueira.

A morte já não era temporária no *Vale do Rio*, e Jill viajava de noite por uma questão de sobrevivência. Ela sabia que eles, os habitantes daquele Estado, estavam a construir um dirigível gigante, que ela sonhava pilotar como comandante. Aproximou-se deles e fez-se anunciar em voz alta: *"Sou a pessoa que procuravam!"* Firebrass, Cyrano, David Schwartz deram meia volta e levantaram-se. Firebrass aproximou-se e exclamou:

"É uma mulher!"

"No entanto sou o homem por que esperava! - retorquiui Jill - Chamo-me Jill Gulbirra!"

Diante desta mulher tão decidida, ele não fez mais do que se apresentar e aos seus amigos. Apesar de tudo não vai ser fácil uma mulher como Jill viver em Parolando. Para ficar vai ter de "jurar pela sua honra (e perante Deus, se acredita em algum) que obedecerá às leis de Parolando. Nem "ses", nem "mas"". Todas estas imposições não amedrontaram o seu espírito de mulher lutadora.

Parolando estende-se agora por 64 Km ao longo de ambas as margens do Rio. Decorridos alguns dias, Jill comportava-se como se já fizesse parte do grupo de Firebrass. Chegou decidida a ir até ao fim. Sabia agora muito sobre a história daquele Estado e sobre o seu fundador; Sam Clemens.

Jill tinha como vizinho mais próximo, Ohara, mais conhecido por todos como Piscator (Pescador), provavelmente o imediato do futuro dirigível e, o amigo inseparável de Jill.

Firebrass revela a Jill alguns elementos do seu plano; a construção de dirigíveis para chegarem mais rapidamente à Torre Nebulosa ou "*Grande Graal*". Segundo a lenda é lá que se encontra o *Segredo* daquele mundo. Por momentos Jill ficou silenciosa. Parecia não entender o que ele lhe tentava transmitir. Firebrass confia no conhecimento e lealdade de Jill, e conta-lhe os factos marcantes da história de Parolando: as batalhas; a construção do *Não Se Aluga* e como Clemens o perdera para João, tendo recomeçado tudo de novo; a recente adesão voluntária de Soul City aos Estados Unidos de Parolando, e a nomeação de Greystock como Coronel e Governador de Soul City.

O dia seguinte foi marcado por um importante acontecimento: Firebrass consegue estabelecer contacto com o Mark Twain, pelo rádio. Sam transmite-lhe com entusiasmo que já percorreram cerca de 792 014 milhas em três anos. Firebrass comunica-lhe a presença de um novo candidato;

"Magnífico, de primeira classe. Uma australiana, Jill Gulbirra. Tem cerca de 80h de experiência em dirigíveis e é Licenciada em Engenharia".

Sam pareceu surpreendido, mas não mostrou qualquer oposição à sua presença e participação no grande plano.

"Falta ainda um ano, até que o dirigível esteja pronto - comentou Firebrass - e até que a tripulação esteja completa".

Mas as interferências voltaram e a comunicação terminou. Depois de, durante alguns minutos, tentar restabelecer contacto com Clemens, desistiu.

Muito tempo passou, e agora faltava apenas um mês para que o semi-rígido de treino estivesse pronto. Jill Gulbirra é a aeronauta mais experiente e ficará com a responsabilidade dos vôos de treino do Minerva. Os planos de construção do grande dirigível estão a cargo de Firebrass, Metzinger, Piscator e mais dez engenheiros. O cansaço e a tensão eram uma constante, e Jill para se manter em boa forma, esgrimia duas vezes por dia com Cyrano. Era uma excelente esgrimista e ele era um excelente professor.

Odysseus, um dos agentes do Ético X, já não andava por ali;

"desaparecera tão misteriosamente como aparecera".

Firebrass tinha enviado alguns agentes para descobrirem o seu rastro, mas sem sucesso. Jill perguntava muitas vezes a si própria *"qual fora a razão por que Odysseus resolvera combater ao lado de Clemens...Que tinha ele a ganhar?"* Aquele nome não lhe era estranho.

Dias depois, surge mais um candidato; um veterano dos grandes dirigíveis rígidos. Apresentou-se a Firebrass como Barry Thorn. Parecia muito à vontade apesar de estar na presença de estranhos e de enfrentar um interrogatório sobre as suas qualificações. Jill sentiu-o um *camaleão psíquico*. Firebrass estava radiante com a chegada de alguém tão competente e tão experiente.

Jill tem agora um rival na corrida para o comando do Grande Dirigível- *Parseval*. Thorn tinha um comportamento estranho; estava sempre muito metido consigo próprio, sem permitir qualquer aproximação, mesmo dos que viviam perto dele, o que levava Piscator a desconfiar da identidade daquele homem.

O outro candidato surpreendente era John de Greystock. Um barão medieval, apresentara-se como voluntário para fazer parte da tripulação do *Minerva*, quando atacassem o *Rex Grandissimus* porque ele odiava João e queria vingar-se. Três meses depois já era considerado por Jill e Firebrass o mais qualificado para comandar o pequeno dirigível.

Finalmente o grande dia chegara.

"Agora é de vez. É a largada final. Partimos para o Grande Graal, a Torre Nebulosa, a casa do Pai Natal, no Pólo Norte. O Pai Natal que nos deu os presentes da Ressurreição, Juventude eterna, comida, bebida e tabaco, gratuitos".

Firebrass nem queria acreditar; o seu *Parseval* tinha 820 m de comprimento. O seu diâmetro maior era de 328 m. Com uma capacidade de 6 360 000 metros cúbicos de gás. O seu revestimento de duralumínio contém 8 grandes células de gás...

Para além da tripulação de 98 homens e duas mulheres, o *Parseval* transportará dois helicópteros, cada um deles com uma capacidade de 32 pessoas e um planador de 2 lugares.

O piloto-chefe era Cyrano de Bergerac. À direita de Cyrano está Milton Firebrass, à esquerda o terceiro oficial-piloto Mitya Nikitin, e à sua direita está o imediato Jill Gulbirra. Barry Thorn é o primeiro-oficial da secção da cauda.

"Muito acima do mundo o dirigível cintilava como uma estrela, ao passar pelo buraco da agulha celeste."

A uma altitude de 6100 metros a tripulação do Parseval tinha uma visão muito ampla do Mundo do Rio.

"Um fotógrafo na redoma da proa, fazia o primeiro levantamento aéreo do planeta (...) o radar estava também a fazer medições de altitude das paredes das montanhas. Até então, o ponto mais alto fora de 4564 metros."

Em vinte e quatro horas viajara aproximadamente uma distância igual à que separa a cidade do México da baía de Hudson no Canadá. Nesse mesmo dia Firebrass entra em contacto com Sam no *Mark Twain*, dando-lhe notícias de Greystock. Este seguia o rumo nordeste para alcançar o *Rex Grandissimus*. Sam transmite-lhe os seus desejos de vingança, de João Sem Terra;

"Não sou um homem vingativo, Milton, mas o que essa hiena fez, levaria até São Francisco de Assis, a atirá-lo de um precipício abaixo a pontapés".

E daí a uma hora o *Parseval* estava a sobrevoar a área do *Rex Grandissimus*. *"Firebrass e Bergerac odiavam profundamente o homem que roubara o seu fabuloso barco do Rio"*, mas este sentimento não era suficiente para justificar a destruição dum barco tão bonito.

Na tarde do dia previsto por Jill para a chegada à Torre Polar, os cumes das montanhas polares foram avistados.

"Eram montanhas, ou antes, era uma muralha montanhosa que rodeava o mar".

Lendo a altura indicada, Firebrass gemeu:

"Tem 9 753 m de altura! Mais alta que o Monte Evereste!"

O dirigível não podia subir para além dos 9 114 m; era a altitude máxima que as células de gás podiam suportar, acima da qual o dirigível podia explodir.

Subitamente o "radar mostrava uma colossal saída do Rio, uma abertura com perto de 5 Km de largura. O ponto mais alto do arco media 3,5 Km. A tremenda torrente corria a direito durante 3 Km e depois caía pela beira de um precipício, de uma altura de 915 m".

O Parseval contornou a cordilheira a uma distância de 12 Km, à procura de uma abertura nas montanhas o que levou

"Jill a perguntar a si própria, porque teriam Eles erguido uma barreira tão poderosa, deixando-lhe uma abertura".

Momentos depois aperceberam-se duma interrupção na muralha, e quando se aproximaram da brecha, viram que entre as montanhas mais baixas e a muralha estava um vale imenso:

"O ar nesta zona era tremendamente turbulento.(...) Um verdadeiro Grande Canyon" - notou Cyrano - "Um abismo colossal".

Agora estavam em frente da abertura, que não era em forma de V como esperavam.

"Era um círculo perfeito cortado na base da montanha com um furo de 3 Km de largura, e cerca de 1000 metros acima da base. Dele saíam névens impelidas por um vento que, se o pudessem ouvir, devia literalmente uivar. Cyrano teve de apontar o dirigível exactamente para a abertura, para não ser soprado para o sul".

E mesmo com os motores a trabalhar a toda a velocidade o Parseval não avançava a mais de 16 Km /h. Durante alguns instantes Firebrass ficou silencioso, e depois comunicou com a tripulação:

"Vamos fazê-lo passar através das portas do Inferno".

Pouco depois *"lenta e majestosamente, o Parseval avançou por cima do abismo".*

Cyrano tinha de calcular exactamente a força para não ser arrastado pela corrente descendente, nem contra a superfície do Canyon. Lutando contra os ventos viram-se subitamente do outro lado. Por entre muito nevoeiro localizaram finalmente a *Torre*;

"A Torre!"

Exclamou Firebrass, numa explosão.

"Tem 1700 metros de altura! E 16 Km de largura!"

Entretanto Firebrass ordenou que mantivessem o *Parseval* a mil metros da *Torre*. Ele iria descer com um pequeno grupo, num helicóptero, para explorar a zona;

"Jill vou descer...e você ficará no comando...será comandante...se alguma coisa nos acontecer, volte com o dirigível para junto de Sam. Isto é uma ordem!"

Jill concordou mas Cyrano mostrava-se reticente, "*Gostaria de ir consigo, meu comandante*". E ele respondeu-lhe: "*Você fica aqui. É o nosso melhor piloto*". Anna Obrenova, Haldorsson, Metzinger, Arduino...irão com Firebrass. Thorn também se mostrou interessado em ir com ele e, ficou aborrecido quando lhe foi negada a sua participação. "*Firebrass apertou as mãos a todos quantos se encontravam na sala de comando, excepto a Jill. A ela deu-lhe um longo abraço.*" Parecia uma despedida definitiva.

A *Torre Polar* estava em frente e,

"abaixo, invisível, mas parecia irradiar algo terrível e maciço, estendendo tentáculos que agarrariam a nave".

Ninguém falava. Cyrano acendeu um charuto e Piscator mantinha-se atento ao radar. Quinze minutos pareceram uma hora. O helicóptero dirigia-se para baixo e para o alto da *Torre*. Súbitamente ouviu-se a voz de Firebrass pela rádio: "*Vou descer a cerca de 100 metros da redoma*".

O helicóptero estava a descer quando de repente se transformou numa enorme bola de fogo. Ao mesmo tempo Thorn acabava de roubar um outro helicóptero. Firebrass estava provavelmente morto, e Jill agora era o Comandante. Na busca de descobrirem o que acontecera a Firebrass levaram o Parseval a aterrar no alto da *Torre*;

"o coração de Jill batia fortemente quando se aproximaram dos destroços. Parecia impossível que o vigoroso e sempre bem disposto Firebrass tivesse morrido".

Depois de analisarem o seu corpo encontraram uma pequena esfera negra na parte frontal do cérebro. Seria ele mais um agente dos Éticos.

Jill aproximou-se da redoma feita do mesmo metal cinzento da Torre: *"Era como uma bolha na superfície"*. A entrada era em forma de arco. As luzes mostravam uma abertura que parecia uma caverna, com um corredor com 3 metros de largura e 2,5 de altura. As paredes eram de uma substância cinzenta. Exactamente por cima da abertura estavam dois símbolos em alto-relevo. O superior era um semi-círculo com as sete côres primárias. O outro era um círculo dentro do qual se encontrava uma cruz com um laço, *"a ankh egípcia"* ou seja:

"Um arco-íris por cima do emblema da Vida e Ressurreição" - comenta Jill.

Ela foi a primeira a entrar e logo que se aproximou da entrada, uma luz inundara o corredor. Depois de hesitar alguns segundos prosseguiu e quando passou por baixo do arco, viu-se no meio de uma luz brilhante, contudo não se produzia sombra alguma. Continuou a caminhar lentamente e falou com Piscator:

"Sinto-me como se estivesse dentro de uma geleia espessa! Não posso respirar, mas tenho de lutar para dar outro passo! O seu corpo inclinava-se contra uma barreira invisível, como se estivesse a enfrentar um vento forte. Jill sentia-se como uma mosca apanhada numa teia de aranha".

Aquela força só actuava na horizontal como se impedisse a sua entrada. Piscator tentou entrar, e com grande surpresa de Jill, notou que não era afectado pelo campo. *"Movendo-se como um actor num filme ao retardador avançou, e desapareceu na esquina."*

Passaram-se alguns minutos quando Jill chamou por ele, sem que obtivesse qualquer resposta; só o silêncio.

Ninguém conseguiu ir tão longe como Piscator. Porquê? Jill ordenou entretanto que a nave subisse de novo. Chamou toda a tripulação e relatou tudo quanto se passara. Estava tomada uma decisão:

"Esperaremos aqui uma semana se for preciso".

Mas era evidente que ninguém gostava de passar sete dias naquele lugar frio, escuro, húmido e lugubrememente silencioso;

"Era como acampar às portas do Inferno".

Jill tinha a sensação de irrealidade, estava confusa perante tantas incertezas. A morte era o que mais a assustava porque agora era real. As ressurreições tinham cessado. A esperança de ressurreição naquele mundo desaparecera e a *Morte* parecia ainda mais ameaçadora e mais próxima naquele lugar.

Passaram-se três dias sem que Piscator voltasse, e o *Parseval* teve de partir na direcção do *Mark Twain*. Agora o principal problema é como entrar na *Torre*. A solução está no laser do *Mark Twain*. E se aquele metal resistisse mesmo a um feixe de raio laser? Sam ficaria furioso se soubesse que nada poderia fazer, se alguma vez ali chegasse. Uma hora depois Jill consegue contactar com Sam e informa-o de tudo. Ele ficou chocado. Já não era suficiente o ataque traiçoeiro de Greystoke ao *Mark Twain*, por ordem de João.

Naquele barco apenas duas pessoas partilhavam, com Sam, o segredo de X; eram elas Joe Miller e John Johnston. Não restavam dúvidas quanto a Stern, Obrenova, Thorn e Firebrass serem agentes dos Éticos. E Greystoke também seria um deles? Tudo indicava que sim! A questão estava em perceber quais os agentes de X e quais os agentes dos outros Éticos! Havia muitos mentirosos no Vale do Rio.

Chegou a hora do ataque, e subitamente o helicóptero de Cyrano subiu para aterrar no convés do barco de João. Logo depois iniciou-se uma batalha para eliminar João Sem-Terra, durante a qual Cyrano e Burton se cruzam numa luta breve mas dura, que ambos acabam por ganhar.

No fim Cyrano consegue capturar João e leva-o no helicóptero. Mas ele acaba por se lançar numa queda de pelo menos trinta metros de altura, para desaparecer nas trevas. "*Jill ao ouvir o relatório do assalto ficou apavorada perante as baixas e furiosa*" por alguma vez terem pensado em tal missão. Clemens não ficou tão contente como era esperado. O receio de que João ainda estivesse vivo pairava sobre ele. Mas está disposto a ceder o raio laser para o assalto à *Torre*.

Thorn consegue fugir do Parseval a bordo do helicóptero. Jill e a tripulação temem agora que ele, através de um emissor, possa a qualquer momento atacar o *Parseval* e fazê-lo ir pelos ares.

Teria ele colocado uma bomba no dirigível? Era urgente informar o *Mark Twain*. Enquanto o balão e um dos helicópteros seguiam paralelamente ao Vale, sob o olhar dos espectadores curiosos, um dos objectos explodiu, e caiu envolto em chamas. Todos gritaram quando o objecto mergulhou, diante do "*fogo brilhante, laranja, a segui-lo num rasto, como a glória de um anjo caído*".

Peter Frigate embarcara no *Razzle Dazzle* uma semana depois do Ano Novo do ano VII D.R.(Depois da Ressurreição). Vinte e seis anos depois ainda seguia a bordo do mesmo barco. Sentia-se cada vez mais desanimado questionando-se frequentemente sobre aquela viagem:

"Chegaria alguma vez o navio à nascente?"

Já tinham viajado cerca de 810 mil milhas ou 1 303 390 quilómetros. Era com Nur el-Musafir ("*O Viajante*") que Frigate costumava desabafar e partilhar os seus pensamentos.

Repentinamente surge-lhe a ideia de continuar a viagem, não mais naquele barco, mas num balão por ser um meio mais rápido de chegar à nascente.

Onze dias mais tarde o *Razzle Dazzle* ancorou junto da margem da capital da Nova Boémia, governada por Ladislav Podebrad. Era um Estado muito rico em minério e estendia-se por 60 Km em ambas as margens do Rio.

O Vale do Rio era patrulhado por quatro grandes barcos de rodas, a vapor, cada um com dois canhões, e havia um grande número de barcos mais pequenos com metralhadoras. O belo *vale do Rio* estava agora conspurcado e os fumos de enxofre e de carvão fediam por toda aquela área.

Durante alguns dias Rider e Farrington passaram a maior parte do tempo a planear o roubo do barco a vapor. Ou seria melhor aprovar a ideia do balão? Qual seria o plano menos perigoso?

A tripulação do *Razzle Dazzle* decide então reunir-se com Podebrad. Também ele parece muito interessado em viajar pelo Rio até Virolando e daí para a Nascente à procura de respostas. Concorde com a construção de um dirigível, mas impõe uma condição: fazer parte da tripulação. Rider e Frigate moveram a cabeça afirmativamente mas Farrington considerava tudo aquilo uma loucura.

Farrington conta tudo o que sabe sobre os Éticos a Frigate. Farrington também era um dos visitados pelo Estranho Misterioso:

"A noite era escura e tempestuosa (...) Um relâmpago mostrou-me um vulto negro agachado, junto de mim. Comecei a erguer-me, a minha mão debaixo da almofada, procurava um machado de guerra. Não podia mover-me, mas podia falar (...) O Estranho falou numa voz profunda, respondendo-me sempre em inglês:

"Não tenho muito tempo, portanto não entrarei em pormenores. O meu nome não importa. De qualquer modo não

lho direi porque Eles podem apanhá-lo e desbobinar a sua memória"

"Eu perguntava-me a mim próprio que significaria aquilo...Eu sabia que não estava a sonhar. Desejei estar. E o Estranho prosseguiu:

"É como tirar um filme do seu espírito. Podem cortar o que não querem que você recorde... Mas se eles fizerem isso eu falarei de novo consigo"

E eu perguntei-lhe: Quem são Eles? Ao que me respondeu:

"Eles vivem na Torre que está no meio do mar do Pólo Norte (...) Alguns homens já conseguiram passar as montanhas que rodeiam o mar (...) Mas não entraram"

A voz d'Ele subiu num tom de grande indignação e prosseguiu:

"Depois de os submeterem a esta experiência, e vos terem dado a esperança de Vida Eterna, Eles porão fim ao projecto! Vocês morrerão para sempre! É desumanamente cruel! Eles dizem que vocês não merecem a imortalidade! (...) Eles pensam que não seria Ético permitir que uma espécie tão miserável e indigna vivesse eternamente"

Subitamente surgiu uma luminosidade azul e por ela pude ver que ele tirara a mão direita debaixo da capa. Em volta do pulso tinha um dispositivo maior que o relógio de bolso de um homem, que emitia uma luz azulada. Não podia ver o que estava no rosto dele, estava a falar baixinho como um rádio cujo volume tivesse sido subitamente diminuído (...) Não podia ouvir as palavras dele, mas soavam como uma linguagem que eu jamais ouvira. A luz azulada mostrava-me o globo negro, que parecia vítreo:

"O meu tempo acabou-se. Agora não posso dizer-lhe porque o escolhi. Direi apenas que a sua Aura mostra que você é um bom candidato. Bom para a missão (...) Podes e deves ajudar-me! Quero que partas pelo Rio em direcção à Torre. Mas primeiro terás de convencer Jack London do que aconteceu aqui, esta noite, para que ele te acompanhe. Mas não o dirás a mais ninguém. Nós os Éticos somos muito poucos e poucas vezes saímos da Torre. Mas os meus inimigos têm agentes entre vocês (...) disfarçados de ressuscitados e poderão começar a procurar-me e, poderão mesmo suspeitar que procurei auxílio entre vocês..."

Meteu a mão debaixo da capa e a cabana ficou de novo na escuridão".

Foi após este encontro que Farrington abandonou aquele local para viajar Rio acima. Tinha agora como seus aliados Ride, Nur e Frigate (?). Aquele segredo deixara de o ser para pertencer aos três. Tinham agora em comum um objectivo: alcançar a Torre Polar, e ajudar o Ético.

No dia seguinte o projecto do dirigível semi-rigido iniciou-se com a ajuda de Podebrad; homem activo, duro e eficiente. Após a sua conclusão seguiram-se os vôos de treino e a hora da partida já tinha sido anunciada. Entretanto, na noite anterior à partida, Podebrad parte sem os seus companheiros roubando-lhes o dirigível. Frigate ficou chocado, afinal tinham perdido nove meses de trabalho intenso.

Frigate, Ride e Farrington constroem um balão e poucos dias depois o ritual da largada começou. Ainda que Frigate possuísse alguma experiência de voar, *"ficava sempre em êxtase durante os primeiros momentos da largada; sentia-se como um espirito sem corpo, livre das algemas da gravidade, dos cuidados e aborrecimentos da carne e do espirito"*.

Ao terceiro dia passaram por uma violenta tempestade, da qual resultaram alguns feridos. Mas o balão mantinha-se no ar e já tinha percorrido 5 000 Km. Por vezes Frigate sentia-se muito solitário, no entanto ele mantinha uma grande amizade com Nur, desde há muitos anos. Nur colocava-lhe muitas vezes a mesma questão:

"o que é a perda de consciência de si próprio como individuo, comparada com o ganho da consciência de si próprio como Deus?"

Frigate era um homem muito céptico nestas questões, apesar das suas três experiências místicas.

Em *Labirinto Mágico, I, II e III*, tudo se decide na *Torre Negra*, finalmente alcançada. É neste espaço do desconhecido que se situa o objectivo final; o *Operador de um Computador Gigante (Máquina Lázaro Geral)*. As *portas do Céu* estão, agora ao alcance de Burton, Alice, Frigate e Goering.

O que os terá levado até ali, poderá ser aquilo a que Frigate chama de;

"Luta pela perfeição! Que pode ser inatingível! A luta é o que importa, o que torna a vida suportável, ainda que por vezes a própria vida pareça insuportável!"

Loga recebe os escolhidos na *Torre Polar*, assumindo desde aquele instante uma posição fundamental na conquista da imortalidade. Goering acaba por morrer quando todos tentam penetrar na sala de comando das ressurreições. Daqui para a frente só Burton, Alice, Frigate e Loga continuam na luta pelo conhecimento do que está para além de um simples computador. Que será a origem do *Mundo do Rio*.

Enquanto todos dormiam, Alice sonha com algumas passagens de *Alice do Outro Lado do Espelho* e de *Alice no País das Maravilhas*. São três os fragmentos que ficam retidos na sua memória;

“A melhor manteiga”;

“A questão está em saber qual é o amo e o senhor”;

“Sabes fazer a Divisão?”

O Computador estava dividido em duas partes; a *Vida* (da qual Loga era o amo e senhor) e a *Morte* (representada por Monat). Naquele momento a parte dominante era a *Morte*. Entretanto Alice tentava comunicar com as duas partes, uma vez que não havia nada que a impedisse.

Se o Computador morresse todos seriam impedidos de *Continuar*, e morreriam também. Em primeiro lugar tinha sido dada uma ordem à parte dominante:

“Que não ressuscitasse ninguém”.

Em segundo lugar:

“Era seu dever capturar os Wathans [Atmans(?)] e ligá-los aos corpos”.

Alice decide dar as mesmas ordens à parte dominada (*Vida*), mas na ordem inversa, isto é, em primeiro lugar

“Ressuscitar Monat”.

e de seguida

“Confirmar ou invalidar a ordem de ‘não ressuscitar ninguém’”.

Subitamente gerou-se uma *Luta Interna* entre a parte dominante (*Esquizofrénica*), e a parte dominada (*Vida*). Esta luta surgiu a partir do momento em que Alice introduziu no Computador o *Contra-senso*, saindo vencedora a *Vida*.

Depois do sucedido Loga aparece no visor do *Computador Gigante* e saúda Burton, Alice e Frigate que gritavam de alegria:

“Dez minutos depois, quando aguardavam notícias no refeitório, Loga apareceu no visor a sorrir.

- Está pronto! Está pronto! Já lhe dei ordem para recomeçar as ressurreições!

- Gritaram de alegria, choraram e abraçaram-se de novo.

- O Rio era longo, muito longo, mas fomos até ao fim dele! - gritou Alice.

- Sim - concordou Burton. Beijou-a várias vezes.

- Temos de voltar ao Rio, mas isso não importa.”

O Mundo acabava de ser salvo:

“Como tudo aquilo fora estranho e imprevisível! O mundo fora salvo, não por grandes chefes e estadistas, não por místicos e santos, profetas ou messias, não por qualquer das escrituras sagradas, mas por um introvertido e excêntrico escritor de textos matemáticos e livros infantis [Loga] e, pela criança que o inspirara [Alice]”.

Agora vão voltar ao *Mundo do Rio* porque a procura da *Origem* não terminara aqui.

Segunda Parte

I- Transformação e Mudança

Tudo tem início com a morte para uma nova vida. Burton é a personagem submetida ao que Bion designa por *Trans-formação*, que etimologicamente significa *trans* (para além de) mais *formar* (outra forma); isto é, *criar novas formas*.

Estamos a falar de um processo de aquisição de novas formas, sem que, no entanto, estas deixem de conservar algum grau de invariância. E para que tal se constitua como uma possibilidade, algumas condições vão ter de estar reunidas. Qualquer transformação só ocorre se existir uma relação bionívoca entre unidade e diástase ($\text{Ps} \Leftrightarrow \text{D}$) no seio de uma relação ($\text{Q} \Leftrightarrow \text{O}$) na qual se estabeleça um vínculo de amor ao conhecimento (vínculo K), que implica sempre algum grau de dor mental, precisamente porque se opera um corte radical (*Caesura*) entre presente e passado. Um abandono e separação do que já não é, para que seja criado um espaço de abertura ao que poderá vir a *Ser*.

Como afirma C. A. Dias (1993), trata-se de uma *transformação que opera e liga, liga e transforma*. Liga o antes e o depois, passado e presente, unidade-dispersão $|\text{Ps} \Leftrightarrow \text{D}|$, no contacto com uma nova unidade de significação, que funda o pensamento.

“Meu Deus, vou morrer! A porta do quarto abriu-se e ele vira um camelo gigante, negro, com uma só corcova no exterior e, ouvira o

tilintar dos guizos nos arreios quando o vento quente no deserto os tocava. Depois um grande turbante negro surgira à porta. O eunuco negro, Mandela, passara pela porta, movendo-se como uma nuvem, com uma gigantesca cimarra na mão. A Morte, a Destruidora das Delícias e Divisora da Sociedade, chegara finalmente.”

Neste processo podemos isolar quatro elementos; (Ps ↔ D), (Q ↔ Ó), dor mental e vínculo (L, H e K).

Um estado inicial ('O') de expectativa - "*Meu Deus vou morrer*" - que deixa transparecer a angústia frente ao desconhecido, ou seja, o contacto com uma *realidade última* ('O'). Na expressão de Bion as verdadeiras transformações são as que (se aproximam) caminham no sentido de 'O' acompanhadas de um estado psíquico que denominamos de *mudança catastrófica*.

Estamos a falar de situações em que esta mudança determina e é acompanhada de uma subversão dum sistema ordenado de fenómenos. E como tal está na base do aparecimento de sentimentos de dor e sofrimento, inerentes a qualquer mudança, na verdadeira acepção da palavra, sempre brusca e violenta. É este o momento em que se dá "*o contacto com a dor necessária ao encontro de uma nova unidade de significação*" (C.A.Dias, 1993, p.29), com uma nova realidade.

Em Farmer, o mecanismo de acção que produz a transformação, personificado pelo *eunuco negro* que se apresenta a Burton, transportado por um *camelo gigante negro* (personificação do mal, da morte, do desconhecido, do que é assustador, do poder e da força...). É a Morte que se apresenta a Burton. A dor essencial a esta acção é algo muito marcante. É a dor subjacente a todo o processo de transformação num modo

de verdadeira *mudança catastrófica*, que se opera no momento de corte com uma dada realidade psíquica e, no contacto com essa mesma realidade trans-formada. É em *TRANS* (espaço de incerteza situada entre $Ps \Rightarrow D$ e $D \Rightarrow Ps$, na qual operam as trans-formações), que se dá a possibilidade de *re-criação* ou *re-conhecimento* de novas significações, em direcção a 'O'. No Mundo do Rio, nasce um novo Burton à procura de novas combinações ($PS \Rightarrow D \Rightarrow PS$ (2º ciclo) $\Rightarrow D$ (2º ciclo) $\Rightarrow PS \Rightarrow$ [ciclo n]...) entre os fenómenos.

Daqui podemos extrair o que se constitui como especificidade do humano; enquanto condição de fronteira, *TRANS*, entre o que L. Sousa Ribeiro denomina *divino-simétrico-homogéneo* e indiviso e o *satânico-assimétrico-heterogéneo* e dividende. Espaço *TRANS* que viabiliza a possibilidade de criação de infinitas transformações em direcção a 'O'.

“Então os seus olhos abriram-se. O seu coração batia fortemente. Sentia-se forte, muito forte! Toda a dôr da gota nos seus pés, a agonia no seu fígado, a tortura no seu coração, tudo desaparecera.”

Burton tomara outra forma . E com ele, também o mundo à sua volta sofrera uma transformação - *“Estava só num mundo sem som”*. Ou será que a base desta mesma mudança está, essencialmente, na forma como Burton vê agora o mundo à sua volta? O modo de olhar o mundo já não é o mesmo! A dimensão a que Burton tem agora acesso limita-se ao sensorial e perceptivo, algo escapava, ainda à sua compreensão e que ele, embora pudesse perceber, não podia entender. Cria-se a partir deste momento a expectativa, a base da curiosidade de Burton (a desenvolver no capítulo dedicado ao *Mito de Burton*).

Inerentes ao conceito de *mudança catastrófica*, estão a violência, subversão e invariância. É justamente esta última que permite a Burton ter acesso ao reconhecimento de si próprio, do outro e daquele mundo. Sem a componente de invariância “*não seria possível atribuir um resultado a uma acção particular ou determinar uma sequência, por se perder toda a possibilidade de reconhecimento e comparação entre duas entidades*” (Ribeiro, 1993, p.79).

O *facto original* na sua condição de invariante surge como sendo o núcleo da transformação, aprendizagem e auto-consciência, no fundo o que constitui o núcleo do projecto humano.

“De todos aqueles milhões, só ele estava acordado”.

Só ele tinha acesso ao momento de pré-ressurreição ou *pré-natalidade*, o mundo era ainda muito primitivo, não formado e não diferenciado (expressão que M. Buber utiliza em *I and Thou* e que Bion recupera);

“Poucos segundos depois, algumas filas atrás, viu o corpo de um homem adulto sem pele nenhuma e com todos os músculos do rosto. Havia outros corpos ainda não completos. Muito ao longe, pouco claramente visível, havia um esqueleto e uma confusão de órgãos dentro dele. Continuou a voltear e a observar, enquanto o seu coração batia contra o peito com terror.”

É com base nesta possibilidade que têm lugar dois fenómenos; por um lado, a utilização, por parte de Burton, dos seus pensamentos genética e

epistemologicamente existentes. Por outro, a diferenciação de um aparelho para “*pensar os pensamentos*”.

São dois processos que podemos conceber em simultaneidade. Não poderíamos falar de utilização ou transformação de pensamentos, se para tal não fosse possível diferenciar um aparelho que assumisse tais funções. O pressuposto inverso também é verdadeiro, se concebermos os pensamentos como algo pré-existente à condição de pensar.

Farmer ao colocar Burton num nível conceptual diferente, em comparação com os demais personagens, está a revelar-nos que é ele o sujeito conceptual escolhido para personificar o que designo por Humano.

É no momento em que ele acorda antes de qualquer um, - “*De todos aqueles milhões, só ele estava acordado*” - que nasce um novo Burton:

“então os seus olhos abriram-se. O seu coração batia fortemente. Sentia-se forte! Toda a dor da gota nos seus pés, a agonia no seu fígado, a tortura no seu coração, tudo desaparecera.”

Estavam todos nus e calvos e, tinham adquirido a aparência e potencialidades de alguém com 25 anos de idade. A dor do nascimento para uma nova realidade, para uma nova significação, suscita a dúvida, de *não saber de si*, nem do mundo.

"Continuou a voltear e a observar enquanto o seu coração batia contra o peito com terror. Mas então compreendeu que estava numa câmara colossal e que as varas de metal irradiavam qualquer força e que, fosse como fosse, suportavam e faziam girar milhões - talvez milhares de milhões - de seres humanos."

"Onde se situava aquele lugar? Por certo que não era a cidade de Trieste, no império austro-húngaro, em 1890."

"Não era nada parecido com o céu ou o inferno de que ele ouvira falar ou lera, e ele supusera conhecer todas as teorias da vida depois da vida. (...) não podia negar que se enganara."

É na *Torre Polar* que tudo tem início, e é lá que Burton e todos os outros milhões de seres vão nascer. É em 'O', *Torre Polar*, que Burton toma contacto com a verdade essencial; de *não saber!*

"Estava só num mundo sem som."

"Não havia nada onde se apoiar para se levantar, porque ele [Burton] estava suspenso no nada."

"Não era nada parecido com o céu ou o inferno de que ele ouvira falar ou lera, e ele supusera conhecer todas as teorias da vida, depois da vida."

Tinha morrido. Agora estava vivo.(...) Uma vez por todas, não podia negar que se enganara."

"Ele [Burton] gabara-se de não ter medo. Agora (...) o seu medo esmagava-o e espremia dele a nova vida."

É na *Origem, Torre Polar*, que está a verdade de si. É para lá que Burton caminha no sentido de tudo saber sobre si, como possibilidade da condição humana.

No fundo trata-se da capacidade de Burton resistir à frustração, de nunca aceder ao que Bion designa *Realidade Última*, 'O', que se constitui como motor da procura dessa mesma totalidade; isto se concebermos o *pensar* como aproximação do *não-saber*, enquanto expressão de vida, e de um verdadeiro instinto epistemofílico.

Ser consiste exactamente em aceitar todas as restrições que definem esta condição de finitude por oposição à condição de infinitude, de Deus.

Burton sabe suportar e aceitar que conhecer é somente ter acesso a uma pequena parte da realidade, à realização da coisa em si mesmo, 'O', isto é, o acesso à conjugação e constelação de fenómenos que cercam a original "*coisa em si mesmo*". Sendo esta última impossível de ser conhecida na sua totalidade e como tal inatingível. É neste aspecto que reside a diferença entre *Ser* e *Ir Sendo*. *Ser* equivale a 'O', e *Ir Sendo* será o caminho para 'O', tal como Burton pelo Rio da vida.

Afinal, os instrumentos de que dispomos (vínculos L, H e K) apenas nos permitem operar *trans-formações de 'O'* (transformação realizada a partir de um facto

desconhecido e que permite saber acerca de 'O'). e nunca *transformações em 'O'* (transformação que *permite o Ser e a aproximação a uma verdade absoluta*).

Esta *Realidade Original* é descrita por Bion como causadora de ansiedade que, nos é revelada não directamente mas, somente através dos efeitos corporais, verbais...Será aquilo que Kant designa por *Realidade Última* (em Bion - 'O', *coisa em si mesmo; verdade absoluta*).

Não será a *realidade ultima*, algo que está para além da *Condição Humana* e, como tal não lhe temos acesso directo. Impossível de lhe aceder, por tal condição implicar uma abstracção total de todas as características do Humano, isto é, estar para além (fora) de nós mesmos; *Ser Deus!*

Cabe ao humano *apenas* ter **Fé** na existência de uma *realidade última* e, na possibilidade do humano lhe aceder, partindo à *des-coberta* da realidade psíquica, quer esta seja individual ou pertença do outro, ou até uma intercepção de ambos ($Q \Leftrightarrow \hat{O}$), sempre num movimento de ($Ps \Leftrightarrow D$), e num envolvimento de natureza *vínculos L e K* num acto de verdadeiro *amor ao conhecimento* e à verdade.

Des-cobrimento, etimologicamente, designa todo o processo de *retirada - des -* de todas as *cobertas* representantes das verdades penosas. Deste modo podemos conceber *des-coberta* como representante de um amor à verdade, através de um contínuo movimento de superação de todas as resistências num processo de transformações. Uma disposição (abertura) para a dor do sofrimento e para a mudança contínua dos vértices de pensamento e de conhecimento, tal qual *um constante jogo dialéctico de teses, antíteses e sínteses*, (Zimmerman, 1995, p.218).

O objectivo principal de Burton e dos seus seguidores, poderá identificar-se com um processo de retirada de todas as carapaças que camuflam o humano e, deste modo o afastam das verdades pré-existentes de si e do mundo.

“...alguns de vocês perguntaram, porque devemos partir para um destino, que não sabemos a que distância está, e que pode até não existir. Dir-lhes-ei que estamos a largar vela, porque o Desconhecido existe, e nós queremos torná-lo Conhecido...Estamos livres pela primeira vez na história humana. Livres! Não pagarei tributo a ninguém; não deverei lealdade a ninguém...excepto a mim próprio!”

Esta passagem ilustra bem o que designamos por libertação e superação, despossessão de si mesmo, no sentido de uma maior abertura ao conhecimento do outro e do próprio. “*Sem memória, sem desejo, sem compreensão*”. Naquele mundo não há mapas, regras ou pré-conceitos acerca de nada...precisamente porque se parte do conhecimento de ‘O’, para ser o próprio ‘O’; ($K \Rightarrow 'O'$).

Partir à *des-coberta* implica a capacidade de um acto de *libertação*. Liberto de qualquer aparelho teórico, ou saber prévio e limitativo, Burton parte para uma viagem Rio acima em direcção a algo sobre o qual ele nada sabe. Está liberto deste saber, e aberto à expectativa de *vir a saber*.

O único guia de si é ele próprio, e a sua Fé em ‘O’; fé na existência de algo que o supera, personificado pela figura de Loga e da Torre Polar, onde supostamente vivem os doze Éticos. Porque naquele mundo não há lugar para o *saber prévio*. O verdadeiro Saber não se encontra nas personagens dos Éticos, nem em João Sem

Terra...mas em cada personagem que se arrisca a assumir o papel de humano. Entrega voluntária, sem nenhum saber prévio, e sem memória.

Burton ao partir na direcção de *algo que não sabe sobre*, não sabe sequer da sua existência, fá-lo movido pela Fé.

Ao contrário de todos os que assumem uma postura mediática no conhecimento da realidade (sujeitos conformistas, que se ficam pela exploração do Graal enquanto fonte de satisfação imediata e sensorial - não deixando espaço entre o desejo e a sua satisfação - não há resitência à frustração - logo não há espaço de criação nem de simbolização), conhecimento este que poderíamos situar no vértice C (sensorio-perceptivo).

Burton e os seus amigos (sujeitos conceptuais), assumem ao longo de toda a obra, uma postura de Acção na procura do que está para além do que lhes é dado a saber pelos supostamente Éticos, o que se resume à dimensão sensorial. Os supostamente Éticos são os detentores de todo o saber do que está para além de, e que situaremos nos vértices M (formulação mística; $[f(\alpha)]$) e P (formulação poética).

Enquanto uns lutam pelas falsas concepções, ou seja, pelo que apenas existe na sua forma sensorio-perceptiva e lutam por esta realidade, volátil e breve, até à morte, como se o que estivesse em causa fosse o acesso ao *Santo Graal*;

“Os cogumelos, a norte e a sul, de ambos os lados do Rio, estavam cobertos por pessoas que lutavam entre si. Homens e mulheres gritavam e batiam uns nos outros disputando o resto da comida e as coisas que estavam no cilindro, até à morte”.

Burton questiona a realidade que se lhe apresenta:

“Quem possui uma ciência daquelas é como um Deus!”

“Como se daria o aparecimento mágico destes artigos num contentor que antes estava vazio?”

Deste modo, podemos afirmar que o grupo de Burton representa a possibilidade inerente ao humano de assumir um *discurso imediático* sobre a realidade e não um discurso causalista, unívoco e ausente de interrogação, no qual não existe espaço para a dúvida, para a abstracção nem para a representação mental. Em que a experiência emocional não é transformável em elementos, também eles mesmos transformáveis, assumindo diferentes significações. Estou a falar dos *elementos α* e da função que lhes está associada; *função α* .

É a *Intuição*, enquanto acto de fé, que no dizer de C.A.Dias (1993) *devolve a unidade à diástase* e esta à primeira ($Q \Leftrightarrow \hat{O}$); a dispersão à integração e esta à anterior ($PS \Leftrightarrow D$). Isto tudo para afirmar como hipótese que a Fé funda o verdadeiro conhecimento. Longe de C, do sensorial, dos saberes imutáveis, das verdades absolutas, está a intuição enquanto acto de Fé.

O que é a Fé? Não será acreditar (diferente da crença religiosa), em algo que não sendo verificável pelos mesmos meios das (ditas) ciências exactas, está para além dos órgãos dos sentidos. Se eu passo a acreditar num dado fenómeno apenas porque o vejo, porque verifico a sua existência pela mera observação, não estarei apenas a constatar, que ‘é’? E ao fazê-lo não estarei a pôr de lado um outro conhecimento do

mesmo fenómeno, não menos importante, e ao qual só terei acesso por intermédio da intuição (acto de fé)?

Partindo deste pressuposto, poderemos afirmar que todo o conhecimento que está para além da verificação empírica e para além do não-racional, só nos estará acessível por intermédio de um Acto de Fé; Intuição. Bion resolve o problema da relação (inerente a todo o conhecimento), da unidade / diástase, ($Q \leftrightarrow O$) e ($Ps \leftrightarrow D$), por um acto de fé; Fé em 'O'.

Que definição mais exacta, de Fé, existirá para além da que nos é apresentada por São Paulo numa das suas Cartas;

“O que é a fé? - A fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se vêem”. (Carta aos Hebreus 11,1)

Ou ainda o comentário de Fr. Raimundo de Oliveira (em nota de rodapé), a esta mesma afirmação de São Paulo;

“A fé é o dinamismo que impulsiona o homem a fazer História. Possuindo a firme convicção da realidade de um mundo futuro melhor, o homem jamais se conforma com as estruturas pessoais e sociais existentes; nunca as toma por definitivas e absolutas. Essa inconformidade leva-o a romper as cadeias da falsa segurança no já-pronto, para ser agente de novas formas de sociedade, e impele-o a fazer da sua vida um processo sempre inacabado em busca da maturidade plena”.

**QUANTO A MIM,
MAIS NÃO FIZ, NA MINHA VIDA,
DO QUE LEVAR AO EXTREMO
O QUE VÓS NÃO OUSAIS
SENÃO ATÉ METADE.**

Dostoievski

*II- Do Desejo ao Pensar
Do Mito de Édipo ao Mito de Burton*

Partindo da hipótese segundo a qual Pensar é anterior a Conhecer, e sendo esta última uma função do pensamento, podemos conceber a evolução do conhecimento, como o objectivo último do pensamento.

Para ilustrar este princípio, Bion utiliza o exemplo da *Incógnita*, caracterizada precisamente pelo facto de ainda não ser conhecida, contudo pode ser pensada. E vai mais longe nesta linha de raciocínio ao afirmar que é a *Incógnita* que, pelo facto de ser des-conhecida, se constitui como o motor das funções pensar e criar. A incógnita associada à pulsão epistemófilica de natureza inata, são dois aspectos importantes na possibilidade de pensar. Para Bion, *conhecer* é uma meta definida, porém, é uma parte do *pensar*, o qual é bem mais amplo.

No sentido de clarificar esta ideia podemos seguir a seguinte linha de pensamento:

Na base de todas as faculdades temos os pensamentos, pré-existentes à capacidade do homem para os utilizar. Se partirmos do princípio de que uma das principais características do humano é a sua disposição inata para caminhar do desconhecimento para o conhecimento, podemos falar da existência de uma pulsão epistemófilica caracterizada precisamente pela sua natureza inata.

Num segundo momento torna-se imprescindível a existência de um aparelho que funcione como suporte e modificação destes pensamentos, para que estes se tornem acessíveis ao pensador, que Bion designa por *aparelho de pensar os pensamentos*. A questão que se coloca neste momento é a de que condições terão de estar reunidas para que se opere o desenvolvimento da *capacidade de pensar*?

Esta evolução só será possível se existir a possibilidade de um constante fortalecimento deste mesmo aparelho, só possível, pela capacidade de *tolerância à frustração*, conseguida por meio de mecanismos que transformem essa mesma frustração em satisfação (*Princípio da Realidade* de Freud). Bion utiliza este princípio para explicar a evolução do pensamento e do conhecimento, não como fazendo parte de apenas uma fase do desenvolvimento, mas como algo que é inerente à condição humana.

Podemos então conceber que a utilização dos pensamentos apenas fará sentido num contexto de possibilidade de *resistência à dor* provocada pela *incógnita* (*sem conhecimento sobre*) e pela *incerteza* (*sem certeza de*).

São toleráveis, precisamente, porque são transformáveis pela função alfa (permite pensar a ausência de um dado objecto ou de um dado conhecimento), numa relação ($Q \leftrightarrow O$) de vínculo a **K** e numa relação de sucessivas identificações projectivas/identificações introjectivas e, alternância entre dispersão/integração ($PS \leftrightarrow D$). *Aprender a viver com a frustração*, forma a capacidade de pensar dirigida sempre a **K** e desta a 'O'.

Ao falarmos de *vínculo* estamos a referirmo-nos a uma *experiência emocional pela qual duas pessoas, ou duas partes de uma mesma pessoa (Consciente e Inconsciente; Id e Super-Ego; parte psicótica e parte não-psicótica da personalidade...)* estão relacionadas uma com a outra.

Numa relação de *vínculo*, se a frustração pode ser tolerada, a união da pré-concepção com todas as suas realizações, quer sejam negativas ou positivas, instaura os procedimentos necessários ao que Bion designou *aprendizagem pela experiência*. E todas as concepções subsequentes *irão repetir de uma forma mais complexa a história da pré-concepção*.

A capacidade inata que o bebé tem de resistir à frustração da expectativa de uma pré-concepção, ou seja, à sua *realização negativa*, promove a formação e o desenvolvimento do pensamento (no caso de o *ódio*, às realidades interna e externa, não ter sido vivido como excessivo), enquanto a *realização positiva* da pré-concepção leva à formação da *Concepção*. As Concepções encontram um denominador comum nos *Conceitos*, os quais podem adquirir uma dimensão de generalização e de abstracção, propiciando a formação de um vocabulário e linguagem verbal.

Mas se a *intolerância à frustração* fôr demasiadamente grande para suportar o princípio da realidade, o que acontecerá é um crescimento dos sentimentos de *Omnipotência*, enquanto obstáculo e substituto da união entre a pré-concepção e as suas realizações positivas ou negativas, estabelecendo-se um vínculo de **H**, *ódio à realidade e ao conhecimento* ou re-conhecimento das verdades penosas, contidas tanto na realidade interna como na externa.

A *Omnipotência* a par da *Omnisciência* são um obstáculo ao *aprender com a experiência*. Esta ideia encontra-se bem expressa no ditado chinês; *Os sábios são os que procuram a Sabedoria, os tolos são os que pensam já a terem encontrado*. No dizer de C.A.Dias (1993), *se sabemos tudo de D, nada mais há a procurar de Ps*. O que nos remete para a afirmação de Sta. Teresa de Ávila - *só Deus em mim se opõe a Deus*.

Tanto na *Omnipotência* como na *Omnisciência* não há lugar para a actividade psíquica de discriminação entre o *verdadeiro* e o *falso*. A *Omnisciência* nega a realidade, e tem como consequência fatal o não-pensamento ou seja o desenvolvimento da parte psicótica da mente.

Bion atribui especial relevância ao conceito de *Verdade* por oposição ao de *Falsidade*. Segundo ele, uma relação de Verdade com a Verdade é essencial ao crescimento mental. Sem ela o aparelho psíquico não se desenvolve, antes morre de inanição e finitude. O finito não deixa espaço para o crescimento mental, apenas para a mentira (-K e -'O').

A busca de qualquer *verdade* implica uma necessidade de estabelecimento de confrontos, e correlações, um vai e vem entre unidade/diástase (PS ⇔ D), assim como o acesso à posição depressiva, D; à possibilidade de descentração de nós mesmos. Tal como afirma C. A. Dias (1993), se soubessemos tudo de D (de Freud, de Bion, de M. Klein ou de qualquer outro), jamais se poderia fazer a reversão sobre PS para construir uma nova unidade de significação. Assim percebemos que *a significação não se encontra na linha mas no ângulo*.

Na ausência desta possibilidade, não fica nenhum espaço para a fantasia nem para a simbolização, ficando apenas o vazio e a dor sentida a todo o momento como catástrofe iminente, numa relação de corte com a realidade interna e externa, sempre dolorosa, porque não modificável pelo sonho. Não existe a possibilidade de *vir a Ser*, apenas se *É*, (A1=A2=A3=A4).

O que marca a capacidade para formar símbolos é precisamente a capacidade do Ego suportar perdas e substituí-las por símbolos. A capacidade da criança em suportar perdas depende do facto de ter existido a possibilidade de passagem da posição esquizoparanóide, **PS**, para a posição depressiva, **D**.

Se este processo não sucedeu, o que vai ficar comprometido será a capacidade de o indivíduo tolerar as perdas. Não há possibilidade de aceder à *função simbólica*, e os conteúdos do pensamento vão ser substituídos por *equações simbólicas* (na psicose), nas quais o símbolo se perde no simbolizado e, o que "*parece ser*" é sentido como um *concreto* (*elemento β*), que apenas "*é*". O que corresponde à distinção que Bion faz, entre um *símbolo que simboliza* e um *símbolo-coisa* (*não-símbolo, não pensamento*), tal como sucede nas psicoses. Se assim fosse, o *Mundo do Rio* seria apenas Mundo do Rio e nada mais do que isso.

Deste modo, poderemos afirmar que é unicamente através da re-estruturação dos vínculos afectivos que se torna possível a obtenção dos vínculos simbólicos. É no constante vai-e-vem, num sistema constante de trocas entre a contenção, a transformação e acessibilidade com o objecto de amor ($+Q \Leftrightarrow \hat{O}$), e a inacessibilidade, a insatisfação e alteridade na relação com o objecto rival ($-Q \Leftrightarrow \hat{O}$), que se abre o caminho em direcção à *capacidade de pensar os pensamentos*.

Perspectiva que anuncia a duplicidade do humano e aproxima a mente “*da sua natureza de órgão-de-pensar, numa triangulação Eu-Conteúdos-Produtos dos Conteúdos, ou Eu-Significado-Significante. Relação dupla, duplicidade entre M (ser os conteúdos), e C (a afirmação esfíngica de um representante, cuja organização e significatividade têm que ser descobertas), numa una-trindade, P, em que a criança se trans-forma e trans-forma os seus conteúdos discriminando e integrando-se em parábola ou rêverie, como resultado de um infindável ir e vir entre M e C, entre Q e Ô*” (Ribeiro, 1993, p.84).

O desdobramento do vínculo **K** foi concebido por Bion para caracterizar dois modos de pensar. Num contexto relacional temos o sujeito que busca conhecer um objecto (que pode ser ele próprio ou outro), e um objecto que se presta a ser conhecido. Representa sempre a busca do conhecimento da verdade acerca de si mesmo ou do outro.

A função de conhecimento está, deste modo, intimamente ligada à formação de símbolos. São estes que permitem a evolução da criança em direcção à condição que permite conceptualizar, generalizar, e abstrair, abrindo a porta para a expansão do seu pensar e do seu conhecer.

Todos os novos conhecimentos são, na verdade, para Bion, um reconhecimento de verdades e de factos pré-existentes, e são os *símbolos* que permitem que um todo seja reconhecido nas suas partes fragmentadas e dispersas, como também, que a partir das várias partes se reconheça o todo. Tal como afirma Zimerman (1995), todo o processo criativo consiste num movimento alternativo, para lá e para cá, entre as duas posições **PS** ⇔ **D**. *O símbolo é a unidade perdida e refeita*, porém o

reencontro unificador está no reencontro de um mesmo com um diferente ($Q \Leftrightarrow \hat{O}$), isto é, na acção de captar o sentido a um outro nível, a partir de um outro vértice.

O modelo do Mito é bem ilustrativo deste processo de aquisição da capacidade de simbolização, entre o *Eu-Desejo-Outro*. O mito representa uma intercepção entre o que designamos por imaginário e o real, o concreto e o abstrato, e da mesma forma entre o conhecer (+K) e o não conhecer (-K) as verdades originais, entre verdade (+'O') e mentira (-'O').

Bion (1970), nos seus estudos relativos ao conhecimento utilizou o mito, partindo do pressuposto que a produção imaginária nele contida, equivale à fantasia inconsciente enquanto produção individual. Estudou os mitos à luz dos vínculos L, H e K. Em Freud o *Mito de Édipo* é-nos apresentado sob os aspectos pulsionais; através do qual explica simbólicamente o acesso à sexualidade adulta, em ambos os sexos.

“Enquanto o complexo de Édipo no rapaz desaparece sob o efeito da angústia de castração, o da rapariga torna-se possível e é introduzido pela angústia de castração” (Freud, 1925, p.256).

Na rapariga a inveja do pénis, conseqüente à percepção da castração permite, a superação da rivalidade com a mãe, agora destituída de onipotência fálica, e o acesso ao amor do pai, como forma de reapropriação do pénis perdido (na relação sexual e na maternidade respectivamente).

Igualmente no rapaz é a percepção desta duplicidade antinómica (aproximação/afastamento, acessibilidade/inacessibilidade e satisfação/insatisfação) expressa na castração que se irá manifestar no interior de cada um dos sexos; “*É por angústia de castração que o pequeno Hans põe termo à agressividade contra o pai |...|*” (Freud, 1926). É devido à angústia de castração que o rapaz renuncia ao desejo de se tornar objecto de amor de seu pai.

Bion apresenta-nos uma concepção distinta da de Freud, ao estudar o *Mito de Édipo* com especial enfoque no *Conhecimento*. Édipo aparece como representante da duplicidade do humano. Numa relação constante entre *Verdade/Falsidade*, entre *Conhecimento/não-Conhecimento* (+K e -K) de si, entre ser agente de mudança e a consequente punição que daí advém, pelo descentramento de si e, pela curiosidade demonstrada em relação a um conhecimento (verdade de si) proibido pelos deuses (pais) e, finalmente, entre a curiosidade e a ameaça estimulada pela Esfinge.

O mesmo podemos conceber em relação a Burton. Este ao assumir, tal como Édipo, uma postura de desafio dos deuses (Éticos), ao querer conhecer e, deste modo querer assumir-se como Ético; como alguém que está na posse da verdade, do *Mundo do Rio* e de si, é uma ideia que está bem expressa na viagem a que se propõe, pelo Rio, na direcção da Torre Polar (Oráculo de Apolo em Delfos).

De Delfos diz-se que é intangível, pois, 450 anos antes de Cristo, os persas não conseguiram chegar até lá. A inacessibilidade é o que caracteriza a relação humano/deuses. Esta relação de abismo entre estas duas entidades está bem expressa na descrição que Farmer nos oferece do encontro, de Firebrass e dos seus companheiros, com a Torre Polar;

"(...) o radar mostrava uma colossal saída do Rio, uma abertura com perto de 5 km de largura. (...) O ar nesta zona era tremendamente turbulento.(...) Um verdadeiro Grande Canyon (...) um abismo colossal".

A entrada para a Torre formava um vale imenso, um verdadeiro abismo.

"Era um círculo perfeito cortado na base da montanha com um furo de 3 km de largura, e cerca de 1000 metros acima da base. Dele saiam névens impelidas por um vento que, se o pudesse ouvir, devia literalmente uivar".

A Torre tinha 1700 metros de altura e 16 km de largura. Por vezes invisível;

"parecia irradiar algo de terrível e maciço, estendendo tentáculos que agarrariam a nave".

Este é o encontro do humano com o desconhecido, e como tal, sentido como poderoso e ameaçador. O medo e o terror presentes neste encontro são algo muito marcante em todos os personagens que se confrontam com a tão temida morada dos Éticos (deuses).

Era em Delfos que estava o poder de conhecer tudo o que não era acessível ao comum dos mortais, em contraste com os deuses que ali habitavam. Também em relação à Torre Polar muitas foram as tentativas que os humanos do *Mundo do Rio* fizeram para ter acesso à Torre. Para alguns habitantes daquele mundo, é lá que se encontra toda a verdade revelada. Quem a conseguisse alcançar, seria um verdadeiro

Ético; eternamente jovem e estaria, definitivamente, na posse de todo o Conhecimento.

Exatamente por cima da abertura (entrada) estavam desenhados dois símbolos em alto relevo. O superior era um *semi-circulo com as sete côres primárias*, lembra o arco-íris, sinal de Aliança entre Deus e o Homem após o dilúvio.

É na Torre Polar que se torna possível a integração de todas as experiências; do parcial no global; do início no fim, formando um Todo ('O'). *"Os Maias adoptaram justamente uma concha marinha com forma de espiral para simbolizar o zero. O zero maia é um exemplo da compreensão perfeita da coincidência do fim de um ciclo com a origem de um novo começar. No laço simbólico que a espiral tece entre o zero e o infinito, se funde um começo continuamente in-começado com um fim eternamente por morrer"*. (Vergani, 1994, p.120)

O fim da viagem de Burton representa o ponto em que se gera o *laço simbólico* entre o zero ('O' de *Origem*) e o infinito ('O', de *Realidade Última*). O que os levava até ali foi a,

"Luta pela perfeição! Que pode ser inatingível! A luta é o que importa, o que torna a vida suportável, ainda que por vezes a própria vida pareça insuportável."

A Torre Polar personifica o lugar no qual se dá a aceitação do *fim de um ciclo* (depois de uma viagem pelo Rio chegam [voltam] finalmente à Torre), *com a origem de um novo começar*. Momento de fusão entre um *começo não-começado*

com um fim que não termina. 'O' não chega a ser revelado e, Burton, Alice e Frigate vão voltar ao *Mundo do Rio*:

"Dez minutos depois, quando aguardavam notícias no refeitório, Loga apareceu a sorrir num. visor.

- Está pronto! Está pronto! Já lhe dei ordem para recomeçar as ressurreições!

- Gritaram de alegria, choraram e abraçaram-se de novo.

- O Rio era longo, muito longo, mas fomos até ao fim dele! - gritou Alice.

- Sim - concordou Burton. Beijou-a várias vezes.

- Temos de voltar ao Rio, mas isso não importa."

O outro símbolo, situado logo abaixo do semi-círculo com as sete cores primárias, era um *círculo dentro do qual se encontra uma cruz com um laço*. Cruz como sinal da encruzilhada de Tebas. Ponto de integração do horizontal com o vertical; um sinal de trans-formação e (re)encontro com um outro diferente de nós mesmos; Morte e Ressurreição. O laço poderá também simbolizar a Aliança entre o Divino e o humano, sinal de superação dos limites da condição humana.

"Um exemplo dos laços simbólicos existentes entre o princípio da dualidade e a cruz inscrita no círculo, é-nos oferecido na pessoa do deus Quetzalcoatl. Nas culturas pré-hispânicas da Mesoamérica o círculo está, nomeadamente, presente na

Roda do Calendário e no diagrama que exprime a dinâmica universal através do Sol dos Quatro Movimentos". (Vergani, 1994, p.120)

Possivelmente ambos os símbolos - "*um arco-íris por cima do emblema da vida e ressurreição [circulo/cruz/laço]*" - significam o ponto onde se dá o encontro de diferentes; ($Q \leftrightarrow \hat{O}$), ($PS \leftrightarrow D$); o encontro com a parte divina de nós mesmos, que nos é inacessível ('O').

Torre Polar e Oráculo de Delfos ambos definem os temas presentes na saga de Burton e na tragédia de Édipo. Podemos deste modo conceber que cada uma representa uma definição, isto é, uma *hipótese definitiva*, que colocaríamos na coluna 1 da Grade. É lá que está a verdade de Burton ou de Édipo (respectivamente).

De acordo com a antiga crença Grega, existia um profundo *abismo entre os homens e os deuses*. Quando um homem, num acto de soberba, pretendia transpor esse abismo, estes lançavam-lhe o castigo da cegueira.

Burton tal como Édipo, representa o triunfo de uma decidida *curiosidade* sobre a intimidação dos deuses e pode, portanto, constituir-se como símbolo de integridade científica - representa o *Instrumento de Investigação* - o qual corresponde à coluna 5 da Grade.

"(...) estamos a largar vela, porque o Desconhecido existe, e nós queremos torná-lo Conhecido. (...) Não pagarei tributo a ninguém; não deverei lealdade a ninguém...excepto a mim próprio!"

Burton, "o eterno peregrino e vagabundo 'deseja' subir as muralhas do Grande [e verdadeiro] Graal. 'Quer' desvendar o Segredo da Ressurreição e daquele Planeta; está convencido [tem Fé] de que aqueles que criaram aquele mundo, também construíram a Torre".

"Agora é de vez. É a largada final. Partimos para o Grande Graal, a Torre Nebulosa, a casa do Pai Natal, no pólo Norte. O Pai Natal que nos deu os presentes da Ressurreição, Juventude eterna, comida, bebida e tabaco gratuitos".

Goering, na altura membro da *Igreja da Segunda Oportunidade*, comenta o objectivo da viagem com Sam Clemens:

"O seu objectivo não trará a ninguém qualquer vantagem. Até agora só resultou na devastação da terra, em cobiça, dor e sangue, em angústia e traição. Em ódio, muito ódio! (...) Poderá viajar até à nascente do Rio. E quando ali chegar o que encontrará? Será uma viagem até à nascente da alma!"

Deste modo o desafio, de Burton e dos seus companheiros, em relação aos deuses (Éticos), e em relação a si próprios, está lançado; nada os impedia de continuarem! Afinal o que os move para esta viagem é o vértice **F**; *Fé em 'O'*; Fé no encontro com a verdade de si, contida na Torre Polar.

É apenas pelo acto de exclusão da memória e do desejo (*artificialmente cego* como Édipo), que chego a F, de Fé. Em Bion, é com Fé que se "vêem", se "ouvem" e "percebem", os fenómenos mentais de cuja realidade não há dúvida.

Através dos mitos universais citados por Bion, torna-se claro o quanto *dolorosa é a busca do conhecimento*; mortes, lutas, batalhas, guerras... Para Bion nenhuma transformação acontece sem que seja acompanhada por uma experiência emocional; violência semelhante à realizada na *encruzilhada de Tebas*, sinal de subversão e violência.

"Se as suas contas estavam certas, fizera 777 viagens pelo Expresso Suicida".

Esta ideia poderá estar ligada à crença na reencarnação do espírito, com o objectivo último de purificação do corpo e da alma. Os suicídios de Burton poderão estar relacionados com: a subversão e violência contidas em qualquer *trans-formação*; fuga ao domínio dos Éticos e com um acto de purificação da alma e do corpo, para chegar à Torre Polar e nela poder entrar.

"(...)uivos, gritos, chamamentos, fedor de pólvora e de sangue, de suor, capaz de revolver as tripas."

"(...)cada ataque dizimara os seus amigos. Olhou pela ultima vez para o casco do Barco do Rio, com as suas duas rodas de pás, meio escondidas sobre os andaimes, atrás dos guindastes colossais (...) Teve vontade de

chorar, mas estava demasiado atordoado. Era provável que o seu sangue corresse antes que as lágrimas surgissem."

"(...) o objectivo da maior viagem de todos os tempos. Tudo perdido!"

"(...) os gritos à sua volta...o ruído das madeiras a quebrarem-se e, duma explosão final..."

Violência ao serviço da **verdade** como oposição à **mentira** (na qual predomina uma deliberação consciente ou pré-consciente, de distorção de uma verdade). Ao longo de toda a obra de Farmer, o que parece estar permanentemente em jogo é a relação entre **Caos/Ordem** e **Verdade/Mentira**; entre **PS/D** e entre **'O'/'-O'**.

Nesta viagem, há as personagens que se ficam pela conquista de **C**; por aquilo que os Éticos lhes apresentam como verdadeiro (Graal). E aqueles que, como Burton e os seus seguidores (Alice, Frigate, Sam Clemens, Cyrano de Bergerac, Firebrass etc...), acabam por lutar até à morte pela conquista do saber, sobre si; **'O'**.

Loga tal como a Esfinge, no *Mito de Édipo*, representa a curiosidade que eles próprios estimulam; o conhecimento (a pulsão epistemofílica) da verdade proibida pelos deuses. São eles que estimulam o desejo humano de saber personificado na figura de Burton (e Édipo). Este desejo é latente ao ser, porque se assim não fosse, o momento de pré-ressurreição, não teria tido o efeito de desencadeante de acções, das quais Burton é protagonista.

Do estado de expectativa, em que fica Burton na *Bolha da Pré-Ressurreição ou pré-natalidade*, nasce a possibilidade (pré-existente), de transformação dos dados sensoriais primitivos (protopensamentos), em reminiscências, ou pensamentos oníricos, que vão ficar retidos na sua memória. Estes dados vão mais tarde sofrer sucessivas realizações negativas ou positivas, permitindo a Burton avançar na sua viagem, num vínculo de amor (L) à verdade.

"(...) poucos segundos depois, algumas filas atrás, viu o corpo de um homem adulto sem pele nenhuma e com todos os músculos do rosto [visíveis]. Havia outros corpos ainda não completos. Muito ao longe, pouco claramente visível, havia um esqueleto e uma confusão de órgãos dentro dele".

Burton sentiu o terror invadir-lhe o peito. Milhares de milhões de pessoas giravam à sua volta, suspensos como ele, por uma força invisível e desconhecida. Esta primeira experiência de Burton deixou-o num estado de expectativa, pelo contacto com algo que *"embora pudesse perceber, não podia entender"*. A pré-concepção assim gerada, na mente de Burton (pensamentos vazios em Kant), vai a partir deste momento ficar à espera de realização sempre associada a uma experiência emocional positiva ou negativa.

Tal como a Esfinge do *Mito de Édipo*, Loga vai fornecendo pistas para chegarem à Torre. No entanto acaba por apresentar a Burton a aos personagens a quem se vai revelar, ainda mais enigmas do que respostas, Burton vai ter de os decifrar.

Os Éticos têm um traidor entre eles; Loga (Misterioso Desconhecido ou X). Ele vai desencadear uma série de acções que põem em causa o projecto dos falsos Éticos, ao desafiar a capacidade de Burton, Clemens e Farrington para os enfrentar:

"(...) estou com Eles, mas não sou um d'Eles... O que essa criação Ética ensina são tudo mentiras! A verdade é que vocês, humanos, só foram ressuscitados para fazerem parte duma experiência científica";

"(...) registrar a vossa história e costumes (...) e observar as vossas reacções à ressurreição e à mistura das pessoas de diferentes eras (...) e quando essa missão tiver terminado voltarão todos ao pó."

"Não tenho muito tempo, portanto não entrarei em pormenores. O meu nome não importa. De qualquer modo não lho direi porque Eles podem apanhá-lo e desbobinar a sua memória."

"É como tirar um filme do seu espírito. Podem cortar o que não querem que você recorde...Mas se eles fizerem isso eu falarei de novo consigo."

"Eles vivem na Torre que está no meio do mar do Pólo Norte. (...) Alguns homens já conseguiram passar as montanhas que rodeiam o mar. (...) Mas não entraram."

"Depois de os submeterem a esta experiência, e vos terem dado a esperança de vida eterna, Eles porão fim ao projecto! Vocês morrerão para sempre! É desumanamente cruel! Eles dizem que vocês não merecem a imortalidade! (...) Eles pensam que não seria Ético permitir que uma espécie tão miserável e indigna vivesse eternamente!"

"Podes e deves ajudar-me [para Farrington]! Quero que partas pelo Rio em direcção à Torre. (...) Não o dirás a ninguém. Nós os Éticos somos muito poucos e poucas vezes saímos da Torre. (...) Mas os meus inimigos têm agentes entre vocês (...) disfarçados de ressuscitados e poderão

começar a procurar-me e, poderão mesmo suspeitar que procurei auxílio entre vocês..."

Os deuses gregos, directa ou indirectamente, ou por intermédio de oráculos, intervinham amiúde nos assuntos humanos, tal como os Éticos na relação com os habitantes do Mundo do Rio. E no caso das aparições, o mortal, aquele por que se interessavam (o escolhido), nunca os poderia ver na totalidade. Passagens que demonstram uma vez mais o abismo existente, entre os humanos e os deuses; Loga surge diante de Burton

"como uma sombra pálida sem feições".

A revelação do Ético a Farrington:

"A noite era escura e tempestuosa (...) Um relâmpago mostrou-me um vulto negro, agachado junto de mim. (...) O Estranho falou-me sempre numa voz profunda...";

"Subitamente surgiu uma luminosidade azul, e por ela pude ver que ele tirara a mão direita de debaixo da capa.(...) Não podia ver o que estava no rosto dele, estava a falar baixinho como um rádio cujo volume tivesse súbitamente diminuído (...) Não podia ouvir as palavras dele, mas soavam como uma linguagem que eu jamais ouvira."

"Meteu a mão debaixo da capa e a cabana ficou de novo na escuridão."

Os Éticos, assim como todos os que se ficam pela exploração do falso Graal, particularmente a personagem de João Sem Terra, (a desenvolver posteriormente), assumem o papel de Tirésias na *Tragédia Grega*. Actuam como uma barreira contra

o conhecimento da verdade. As advertências dos falsos Éticos situar-se-iam na coluna 2 da Grade; isto é, representam a hipótese que se sabe ser falsa e, que actua como barreira ao conhecimento, e a qualquer acto de Fé.

João Sem Terra é o personagem que representa *o desejo, a memória e a compreensão*. Isto é, assume um papel que situariamos na coluna 2, e deste modo, exerce a função de afastamento de F, ao impedir que a transformação em K se torne numa transformação em 'O'. Em *Atenção e Interpretação*, Bion (1970) afirma que *as "memórias" e os "desejos" para que atraio a minha atenção têm em comum, os elementos seguintes: já enunciados não requerem formulação; provêm da experiência advinda dos sentidos; evocam sentimentos de prazer ou sofrimento; são enunciados "contendo" prazer ou sofrimento. Servem, enquanto enunciados coluna 2, à função de evitar transformações tipo vínculo K \Rightarrow 'O' (Bion, 1970, p.41).*

Neste tipo de (não)pensamento não há lugar para a mudança. O que fica é apenas um apego à memória e à compreensão, que satisfazem deste modo, *o desejo de segurança* (ter a *saturação* que afugenta a *não-saturação* da *pré-concepção*), traduzida no medo à dor da trans-formação, pelo medo do des-conhecido.

João Sem Terra acaba por roubar e envigarizar Sam Clemens, para extrair daí todo o poder (sempre breve) de comando, numa atitude de arrogância, mentira e inveja;

"Adeus, Samuel! És um parvo! Obrigado por teres construído o Barco para mim. E mudarei o seu nome para um que me agrada mais! Vou saborear o fruto do teu trabalho! Pensa de mim o que quiseres! Adeus!"

A memória, o desejo e a *arrogância* são elementos que constituem a personagem de João Sem Terra representante do obstáculo a **K** e, deste a '**O**'. Trata-se de um modo de funcionamento no qual o conhecimento é meramente de natureza perceptiva (vértice **C**), que opacifica a mente. Ficando esta ocupada, apenas, na expressão de Bion (1970), *em discernir o que já passou, ou a interpretar o que vai acontecer à luz do que já lá vai. Nem do envolver de 'O' eu me apercebo. Logo impossível será chegar até 'O'*.

Neste caso deu-se um desvirtuamento do vínculo **K**. O vínculo **-K** (ou "*não K*" das psicoses) serve agora para evitar a dor do desconhecido e o sofrimento que acompanha a pulsão epistemofílica, e a necessidade de não transgredir as proibições (anti-Édipo).

João representa o *Ego que não quer conhecer* e, para exercer este papel, vai construindo a todo o momento estruturas falsas. Substitui a busca de **K** pela *omnisciência, onipotência e prepotência* (pré-potência). Substitui o enfoque de natureza científica e investigatória por uma *moral de 'Super' Super-Ego* (da psicose). Para Bion nestes pacientes prevalece uma afirmação de superioridade destrutiva que está para além do bem e do mal, de uma aprovação ou condenação. Este Super Super-Ego opõem-se deste modo a toda a aprendizagem pela experiência; *"troca o orgulho pela arrogância, desconhece as leis científicas e, impõe as suas próprias leis e valores contra as da natureza e da cultura"*. (Zimerman, 1995,p. 83)

Em João não existe a capacidade de discriminação entre verdade, falsidade e mentira. *Existe uma hipertrofia dos mecanismos defensivos ligados à Negação,*

indispensável a toda a actividade discriminativa. Funcionamento característico do que Bion designa *parte psicótica* da mente.

Enviando alguns agentes ao *Mundo do Rio*, os *Éticos* pretendem comunicar aos humanos, apenas a sua verdade, através da *Igreja da Segunda Oportunidade*. Proclamam a vida eterna, e vão desenvolvendo estratégias que permitam atrasar a viagem de Burton, Sam Clemens e de Cyrano, e de todos os seus seguidores. Ideia, expressa nas palavras do Chefe dos *Doze Éticos* que se dirige a Burton do seguinte modo:

"(...) o Traidor, o sujo Desconhecido (...) está a desperdiçar as suas possibilidades de vida eterna, em favor dos objectivos dele (...) Ele ou Ela...representa o Mal".

O *Chefe dos Doze* refere-se a Loga. Este representa o lado humano que se atreve a assumir uma atitude de desafio em relação às verdades dos deuses (Pais/*Éticos*). para, numa atitude de descentração de si próprio, querer também saber mais de si. Deste modo, Loga representa uma ameaça ao poder dos deuses, tal como os humanos sempre que se atrevem a ser Deus.

Afinal - *"o que é a perda de consciência de si próprio como individuo, comparada com o ganho da consciência de si próprio como Deus?" - pergunta Nur a Frigate.*

Os Éticos também tentaram apagar da memória de Burton, tudo quanto tinha visto na *Bolha da Pré-Ressurreição*, para que ele não pudesse representar nenhuma espécie de ameaça ao plano deles.

Os demais elementos, percebidos sob a forma de quase tragédias, podem ser representados na coluna 6 da Grade - a das *Acções*.

*

A peste que se abate sobre Tebas e os sucessivos ataques dos Éticos ao povo do *Mundo do Rio*, são uma forma de mostrar ao humano a sua condição de seres limitados. Limitações impostas ao desejo humano de ser Deus. A peste de Tebas e a perseguição que os Éticos exercem sobre os humanos são formas de mostrar o poder da mão dos deuses, que pune e castra qualquer desejo de saber.

*

Os suicídios da Esfinge e de Jocasta, assim como os sucessivos suicídios de Burton, representam a fuga ao controlo dos deuses e ao confronto com a verdadeira condição humana.

Num nível de análise diferente, podemos conceber a auto-punição, como uma forma de elaborar a culpabilidade que surge por ter desejado ser Deus. Não existe a possibilidade de reversão sobre D, apenas [PS \Rightarrow PS \Rightarrow PS...]; isto é, sentimentos de culpa ligados ao instinto epistemófilico. A dor do conhecimento é

demasiadamente insuportável e, no lugar da *mudança catastrófica* gera-se *Catástrofe*, enquanto perda do sentido da mente (na psicose).

*

A cegueira e o exílio de Édipo, representam mais do que um simples castigo imposto pelos deuses de Olimpo aos sujeitos que desafiavam o seu poder.

A cegueira de Édipo poderá representar uma *cegueira artificial*, no sentido de ver melhor; na escuridão tudo se torna mais claro. O entendimento é aquilo que se opõe à possibilidade de intuição. *A imposição da cegueira* será uma atitude de alguém que prescinde da ponte para conhecer a realidade. Tal como o Místico é alguém que tem sobre a realidade um discurso imediático, que concebe e pensa a partir de um vértice não-regional. A cegueira será o meio de fazer a ascensão na direcção de 'O'; (K⇒'O').

A chegada de Burton à Torre Polar tem o objectivo de esclarecer todas as suas dúvidas; conquistar a possibilidade de *ascese* a um nível de entendimento de si, e daquele mundo, mais claro, mais *des-coberto*.

Tal como C.A.Dias (1993) afirma, *em todos nós, existe um problema de relação do sujeito humano com o sujeito divino, que surge, sempre que aquele se atreve a querer ser Deus* e, para tal se descentra de si mesmo (tal como Édipo e Burton o fizeram em relação aos deuses de Olimpo e aos Éticos respectivamente).

Édipo cega porque em toda a cultura helénica existia castigo divino para quem assumisse uma atitude de descentração de si, em direcção a Olimpo (tal como os Éticos tentam cegar Burton, apagando da sua memória tudo o que ele sabe sobre aquele mundo).

Tirésias também cegou, por ter tido acesso a um conhecimento que unicamente era acessível aos deuses; *o segredo da sexualidade masculina e feminina*. O pecado maior, não o podemos encontrar no desafio do homem ao sujeito divino, mas antes no perder o *Ser*, logo perder todas as restrições que o definem. O pecado está no erro do crédulo que acredita possuir Deus dentro de si.

A cegueira de Édipo e de Tirésias são um *"sinal da incompletude do Homem, mas também o início de uma sabedoria própria à 'condição humana'"* (C.A.Dias,1993, p.28), sabedoria que nada tem de trágico ou insustentável. Também a chegada de Burton, Alice e Frigate à Torre Polar representa o contacto do Homem com este conhecimento. *Ser 'O'* constitui-se como uma possibilidade ao *Ser do Humano*.

Para ilustrar o limite da sabedoria enquanto parte integrante da condição humana, nada mais belo do que a passagem da Bíblia Sagrada, que vos apresento:

"Apliquei-me a conhecer a sabedoria e a considerar a fadiga que se realiza sobre a terra, pois o homem não conhece repouso, nem de dia, nem de noite. Observei o conjunto da obra de Deus e percebi que o homem não consegue descobrir tudo o que acontece debaixo do sol. Por mais que o homem se afadigue em pesquisar, não chega a compreendê-la.

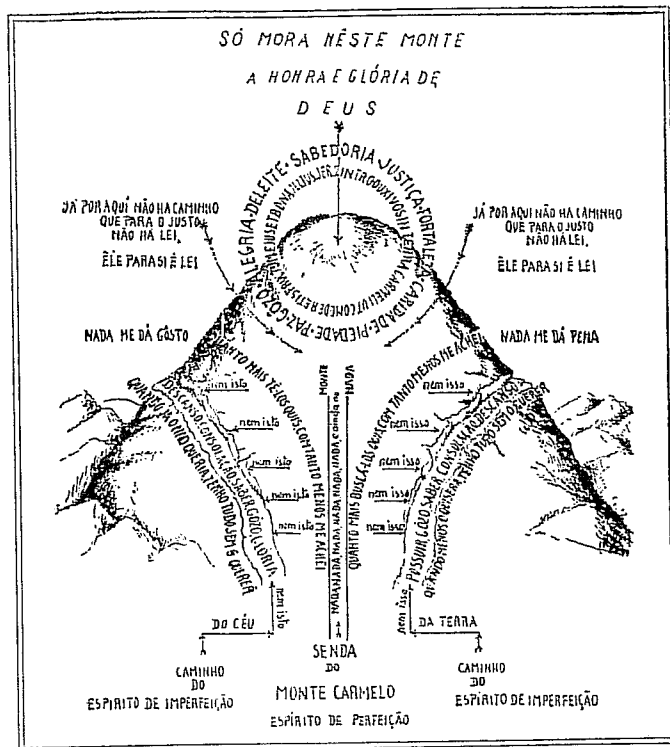
E mesmo que o sábio diga que a conhece, nem por isso é capaz de a entender." (Eclesiastes 8, 16-17)

Bion ao utilizar o Mito de Édipo, está a dizer-nos que o conflito não está na relação entre um grupo de ideias e outro, ou entre um grupo de impulsos e outro (que em termos pictóricos está representada pela relação entre Édipo e Laio), mas sim na relação entre **+K** e **-K**, isto é, entre Édipo e Tirésias, entre Burton e os Éticos.

*"Quando o olho não está bloqueado
o resultado é a Visão;
Quando a mente não está bloqueada [por C]
o resultado é a Sabedoria;*

(Anónimo)

*Quando não há fronteiras a vida flui!
Em puro Ser sem Existência!*



O primeiro esboço do «*Monte Carmelo*», feito por São João da Cruz, está arquivado na Biblioteca Nacional de Madrid (manus. 6296).

Nele se lêem os versos [que vos apresento] na página seguinte, e que no original se encontram sob a gravura e escritos de lado.

Esta gravura é absolutamente conforme ao original quanto ao texto escrito: quanto ao desenho em si [sofreu algum arranjo no sentido de] lhe conferir um aspecto mais compreensível.

*Para vir a gostar tudo,
Não queiras ter gosto em nada.
Para vir a saber tudo,
Não queiras saber algo em nada.
Para vir a possuir tudo,
Não queiras possuir algo em nada.*

*Para vir ao que não gostas,
Hás-de ir por onde não gostas.
Para vir ao que não sabes,
Hás-de ir por onde não sabes.
Para vir a possuir o que não possuis,
Hás-de ir por onde não possuis.
Para vir ao que não és,
Hás-de ir por onde não és.*

*Quando reparas em algo,
Deixas de arrojarte ao todo.
Para vir de todo ao todo,
Hás-de deixar-te de todo em tudo.
E quando o venhas de todo a ter,
Hás-de tê-lo sem nada querer.*

*Nesta desnudez acha o espírito o seu descanso
porque não cobiçando nada,
Nada o afadiga para cima e nada o oprime
para baixo porque está no centro
da sua humildade.*

III- Um Acto de Fé *Fé em Ø*

Bion fala-nos de três modelos de abordagem da realidade: o modelo científico; o modelo estético e o modelo místico-religioso, que correspondem aos vértices **C**, **P** e **M** respectivamente. Sendo este último considerado por Bion, o ponto mais alto do pensamento e da práxis, porque sem ele, os outros dois não operam a sua verdadeira mudança de vértice de maior significância. Na expressão de Rezende (1993), *sempre que há mudança de vértice, o universo mental expande-se*. No sentido da mudança em comparação com o universo anterior.

"A transformação em K tem sido, contrariamente à visão comum, menos adequadamente expressa pelos enunciados matemáticos e formulações religiosas. Ambos falham, quando deles se requer expressão de crescimento, logo transformação em 'O'. Ainda assim, os enunciados religiosos mais atendem aos requisitos de transformações em 'O', que os da matemática". (Bion, 1965, p.165)

É sobre o vértice **M** que nos propomos falar. Como diria L.S.Ribeiro (1993), é o homem aquém do homem, o '**O**' do humano ou do seu radical, sobre as quais é difícil discursar, porque não captáveis pelas transformações **C**, mesmo por aquelas que mais se aproximem de transformações em '**O**', que tomamos como ponto de partida.

C, *olhar retiniano*, olhar científico, que reflete bem o pensamento sensório-perceptivo, emerge como algo que, dependente da realidade exterior, separa e divide pela sua natureza *heterogénea-dividente*. Percebe-se a inquietude gerada por todo o objecto que se aproxima do vértice C. Vértice naturalista (?) pertencente e representante do discurso científico, que afirma a todo o momento que sabe e deseja, que graças à sua intervenção é possível ordenar e recuperar.

Não será aqui mesmo, que reside a trágica condição humana? No afirmar saber algo do qual nada se sabe, por mera ilusão que vê com os *olhos dos olhos sem consciência de si*? A trágica condição humana não nasce da cegueira de Édipo, mas antes parece nesse mesmo instante. Momento de libertação de uma ilusão de tudo saber de 'O' (Burton na Torre Polar), o que equivaleria a perder o *Ser*, logo todas as restrições que o definem.

Não é com a cegueira de Édipo que tudo termina, nem com a chegada de Burton à Torre Polar. A viagem pelo *Mundo do Rio* (que poderia ser a viagem de cada um de nós) não termina na Torre Polar. É nela que (re)começa a conquista pelo *Ser*.

C revela a sua inaptidão para lidar com os objectos no seu todo, tratando-os como *não-coisas*, contrariamente àquilo que todos os especialistas desta dimensão possam acreditar. Recorde-se a expressão de L.S. Ribeiro (1993); "*o equívoco entre a natureza do pensar e a sua simulação através de um consumo voraz de estimulação na esfera do sensório-perceptivo, fazendo crer que o que se vê são objectos naturais, e não objectos criados na organização lexical e sintática do observador, aclara a pestilência e a suspensão da função de pensar existente no pensamento dito científico*".

A linguagem do órgão da visão, **C**, é estranha ao órgão da consciência, **M**. Somente este último detém o poder de aclarar o conhecimento de '**O**', de significar através do que está para além da designação concreta, só possível pela intuição (acto de fé). Para designar uma transformação no vértice **M**, recorro à expressão do místico, que L.S. Ribeiro (1993) refere em *O Bafo; a mente rápida é louca, a mente lenta é sábia, a mente parada é Deus*, que ilustra **C**, **P** e **M**, respectivamente.

Qualquer conhecimento em **P** ou **M** é por obliquidade a **C**, um conhecimento de si-próprio, interno, conhecimento que une a diferença imanente à duplicidade humana original. Que surge como o modo pelo qual se podem encontrar e mutuamente fecundar, o *local* e o *ilocal*, o *regional* e o *universal*.

O *místico* é aquele que concebe e pensa a partir de um vértice não-regional, global; labora em **M**. É alguém que tem sobre a realidade um discurso imediático; que prescinde da ponte; prescinde da lógica sensorio perceptiva, do órgão da visão, no olhar da transcendência; do *homogéneo-indiviso*, da *coisa-em-si*, de '**O**'.

E aqui não posso deixar de referir a extraordinária expressão de L.S.Ribeiro (1993), quando nos apresenta o Humano como o *sal da terra*; "*expressão de profundo significado no interior da tradição alquímica. Nesta é sempre através de um sal que se viabiliza a interpenetração de um volátil e de um fixo. O Humano surge como o local de máxima expressão da duplicidade original, da antinomia fundamental, local onde se podem encontrar e mutuamente fecundar ambos os modos, gerando superação de si próprios, quintessência ou unidade trinária (...). Local de turbulência perpétua pelo jogo infundável de fixação-do-volátil e de volatilização-do-fixo, em que P assegura, pela distância metafórica, a protecção do continente e do*

conteúdo, afirmando a vitalidade e a essência da condição humana".
(Ribeiro, 1993, p.46)

E o que fica deste jogo, entre volátil/fixo, infinito/finito, heterogéneo-diviso/homogéneo-indiviso, realidade perceptiva/realidade humana? Ao que fica Bion desiga por Fé?

Na perspectiva mística introduzida por Mestre Eckhart e adoptada por Bion, a atitude sem memória, e sem desejo recebe o nome de *Abgeschiedenheit* que significa *despojamento, desnudamento*, quase o *não-ser de nós mesmos* para que o *Ser* possa *Ser em nós*. Estou a falar da experiência de verdade no divã, enquanto desnudamento, caracterizado pela primazia do *Ser*.

Farmer conta-nos a propósito da ressurreição realizada à beira do Rio:

"Estavam todos nus e calvos e, tinham adquirido a aparência e potencialidades de alguém com 25 anos de idade".

Pura emanência do *Ser*, sem regras, sem limitações. Tudo começa numa atitude de desnudamento ("*nus*"), da qual as personagens irão afastar-se ou não, com o decorrer da viagem pelo Rio.

Mas tal experiência só será possível numa relação de Fé, e numa relação de vínculo +K à verdade. A propósito do medo em relação à turbulência psicológica (*mudança catastrófica* ou *elucidação*) de *ser tornado 'O'* Bion refere-se a São João da Cruz;

"Na primeira canção canta a alma a ditosa sorte e ventura que teve em sair de todas as coisas exteriores e dos apetites e imperfeições que há na parte sensitiva do homem pela desordem que tem com razão." (São João da Cruz, p.17)

"Por três causas podemos chamar noite [no sentido activo; purificação, no sentido passivo; criaturas] a este trânsito por que passa a alma até chegar à união de Deus. A primeira por parte do termo donde sai a alma, pois há-de ir carecendo do apetite que possuía de todas as coisas do mundo pela negação delas: esta negação e carência são como noite para todos os sentidos do homem. A segunda por parte do meio ou caminho por onde a alma há-de ir a esta união, que é a fé, que é também tão escura para o entendimento como a noite. A terceira por parte do termo para onde vai, que é Deus; porque Deus é para a alma durante esta vida nem mais nem menos que a noite escura. Estas três noites hão-de passar pela alma ou para melhor dizer, ela por elas, para chegar à divina união com Deus". (São João da Cruz, p.19-20)

A resistência a qualquer interpretação é sinal de medo suscitado pela ameaça de mudança de $K \rightarrow 'O'$; ($T\alpha \rightarrow T\beta = K \rightarrow 'O'$). De toda a transformação que vai desde o *saber acerca de algo* (K) para *vir a ser esse algo* ($'O'$).

Passar pela transição de *saber acerca da realidade* (transformações de $'O'$), para *ser tornado real* (transformações em $'O'$). Exemplo desta transformação é o desenvolvimento de uma concepção a partir de uma pré-concepção (passagem da fila D para a E da Grade). Isto em Bion designa o processo de saturação do

elemento não-saturado $\Psi(\xi)$ da pré-concepção, para torná-lo em, $\Psi(\Psi)(\xi)$, concepção. "Ou seja, a pré-concepção torna-se em concepção, e retém a sua dimensão de uma pré-concepção. Em termos de transformação, denota-se a transição por $T\alpha \Rightarrow T\beta \Leftrightarrow (1^\circ \text{ ciclo}), T\beta (1^\circ \text{ ciclo}) \Leftrightarrow T\alpha (2^\circ \text{ ciclo})$. O conceito psicanalítico de cura inclui a ideia de transformação pela qual um elemento se satura e está, assim, apto para a saturação ulterior". (Bion, 1965, p.162).

Bion considera um quinto grau de simbolização no qual, a própria noção de símbolo adquire uma forma mais ampla, caracterizada pelas transformações em *Ser* (ou *vir-a-Ser*). Bion fala-nos de uma questão essencial, ligada à memória e ao desejo; a *Verdade do nosso Ser ('O')*, e resolve esta mesma questão pela Fé numa atitude mística.

A mística como experiência do *Ser*, é investigação; tudo questiona. No entender de Bion, o analista no seu consultório *tem que ser como um cientista, um artista, um teólogo* (espaço de conciliação entre **C**, **P** e **M**). Alguém que é capaz de integrar as partes num todo e, o todo nas suas componentes integrativas. O psicanalista deve ter como preocupação '**O**', que é incomunicável a não ser através da sua imanência.

Pode parecer atíngivel por **C**, através dos fenómenos, mas, de facto, isso não acontece. Porque a transformação de **K** em '**O**' depende de ultrapassar **C**; memória e desejo. Fé é um estado mental onde não habitam nem memória, nem desejo. Fé é, no dizer de São João da Cruz, *a noite escura, a purificação ou a crucificação da mente*, ou em Mestre Eckhart *o não ser de si mesmo*.

"Pode-se querer saber que estado mental é bem vindo, se desejos e memórias o não são. O termo que corresponderia aproximadamente ao que necessito expressar é Fé - Fé na existência de uma realidade e verdade últimas - o desconhecido, o incognoscível, o 'infinito informe'" (Bion, 1970, p. 42). Tudo o que observamos em C representa apenas o envolver de 'O', e nada mais.

A *crucificação da mente*, é entendida como a experiência da escuridão, do não-ver, do abandono. Fé, na linguagem Judaico-Cristã, é o cerne da paixão: *"Pai, porque me abandonaste?"* É aquele momento em que a mente não tem outro apoio, e onde, portanto, o acto de fé aparece como transposição de um abismo, mas sem nenhuma ponte:

"Estava só, num mundo sem som."

"Não havia nada onde se apoiar para se levantar porque ele estava suspenso no nada."

"A vara [na qual Burton estava suspenso] vinha de cima, do infinito, e descia até ao infinito."

"As varas vinham de um abismo sem fundo e mergulhavam num abismo sem tecto."

"(...) e viu outros corpos nus e sem cabelos."

"Também ele estava nu e sem cabelos" [sinal de desnudamento e despojamento de nós próprios]."

"Não era nada parecido com o céu ou o inferno de que ele ouvira falar ou lera, e ele supusera conhecer todas as teorias da vida, depois da vida. Tinha morrido. Agora estava vivo."

"Ele gabara-se de não ter medo. Agora o medo arrancava-lhe o grito que se estava a formar na sua garganta. O seu medo esmagava-o e espremia dele a nova vida."

"Sentiu que lhe tinham retirado o seu ponto de apoio na vista, na sanidade mental, no mundo."

É a própria angústia, diante das Trevas e do Nada. A experiência daqueles que desceram às profundezas do inferno. É o momento, durante o qual não há apoio e parece não existir céu nem terra, apenas um abismo transponível por intermédio da Fé. No dizer de São João da Cruz, Fé consiste em experimentar, entre outras coisas, a ausência de todas as defesas reasseguradoras; o que fica é a *in-certeza* e o *desconhecido* e a Fé enquanto *conhecimento de outra ordem*. Aquele que não é capaz de passar para "outro" registo, não é capaz de experimentar o acto de fé.

No dizer de Muniz de Rezende; *"o sonho é a realização alucinada do desejo. Não é real, mas uma outra forma que a mente encontrou para "realizar" os nossos desejos. Assim como o sonhar tem um papel importante na vida mental, a "alucinese" e as "transformações em alucinese" são uma etapa significativa no desenvolvimento de K para 'O'. Ela não é propriamente sinónimo de delírio, mas significa um "conhecimento outro", diferente do real e da ordem do imaginário, podendo ser entendida como uma etapa intermediária entre real e simbólico."*(Rezende,1993, p.204).

Em *Atenção e Interpretação*, Bion (1991) concebe que as "memórias" e os "desejos" para que atraio a minha atenção têm em comum, os elementos seguintes: já enunciados não requerem formulação; provêm da experiência advinda dos sentidos; evocam sentimentos de prazer ou sofrimento; são enunciados "contendo" prazer ou sofrimento. Servem, enquanto enunciados coluna 2, à função de evitar transformações tipo $K \Rightarrow 'O'$, e deste modo são pobres em significante.

"Todos se moviam de um lado para o outro, sem objectivo aparente. Isto num primeiro momento em silêncio, para de repente os homens as mulheres e as crianças começarem a gritar, a soluçar a rasgar os rostos com as unhas ou a baterem no peito, ou a caírem de joelhos e a levantarem as mãos em prece, ou atirando-se para o chão e tentando enterrar os rostos na relva como avestruzes para não serem vistos, ou ladrando como cães, ou uivando como lobos."

"Os cogumelos [Graal], a norte e sul, de ambos os lados do Rio, estavam cobertos por pessoas que lutavam entre si. Burton caminhou até se ver livre da multidão e depois sentou-se. (...) a observar aquela massa fremente e barulhenta. Dir-se-ia que o cogumelo [Graal], tinha sido assaltado por vermes pálidos. (...) Alguns deles vermelhos porque o sangue fora derramado".

Farmer ilustra deste modo a acção que poderíamos situar em A6, isto é, a não procura da essência, mas apenas do que é dado pelos sentidos, e pobre de significação. Nestes seres não existe lugar para o *TRANS*; existe apenas um lugar àrido onde 'O' não habita.

Se não existe a possibilidade de questionar em *negatividade* (para Bion a fase rica da transformação), não se dá a possibilidade de passagem do primeiro sentido para o segundo e deste para o terceiro, até ao infinito. $Ps \Leftrightarrow D$ não acontece.

Segundo Bion esta transformação só existe a partir de um acto de fé em 'O', que poderíamos representar da seguinte forma; $Ps \Leftrightarrow 'O' \Leftrightarrow D$. O acto de fé é a respeito do que não conhecemos, do que não está ao nosso alcance. Este é o ponto alto do pensamento de Bion; a introdução do conceito de fé em 'O' como veículo de acesso ao desconhecido, para o tornar conhecido, através da transformação em K e daqui partir para 'O' pela transformação $K \Rightarrow 'O'$, isto é *Ser 'O'*.

Que resposta dar à célebre questão colocada por Descartes: *Será que posso confiar nos meus sentidos?* O que me leva a sentar nesta cadeira, sem duvidar dos meus sentidos. Só pode ser o *acto de fé existencial*. Acto de fé fundador e ponto de partida de todo o conhecimento, até do dito científico.

'O' (*Realidade Última, Absoluto, Verdade Primeira, Infinito, Informe...*) deve estar para o psicanalista, como a *Deidade* está para o místico. No universo místico o centro de tudo é a *Deidade (Divindade)*, e no universo psicanalítico o centro de toda a relação deve ser a *Realidade Última*.

Mestre Eckhart usa uma expressão para se referir ao que podemos ter acesso da Divindade; *emanações*. Conceito que inclui a ideia de movimento e transformação, dentro da própria estrutura Divina. De que *emanações* o autor nos fala? Só temos acesso à Divindade através do Pai, Filho e Espírito Santo, Encarnação e Criação.

Na linguagem de Kant, utilizada por Bion, as *emanações* correspondem ao *fenómeno* e a *Deidade* corresponde à *coisa-em-si*. Apenas podemos ter acesso ao conhecimento dos seus fenómenos. Condição ultrapassável pela *graça*; pelo *Ser*.

Para o místico a última cópula é com o *UNO*, com a *Divindade*. Aliança entre o humano e o Divino, revelada com a chegada de Burton, Alice e Frigate à Torre Polar.

A "*luta pela perfeição*" levara-os até lá, e foram bem sucedidos!

"O Rio era longo, muito longo, mas fomos até ao fim dele! - gritou Alice."

"Sim - concordou Burton. Beijou-a várias vezes. - Temos de voltar ao Rio, mas isso não importa."

"Como tudo aquilo fora estranho e imprevisível! O mundo fora salvo, não por grandes chefes e estadistas, não por místicos e santos, profetas ou messias, não por qualquer das escrituras sagradas, mas por um introvertido e excêntrico escritor de textos matemáticos e livros infantis [Loga] e pela criança que o inspirara [Alice]."

No dizer de Paul Tillich (1957), *o que se aceita no acto de fé, é a promessa de uma realização última, que exige do homem uma entrega incondicional*. E como tal é o acto mais pessoal e humanizante da mente humana. Transcende tanto os impulsos inconscientes do racional, como as estruturas do consciente racional. É um acto no qual se transcendem, tanto os elementos racionais como os não-racionais.

No *extasis* da fé dá-se a percepção da verdade e do valor ético, num acto de vontade de conhecer.

IV - Quando Se Perde a Fé

O acto de fé será aquele que permite à criança acreditar na bondade da sua mãe mesmo nos momentos em que esta se afasta, termina de a alimentar ou até nos momentos em que a mãe parece tardar com o alimento.

É o *acto de fé* que funda o que Bion designou *capacidade de realização negativa* como pré-condição à capacidade de *pensar, pensar na relação "suportando o conflito existente entre a deslumbrada contemplação das realizações maternas e a percepção da enigmática intangibilidade das funções que lhe presidem, logo de trans-formar"* (Ribeiro, 1993, p.164).

Na ausência da Fé (confiança, autenticidade, consciência...), o que fica é a incapacidade de resistir à frustração, e a conseqüente inibição de toda a capacidade de realização negativa. No seu lugar nasce a *equação simbólica*. Qualquer ausência da mãe nutriente, vai ser sentida pela criança como *presença de uma bruxa activamente desdenhosa e maléfica*. Esta equivalência nasce do facto de a mente da criança laborar em C, na área do sensorial, não restando nenhum espaço para a mudança de sentido, nem para a diferença Eu / Outro.

A mãe é sentida pela criança, apenas como uma extensão do seu próprio corpo. Numa relação desta natureza o outro resume-se e identifica-se às suas sensações. Relação de violência e apropriação, que faz crescer o *mentiroso e confuso projecto*

de onnipotência e onisciência na relação com as realidades interna e externa (como na psicose).

Na expressão de L.S.Ribeiro (1993), a capacidade de realização negativa é essencial para *"a percepção da vida e do processo de humanização como pertencendo ao domínio da metaforização com a compreensão de que nunca é possível uma plena tradução do significado pelo significante, cuja função consiste em estimular o exercício da trans-formação metafórica - como imunização para a armadilha satânica, iluminista e gnóstica, em que se entrevê o reforço metonímico e a permanência replicativa do pensamento em equação simbólica"* (Ribeiro, 1993, p.164).

A aceitação desta limitação é que constitui o verdadeiro *Ser*; permite o avanço em direcção a '*O*' sem a angústia provocada pelo que alguns autores designam *trágica condição humana*.

«Quem nada conhece, nada ama. Quem nada pode fazer, nada compreende. Quem nada compreende, nada vale. Mas quem compreende também ama, observa, vê... Quanto mais conhecimento houver inerente numa coisa, tanto maior o amor... Aquele que imagina que todos os frutos amadurecem ao mesmo tempo, como as cerejas, nada sabe a respeito das uvas.»

Paracelso

*V- Sobre Os Ataques Ao Vínculo
Em João Sem Terra*

Farmer ao longo da sua obra apresenta-nos a personagem João Sem Terra e atribui-lhe a função que em Bion podemos designar por ataques sucessivos e intensos à relação e ao vínculo. Esta personagem constitui-se como um elemento perturbador que não chega a estabelecer nenhum tipo de laços afectivos com as outras personagens.

A cada grupo de personagens está atribuída uma função específica, que personificará o que Bion designa por actividade mental característica de determinados factores, que actuam de forma conjugada para atingirem um determinado objectivo. Podemos distinguir dois grupos de personagens que, no *Mundo do Rio*, assumem funções diferentes e até mesmo opostas.

Por um lado, Burton, Alice, Frigate, Loga, Goering, Sam Clemens, Cyrano de Bergerac... representam a possibilidade inerente à condição humana de avançar em direcção a 'O'. Apenas como possibilidade, uma vez que os instrumentos que se encontram ao dispor do humano (vínculos H, L e K) apenas permitem aceder ao conhecimento das *emanações* de 'O'.

Por outro a figura de João Sem Terra e todos os seus seguidores, que personificam a incapacidade de seguir até 'O'. João vai iniciar a sua viagem, baseada na sua impossibilidade de desenvolver acções em vínculos L, H e K, mas tem ao seu

dispor apenas o vínculo de ódio (-H) à relação, à realidade e ao verdadeiro conhecimento.

As sucessivas batalhas desencadeadas por João contra Burton, Sam Clemens e Cyrano, representam a acção sobre a forma de ataques destrutivos, desencadeados contra o Ego, onde quer que este último se vislumbre. Isto acontece, segundo Bion, quer o Ego se manifeste no paciente ou no analista. Estes ataques recordam as descrições de Melanie Klein sobre os ataques que, em fantasia, o bebé lançava contra o seio materno.

Uma questão que Bion levanta no seu artigo *On Arrogance*, prende-se com a relação de ódio que o psicótico estabelece com a realidade: "*o que há na realidade que a torna tão detestável para o paciente, tendo este de destruir o Ego que o põe em contacto com ela?*" (Bion, 1958, p. 145).

Bion parte do pressuposto de que na base deste ataque ao vínculo está o evitamento do confronto com a *situação edipiana de base sexual*, porque quando "*a reconstituição do Ego progride o suficiente de modo a tornar visível a situação edipiana, é bem comum descobrirmos que isso desencadeia ainda mais ataques ao Ego*" (Bion, 1958, p.145), e à realidade.

Contudo existem outros elementos que intervêm activamente neste processo; a *arrogância associada ao ódio e à inveja*; como resultado da utilização excessiva da *Identificação Projectiva negativa*. Mecanismo desencadeante de sentimentos de catástrofe, pela destruição de qualquer elo de ligação entre Eu-Outro, entre Ego-Realidade.

O que resta deste processo é o crescimento de um *Super Super-Ego primitivo* que impede o uso da *Identificação Projectiva normal*. Mecanismo ao serviço da estruturação do Ego e indispensável ao estabelecimento e desenvolvimento de vínculos afectivos com o próprio e com o outro.

João assume uma postura de *estupidez e curiosidade arrogante* (aquela que não está ao serviço da aprendizagem), por oposição a Burton, nas (não)relações que vai estabelecendo. Ele vai partir numa viagem em busca do sensorial (C) custe o que custar. Por onde passa vai deixando um rasto de morte. "*O alvo [de Eros personificado por Burton] é instituir unidades cada vez maiores e portanto conservar: é a ligação. O alvo [da pulsão destrutiva ou Thanatos personificado por João] é, pelo contrário, dissolver os agregados, e assim destruir as coisas.*" (Freud, 1938, p.148). É destruir qualquer esboço de relação.

Se olharmos para a personalidade de João podemos encontrar a predominância dos instintos de morte (*Thanatos*), que se inscrevem num dualismo no qual se contrapõem às pulsões de vida (*Eros*). Ele vai espalhando à sua volta a morte e a destruição, ao serviço do poder (João labora em C sem nunca se permitir aceder a P ou M). "*Quando os instintos de vida [Eros] predominam o que aparece é o respeito próprio, se o que predomina são os instintos de morte [Thanatos] o que aparece é a arrogância.*" (Bion, 1958, p.144).

Segundo Melanie Klein, o conflito entre *instintos de vida e instintos de morte*, acompanhado da ameaça de aniquilação do Ego e do objecto por impulsos destrutivos caracteriza a relação inicial entre a mãe e o bebé. Esta conflitualidade, reforçada pela dupla ocorrência, ora de experiências felizes ora de experiências frustradoras, intensifica a crença da criança num *bom seio* ou num *mau seio*. Fase

esta, caracterizada pelo sentimento de ambivalência entre perda e recuperação do *bom seio*, entre **Ps** e **D**.

O ponto de vista kleiniano defende que o movimento entre **PS** e **D** só será bem sucedido se coexistirem uma *capacidade de amar* e um Ego relativamente forte. A hipótese colocada por Klein considera a *capacidade de amar* (algo de inato, que dá ímpeto, tanto às tendências integradoras do Ego como a uma *Divisão Primária* bem sucedida, entre objecto amado e objecto odiado), como a base para o desenvolvimento e organização do Ego, isto é, promove a integração e sucesso da *Divisão*; **PS** ⇔ **D** que segundo Bion funda a *capacidade de pensar*.

João representa o *Ego que não quer conhecer* uma vez que para atingir a Torre Polar vai construindo a todo o momento estruturas ou enunciados falsos (coluna 2 da Grade), "*com a intenção de impedir [o confronto] com os enunciados que possam engendrar angústia ou os desenvolvimentos que envolvem uma mudança catastrófica*". (Grinberg, 1973, p.87).

João vai deste modo substituir a busca de **K** pela onipotência, prepotência (pré-potência) e arrogância, que no seu todo representam um obstáculo a **K** e deste a '**O**'. João e todas as personagens que laboram no mesmo vértice, nunca chegam a atingir a Torre Polar. Na linguagem de Bion, este grupo de personagens poder-se-á designar por *parte psicótica da mente*.

Todas as acções desenvolvidas por João parecem ter um único objectivo; evitar a dor do desconhecido e do sofrimento que acompanha toda a pulsão epistemófilica e toda a mudança catastrófica "*momento, (...), em que se dá o contacto com a dor*".

necessária ao encontro com uma nova unidade de significação" (Dias, 1993, p.29). Logo **K** é impossível.

No paranoico possibilidade de encontro com uma nova unidade de significação não existe, porque o ponto de integração que está contido na mudança catatrófica não pode ser atingido, precisamente por ser insuportável ao sujeito. A dor que se segue é tão brutal que no lugar da mudança catastrófica temos a catástrofe, logo **D** não é atingido. João fica-se pelo $Ps \rightarrow Ps \rightarrow Ps \rightarrow Ps \dots$, e assim sucessivamente criando-se a questão central que no entender de C.A.Dias (1993) se traduz por um *ódio à realidade* (questão central da psicose).

Com a eliminação de **D** como unidade de integração, organizadora e de significação o resultado será a substituição da verdadeira capacidade de pensar "*por uma causalidade circular que estrutura então um "pensamento", pensado em anti-pensamento"*. (Dias, 1993, p.30)

Nas relações que João estabelece, o que domina é o *ódio* e a *inveja*, logo **K** como resultado de $[(+L) + (+H)]$ não pode acontecer e, **K** como expectativa $(+Q \Leftrightarrow \hat{O})$ e enquanto estado de descoberta também não. Porque no evitamento à dor, **K** não tem lugar.

O termo *inveja* vem do latim - *invidia* (com origem no verbo *invideo*) - e designa *olhar de soslaio para; olhar com rancor para*. Melanie Klein (1975) em *Inveja e Gratidão* refere-se ao invejoso como aquele que só se sente realizado com o infortúnio do outro, portanto todos os esforços para o satisfazer são vãos. Insaciável, o invejoso sofre porque a sua inveja tem origem no próprio, e encontra sempre no mundo externo objectos sobre os quais se pode projectar.

Sam Clemens tinha o seu barco pronto. O *Não Se Aluga* era o único do *Mundo do Rio* que possuía casco de metal e propulsão eléctrica. Repentinamente João desencadeia uma verdadeira batalha para o retirar a Sam. Não havia mais nada a fazer senão fugir:

"um após outro com as balas a uivarem à sua volta".

João queria que Sam sofresse em vida aquela traição. E poucos minutos depois dirige-se a Sam nestes termos:

"Adeus, Samuel! És um parvo! Obrigado por teres construído o Barco para mim. E mudarei o seu nome para um que me agrade mais! Vou saborear o fruto do teu trabalho! Pensa de mim o que quiseres! Adeus!"

No discurso de João podemos observar não só os sentimentos de inveja mas também os mecanismos de defesa a ela associados. A desvalorização do outro (neste caso de Sam), é frequente neste tipo de funcionamento. O objecto que foi desvalorizado já não precisa de ser invejado, o que provoca um abaixamento dos sentimentos de inveja para níveis mais suportáveis para o Ego.

De acordo com Melanie Klein a *Desvalorização* e a *Ingratidão* são dois mecanismos de defesa contra a inveja, que estão presentes ao longo de todo o desenvolvimento, e nalguns casos permanecem como características essenciais das relações de objecto. Na análise, são pacientes que depois de uma interpretação, a criticam e a desvalorizam até a tornarem inservível.

Se por um lado João desvaloriza a figura de Sam por sentir inveja dele, por outro as suas palavras deixam transparecer a satisfação que sente em provocar (projectar) sentimentos de inveja no próprio Sam. Ao apoderar-se do *Não Se Aluga*, João está a inverter a situação de invejoso para invejado. Mas esta defesa acaba por ser ineficaz porque vai aumentar em João os seus temores persecutórios.

O que prevalece neste modo de funcionamento é uma relação com a realidade em vínculos -L (mentira) e -H ligados a -K (intolerância à expectativa $-(\text{♀} \Leftrightarrow \text{♂})$ ou *não K* das psicoses. Ele fica-se pela busca do (que se sabe ser o falso) Graal; fonte de todo o prazer imediato (no tempo) e breve, que acenta num vértice sensório-perceptivo.

No dizer de L.S.Ribeiro (1993) o vínculo místico (M) está fora da dinâmica invejosa. Está na origem da criação de novos espaços infinitos, multiplicação e existência, pela abertura mística ao *não-ser*, em vez da *mesmificação* (vértice C), *iteração replicativa* do já existente, contida no projecto de João Sem Terra, e homogenizador e igualitário. As relações de João com a realidade fundam-se na identidade ou replicação invejosa que caracteriza C, por oposição à relação com a alteridade amada que traduz M.

O que resta a este anti-pensamento é a *ditadura da mente* por conceber tudo à sua imagem e semelhança *tornando-se a diferença e a alteridade no maior dos crimes*, a ser punido. João falha pelo excesso de assimetria (divisão) num arremedo de M.

Na figura de João, o *pensar* não se caracteriza pela abertura ao outro, nem tão pouco pela abertura ao *não-ser* e ao *não-saber*. As (não)relações que vai

estabelecendo são 'relações' com o idêntico, pouco aptas à transformação e tendendo para uma iteração; para o solilóquio. Resvalando para a imposição ao outro de si (ficando-se por Ps num investimento puramente narcísico), em direcção a -K; para a criação a todo o instante da mentira. Processo que culmina na *solidão do solipsismo*.

A *aprendizagem* situa-se num outro lugar. Gera-se na *obscuridade* do misterioso enigma (*não-ser e não-saber*), e não na aquisição ou imitação da sensorialidade ou concretude das emanções do outro. "A identidade como negação da diferença irreduzível do outro é obviamente a expressão de um vínculo invejoso, destrutivo e esterilizante. O saber totalitário e concreto que gera não pode deixar de criar (-'O') no lugar de 'O' no caminho da mentira (-K)". (Ribeiro, 1993, p.65)

João representa aquilo que Bion designa por -M e -K, ou em L.S.Ribeiro (1993), *fusão mística alucinada pela ausência de lugar para o outro (não-ser)*, o enigma e o não-saber; pela necessidade de afirmar o *existir* e confundi-lo com o *ser*.

Não há relação *eu/outro* por estar presente o medo de simetria dessa mesma relação. O psicótico tem sede de separação pelo receio de se perder na simetria da psicose.

Em João não existe capacidade de tolerar o *sentido de infinito*, que surge na obra de Farmer representado pelo Rio de dimensões que quase tocam o infinito, e pela Torre Polar descrita pelos Éticos, como *infinitamente inatingível*. O que não é verdadeiro para aqueles cuja mente pode passar a todo o momento de *R1, R2, R3 ...Rn...* E são as personagens que aptas a transformar, também o estarão para entrar na Torre

Polar. Burton é o *símbolo que simboliza* e João o *símbolo-coisa* ou *não-símbolo*, tal como na personalidade psicótica (*equação simbólica da alucinação*).

Melanie Klein fala-nos do uso excessivo da *cisão* e da *identificação projectiva negativa* na formação da personalidade psicótica. Bion afirma que existirá um grau normal de identificação projectiva, que associada à identificação introjectiva, na qual se constitui ou repousa a base para um desenvolvimento normal (*identificação projectiva normal ou positiva*).

A mãe compreensiva é capaz de experimentar a sensação de pavor - com a qual esse bebé se esforça por lidar através da *identificação projectiva* - e, ainda assim manter serenidade e equilíbrio.

Mas os sentimentos de *ódio* e *inveja* poderão permanecer, mesmo se a mãe assume uma atitude de *rêverie*. O *ódio* e a *inveja* vão neste caso dirigir-se para esta capacidade que a mãe tem de desempenhar o seu papel *alfa-betizante* (*função α ou rêverie materna*), das angústias de morte do bebé, mesmo nos momentos em que este mostra sinais de medo intenso. Os ataques são neste caso dirigidos em relação à paz de espírito da mãe.

Segundo M.Klein, de um lado temos a *disposição inata do bebé* (ou do paciente) *para a destrutividade, ódio e inveja excessivos*. Do outro, o ambiente que nega ao paciente ou ao bebé o uso dos mecanismos de *cisão* e *identificação projectiva*.

Em determinados momentos, os ataques destrutivos ao elo de ligação entre o paciente e a realidade ou entre o bebé e o seio materno - ou entre diferentes aspectos

da sua personalidade - têm origem no próprio. Noutros momentos podemos considerar que os factores desencadeantes não se situam exclusivamente na relação que o bebé estabelece com a mãe, situando-se na conjugação *disposição inata do bebé/mãe*.

A principal fonte deste desenvolvimento no dizer de Bion, encontra-se na *disposição inata* do sujeito para o ódio e a *inveja* que será reforçada ou não, de acordo com as relações que este irá experimentar desde o seu nascimento, e na capacidade que a mãe terá de exercer a sua função de *rêverie*, numa relação de verdadeiro amor.

Podemos deste modo afirmar que o *elo de ligação entre o paciente e o analista*, entre o bebé e o seio, é o mecanismo de *identificação projectiva positiva*. Os ataques destrutivos a este vínculo são dirigidos para uma fonte externa ao paciente, ou ao bebé; ou seja, no analista, ou no seio. O resultado é a excessiva *identificação projectiva negativa* por parte do paciente e a deterioração dos processos de desenvolvimento e integração do Ego deste último. No qual **D** nunca é atingido.

V.1- Algumas Citações de Bion

Bion (1959) em *Attacks on Linking*, ao referir-se à parte psicótica da personalidade, teve ocasião de falar dos ataques destrutivos que o paciente faz a tudo aquilo que, ele sintia que, tem a função de ligar um objecto a outro. E para ilustrar a sua tese central apresenta-nos alguns casos clínicos;

"Nos vinte e cinco minutos iniciais da sessão, o paciente fez três comentários isolados que, para mim, não tiveram significado. Em seguida, referiu-se a uma moça que conhecera, e lhe parecera compreensiva. A este comentário seguiu-se um violento movimento convulsivo que ele próprio parecia ignorar. Parecia idêntico ao tipo de ataque na forma de punhalada (...) Tentei chamar-lhe à atenção para o movimento que fizera, mas ele ignorou a minha intervenção, da mesma forma que ignorara o ataque. E aí ele disse que a sala estava cheia de uma nuvem azul. Pouco depois, ele comentou que a nuvem azul tinha desaparecido, mas dizendo de seguida que se sentia deprimido. Interpretei que se sentira compreendido por mim. Tinha sido uma experiência agradável, mas a sensação agradável de ter sido compreendido, fora destruída e expelida instantaneamente. Lembrei-lhe que, recentemente, tinha presenciado o facto de ele empregar a palavra azul para se referir a uma relação sexual injuriosa. Caso estivesse correcta a minha interpretação (...), isto significava que a experiência de ser compreendido foi cortada em pedaços, transformada em partículas de abuso sexual expelidas. (...) As interpretações que se seguiram (de que o desaparecimento da nuvem se devia à introjecção e conversão em depressão) pareceram ter menos realidade para o sujeito..." (Bion, 1959, p.309)

"Metade da sessão foi passada em silêncio. Então o paciente anunciou depois que um pedaço de ferro tinha caído no chão. A seguir, fez uma série de movimentos convulsivos, calado, como se sentisse que estava a ser atacado fisicamente a partir de dentro. Disse-lhe que ele provavelmente não conseguia estabelecer contacto comigo por medo do que se estava a passar dentro dele. Confirmou isto ao dizer que achava que estava a ser assassinado. Ele não sabia o que fazer sem a análise uma vez que ele tinha melhorado. Disse-lhe que ele se sentia invejoso de si próprio e de mim, por sermos capazes de trabalhar juntos, no sentido de ele se sentir melhor, e que tinha posto o par que formávamos dentro de si como se fosse um pedaço de ferro (...), mortos, que se encontravam, não para lhe dar vida mas para o assassinar. Ele ficou muito ansioso e disse-me que não poderia continuar. Devolvi-lhe que ele achava que não podia continuar porque ele ou estava morto ou, vivo e tão invejoso que tinha que interromper a análise. Deu-se uma acentuada diminuição da ansiedade, mas o restante tempo da sessão foi gasto com comentários isolados sobre coisas objectivas, o que de novo me pareceu uma tentativa de preservar o contacto com a realidade externa, como forma de negar as suas fantasias." (Bion, 1959, p.309-310)

in W. R. BION, (1959). *Attacks on Linking*.

***«TO BE OR NOT TO BE,
THAT IS THE QUESTION.»***

HAMLET
Shakespeare

VI - Ser - Pensar - Existir

Para os escolásticos Deus é o único *Ser* cuja *essência* implica a *existência*, quer num plano sensível, quer num plano inteligível. É o único *Ser* que é *causa de si*, (*Ens Causa Sui*), isto é, no qual *essência* não se distingue de *existência*.

Em Bion podemos considerar que *Ser* equivale a 'O', à *Realidade Última*, para a qual o homem caminha numa viagem sem fim, tal como Burton, Alice, Frigate e Loga. O *Ser* que Bion nos apresenta é um *Ser* em potência de Aristóteles. O *Ser* em Bion designa tudo aquilo que ainda não é, para poder vir a *Ser*. *Ir Sendo* será esta potência enquanto possibilidade dada ao homem de poder vir a *Ser* 'O'.

Ser é a propriedade de tudo aquilo que é na quietude da sua infinitude, ao passo que *Existir* (*ex*=fora e *sistens*=ser, isto é *fora de si*), se traduz numa atitude de nos colocarmos fora de nós próprios, numa atitude de consciência, que para Heidegger será sempre consciência de qualquer coisa.

Poderemos conceber que em Bion o *Pensamento* está para o *Ser* e o *Conhecer* caminha ao lado do *Existir*. O ser do *modo simétrico* (estudado a partir dos vértices P e M) é designado por *Ser*. E o ser do *modo assimétrico* (estudado a partir do vértice C), é designado por *Existir*.

Existir pressupõe uma existência num dado contexto e num dado sistema referencial externo, e não uma pura revelação da coisa-em-si. Estamos a falar de uma apreensão parcelar de 'O', realizada através de um sistema de restrições necessário à organização de uma representação.

Mas onde habita esta intolerância à admissão das manifestações de 'O'? Só poderei concebê-la no seio da *parte saturada da pré-concepção*, na qual não há espaço para o que está para além do campo da existência, e toda a *realização assimétrica* de 'O' tende a ser uma transformação de *Ser* (entidade simétrica) em *Existir* (entidade assimétrica); de 'O' em K.

Do outro lado do humano, manifesta-se uma dinâmica ($Q \leftrightarrow \hat{O}$) entre os modos fundamentais Ps e D (assimétrico e simétrico; oscilação normal entre narcisismo e relação de objecto), gerando-se (Ps \leftrightarrow D), relação na qual, cada um dos termos pode funcionar de continente ou conteúdo relativamente ao oposto, no infinito que é o espaço psíquico.

O descrito corresponde ao processo dinâmico inerente a todo o crescimento mental, onde existe espaço para a invariância, violência e subversão. Componentes da *mudança catastrófica* associada a toda a *Trans-formação*.

C (espaço de baixa dimensionalidade) e P (espaço onde se dá a possibilidade de significar por parte do humano), duas visões oblíquas de aproximação do real que se distinguem pela maior proporção de assimetria na primeira, e pela maior proporção de simetria na segunda, que se traduz na maior potência de *Existir* na primeira e na maior *potência de Ser* na segunda.

Todas as transformações que se operem em C não permitem a realização de 'O' nem a sua compreensibilidade. Todo o pensamento em C gera causalidade (que não explica o que se passa ao nível do funcionamento mental), e categorização. Deste modo gera-se imobilização que compromete o pensar, ao obstruir a percepção da duplicidade implícita entre significado/significante, e o que se poderia constituir como *Ser* passa a *não-ser* pela perda de significação. A fixação gerada pelo sensorio-perceptivo é produtora de bizarras pela confusão que se forma entre o modo de *Ser* e o de *Existir*.

Gera-se, deste modo, uma imobilização do pensamento constituído na base de uma tendência regressiva que nasce da necessidade do evitar intensamente a confrontação com a incógnita que o real, e o próprio, constituem para o sujeito, face a qualquer situação geradora de desconfiança. O que resta ao sujeito é apenas o ódio para com o real, sentido como ameaçador.

O pensar místico, em M, ao contrário do raciocínio científico em C, não serve às necessidades de construção de entidades assimétricas, podendo estas ser uma consequência da dependência perceptiva e das restrições colocadas ao observador.

Daqui se gera a *Antinomia Fundamental* entre o homem que labora num modo de *ser*, qualitativamente distinto e irreduzível a C, e o homem que de modo àvido e intranquilo se entrega ao sensorio-perceptivo numa atitude de fechamento à *singularidade na unidade*. É este o homem que *existe*.

Ideia que se traduz em Farmer pela apresentação de dois grupos de personagens; por um lado temos Burton e os seus seguidores, e por outro todos aqueles que se

distinguem pela falta de *Ser*, por se ficarem apenas pela dimensão da existência. Burton e os seus companheiros questionam tudo o que lhes é dado em **C**, pelos Éticos. Não se limitando a aceitar apenas o que surge diante dos olhos como oferta dos deuses (como o faz a maioria dos habitantes do *Mundo do Rio*). Burton, Alice, Frigate e Loga querem saber o que está para além do sensível. Estão dispostos a correr todos os riscos para chegarem à Torre Polar ('O'). Para *Ser*.

O Homem que *pensa* é aquele que de acordo com as palavras de L.S.Ribeiro (1993), *pensa em tranquila e confiante atitude, em abertura á singularidade na unidade*. **Caos (Ps)** como consequência do aparecimento da ordem (**D**); ordem (**D**) como consequência da fecundidade do **Caos (Ps)**, quando esta não foi obstaculizada pela inquietação paranoide (**Ps** ⇔ **Ps**) que impõe a defesa obsessiva, de quem labora em **C** (*olhar dividente*), na apreensão do real homogéneo-indiviso.

O Homem que *pensa* é todo aquele que, tal como Burton, Alice, Frigate e Loga, arrisca a sair das suas defesas obsessivas reasseguradoras para ir mais além do que os seus olhos podem alcançar; no dizer de Bion *existem mais coisas entre o céu e a terra do que pode suspeitar a nossa vã filosofia*.

O que ilustra os dois conceitos principais de Bion, (**Q** ⇔ **Ó**) e (**Ps** ⇔ **D**), como estando na base do processo de pensar. Todo o pensar se caracteriza, segundo L.S.Ribeiro (1993), *por uma dispersão (Ps) e descontiguidade do real, que dele se afasta, como condição de permitir a uma pré-concepção que evolua, para melhor o manifestar e dele se aproximar, construindo-se, neste processo, a realidade como expressão da duplicidade existencial do humano*. Em todo este processo terá que existir a possibilidade de superação ou suspensão da realidade do próprio para que a transformação tenha lugar.

Tal como Melanie Klein teorizou, *PS*, *PD*, *Ego* e *Relação de Objecto*, enquanto potencializadores de uma *triangulação edipificante ou humanizante*, estão disponíveis logo desde o nascimento (*inatamente tri, tetra ou mesmo n dimensional*), porque se assim não fosse, o bebé não estaria apto para a relação, para todo o processo introjectivo, para a *memória, aprendizagem, e auto-consciência*, que segundo L.S.Ribeiro *é sempre consciência de um invariante, o próprio, no seio da história e das transformações do próprio*.

Segundo Bion, *C*, *P* e *M* são os três vértices de aproximação à verdade e sustentam a distinção entre *Ser* e *Existir*. A enunciação e o pensamento categorial são actividades próprias do modo assimétrico de abordagem do real, logo pertencem ao domínio de *Existir*. Todo o pensamento exige ao pensador a superação de si, numa atitude de abertura ao outro, ao *não saber* e ao *não ser; sem memória sem desejo e sem compreensão*.

No dizer de Bion, *Pensar* decorre de (*Ps*↔*D*) enquanto modo de expressão da actividade da mente (desenvolvimento de um aparelho de pensar os pensamentos), e do processo de pensar. Além de pensamento, *Ps* e *D* representam também processos emocionais que ocorrem numa oscilação normal entre narcisismo e relação de objecto. No dizer de L.S.Ribeiro (1993) *é em Ps↔D que se dá a união sentimento/pensamento num movimento que repõe a duplicidade essencial do humano*.

Na *patologia depressiva* podemos observar uma fusão (con-fusão), do Eu sujeito com o Eu objecto. No caso do extremo melancólico da depressão, o Eu do sujeito permanece *habitado pela sombra do objecto* por ele idealizado e deste modo tão

desejado. Na depressão o que se verifica é um bloqueio da capacidade de pensar, pela dificuldade de utilização dos mecanismos de defesa, divisão e negação.

O que resta ao sujeito não é mais do que a prepotência (pré-potência) e a omnipresença do outro. Porque na realidade não se deu a possibilidade de internalização do objecto nem a assimilação da sua função. O único caminho que resta ao depressivo é o do regresso ao sensorio-perceptivo (excesso de assimetria). Sem a interiorização da função do objecto, qualquer perda do objecto na realidade, vai ser sentida na sua interioridade, na qual se gera um vazio. A perda de objecto na realidade é sentida pelo sujeito como uma perda real, traduzida na angústia gerada pela dor da separação.

A separação só pode ser fonte de vazio, porque na ausência sensorial do outro nada resta; os objectos nunca o habitaram como objectos próprios transformados (*alfabetizados*), mas apenas enquanto outros não-objectos.

Na simetrização do outro na **psicose**, o que se verifica é uma grande dificuldade por parte do sujeito em reconhecer o outro como diferente (não-saber) e uno. Processo que culmina na intensificação do uso da **clivagem** e da **identificação projectiva** e, o enfraquecimento subsequente e progressivo da *natureza sintética do Eu*; cada vez mais empobrecido porque cada vez mais afastado da sua *unidade última*.

O caminho para 'O' está além da *invariância* (que permite o reconhecimento das deformações sucessivas impressas no material transformado), e aquém da *identificação projectiva*, ambas expressões da *duplicidade fundamental*, e que não só a respeitam como também a fundam.

Longe da estagnação em **D** como na depressão e longe da estagnação em **Ps** como na psicose. Na expressão de L.S.Ribeiro (1993), *desespero e paradoxalidade, condições adversas ao humano, ressurgem da clivagem da duplicidade essencial sempre que o homem sai da sua específica condição de realização de sua impossível unificação - condição [não-trágica] que o marca, [viabiliza] e dota da infinita capacidade de trans-formação (variância e invariância, fluidez e consubstanciação), da sua função de veículo da união hipostática*. Sendo esta união hipostática só possível de realizar pelo **vértice místico**, **M**, como o único caminho para '**O**'.

É em **M** que o humano poderá caminhar no sentido da quietude, como quem *se dilui em puro Ser sem existência*. A sensorialização do pensamento torna-o inapto à percepção desta unidade, mais conforme aos vínculos **M** e **P** pela sua maior abertura à simetria, ao *não-ser* e ao *não-saber*.

Deste modo só podemos conceber o *Ser* como algo que é uno (no qual essência e existência se encontram) e inexpressável por realizações em **C** e pela assimetria, tal como o expuseram Bion e Matte-Blanco. Ideia expressa por L.S.Ribeiro (1993) quando este defende a *duplicidade* como condição necessária à *trans-formação* e à *simbolização*, ambas inerentes à *condição humana*, por um lado *herdeira de Deus* (auge da simetria) e por outro *filha de Satã* (auge da assimetria).

Exemplo disto é o que D.Bohm refere em relação à audição de uma composição. Tarefa que implica uma dupla condição de permanente diálogo entre o manifesto e o latente (implícito). Pelo contrário, isto não se torna possível nos casos em que ocorrer um contração absoluta na *sensorialidade do manifesto* (em **C**).

O *Ser* é num plano homogêneo-indiviso ao passo que a *Existência* vive no plano heterogêneo e dividente, "-M e -K, logros de uma fusão mística alucinada dada a ausência de lugar para o outro (não-saber), o enigma e o não-saber; pela necessidade de afirmar o existir e o confundir com o ser". (Ribeiro,1993, p.68)

As operações de *satanização*, que levam à confusão entre *Ser* e *Existir*, são aquelas que aceitam e reduzem a Divindade (*Deidade*) à imagem do homem e não o inverso. O homem é que terá de caminhar para a Divindade e não o contrário.

Certo dia Deus disse: "*Façamos o homem à Nossa imagem e semelhança.(...) Deus criou o homem à Sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou...*".(Gênesis 1,26-27)
Não estará esta Divindade (tal como o afirma L.S.Ribeiro), a ser cada vez mais ignorada pela racionalidade científica, ao criar a *ilusão de uma verdade* (ou mentira -'O') *construída à luz de C?*

«Estou permanentemente interessado em pessoas, como um corsário qualquer, não para a escravatura, mas para me vender a mim e aos outros à liberdade.»

Nietzsche

VII- *Sobre a Relação*
Continente/Conteúdo (Q, Ô)

O objectivo da relação que se estabelece entre analista/alisando (Q, Ô) será o de o analista permitir que o analisando alcance um maior conhecimento de si mesmo. Para que tal se verifique, terá de existir por parte do analista a capacidade de se separar de qualquer fonte ou base de que depende a sua existência. Separar-se de todos e quaisquer objectos externos que constituem os seus vínculos, actividades e necessidades básicas.

Este estado de *capacidade negativa* permitirá ao analista desenvolver a sua capacidade de intuição, pela qual irá perceber a emoção mesmo antes que esta se faça *dolorosamente óbvia* para o analisando. Porque evitar a *dor desnecessária* constitui um dos objectivos da intuição psicanalítica.

No entanto há que discriminar esta dor da que acompanha todo o processo de conhecimento; da dor inevitável que surge em toda a análise. Conhecer implica um sentimento doloroso inerente à própria experiência emocional do conhecimento (vínculo K). Neste processo deverá estar presente a verdadeira tolerância à dor (no par analista/alisando), que acompanha todo o crescimento mental. Tal como na medicina o desaparecimento da sensibilidade à dor seria desastroso, também no domínio da psicologia a catástrofe seria iminente. Uma evasão muito intensa a este nível coloca em perigo o contacto com a realidade; negação da realidade interna e externa das psicoses.

A tarefa do par analista/alisando será a de chegar o mais próximo possível da *Realidade Última* tal como Bion a concebe. O caminho a seguir por ambos será o que leva a 'O', que no dizer de São João da Cruz se traduz pela afirmação;

*“Para vir ao que não sabes,
Hás-de ir por onde não sabes.*

*Para vir a possuir o que não possuis,
Hás-de ir por onde não possuis.*

*Para vir ao que não és,
Hás-de ir por onde não és."*

É numa relação de *intuição* que se revelarão ao par analista/paciente outros vértices, de observação da realidade psíquica de cada um (conhecer a verdade), que lhes possibilitem formular novas indagações em direcção a 'O'. Tal como afirma Zimerman (1995), *mais do que a simples resolução de conflitos, a Psicanálise deverá caminhar no sentido do crescimento mental numa busca nunca acabada das verdades de si e do mundo.*

Segundo Bion esta relação (Q,Ô) só é possível se o analista se permitir estar «*Sem memória, desejo, compreensão*», postura que "coloca o analista longe do moralismo militante, mesmo quando disfarçado de Homem psicanalítico, para se aproximar da dimensão expressa por Grotowsky, para dizer que o bom actor não se impõe à personagem, ele resigna-se àquilo que a personagem faz através dele". (C.A.Dias, 1994, p.1383)

A *capacidade negativa* de que nos fala Bion (muito semelhante ao conceito de *atenção flutuante* em Freud), diz respeito à capacidade que o analista deve possuir, que lhe permita suportar, na situação analítica, o estado de *não-saber* e *não-entender*.

É este estado de *des-posseção* e de *despojamento* que promove o ciclo de transformações a realizar no par analista/analizando. Bion em *Psychoanalytic Forum* (1967), afirma que: "...a memória é sempre enganadora quando regista os factos (...). O desejo distrai, quando seria essencial observar, julgar. Os desejos falseiam o julgamento ao seleccionar e suprimir o que deveria ser matéria de julgamento. A memória e o desejo activam e intensificam os aspectos do pensamento que derivam da experiência sensorial. Colocam assim em primeiro plano uma capacidade que nasce dos sentidos e está ao serviço deles". (Bion cit. por Rezende, 1993, p.153)

A memória não é mais do que "*memória do passado*", e o desejo é "*memória do futuro*". Reminiscência é "*presença do eterno*". Na expressão de Rezende (1993), a ascese não se realiza no sentido da disciplina de "*não me lembrar da sessão anterior*". Bion convida-nos ao abandono da perspectiva cronológica horizontal, para assumir-mos uma postura vertical, "*na relação entre o 'aqui e agora' do nunc fluens para a eternidade do nunc stans. Entre o instante do tempo e o instante da eternidade*" (Rezende, 1993, p.159).

Em Bion, são os pensamentos que procuram um pensador, logo o pensamento é anterior ao pensador. Em todo este processo pensar não apela para a memória, e como tal, nem para o passado nem para o futuro. É que, memória é "memória do passado" e reminiscência "é presença do eterno". É neste aspecto que reside a mudança de vértice; sair da sucessão horizontal de tempo e passar para a dimensão vertical de eternidade, que nos leve tão longe quanto possível a uma aproximação de 'O'.

Para que se dê esta aproximação da verdade há que ultrapassar da dimensão sensório-perceptiva (C) para outros níveis de pensamento (P e M). Esta mudança é inevitável, se o objectivo fôr alcançar a verdade, uma vez que "*o sensório-sensível é apenas um ponto de partida e, não podemos fazer uma interpretação (...) permanecendo no mesmo nível do paciente. É preciso que haja mudança de vértice para haver simbolização*". (Rezende, 1993, p.154)

A procura de compreensão e de entendimento opõe-se à possibilidade de intuição e de simbolização. A compreensão, tal como desejo e memória, no dizer de Bion, opacificam a mente impedindo-a de um modo de apreensão global dos factos, contida na mudança de vértice.

O cientista é alguém que necessita da ponte (desejo, memória, compreensão) na relação que estabelece com o real, sempre regional. Contrariamente a este *modo operandis*, o psicanalista revela-se como aquele que prescinde da ponte (*vértice não-regional*) num acto de entrega total a (Q, Ô), (Ps ↔ D), dor e vínculo (L, H e K). É alguém que assume um discurso imediático sobre a realidade de si e do outro

na procura da unidade última (que se opõem à diástase). É num puro acto de fé (fé em 'O'), que o par analista/analizando parte, de forma voluntária, à conquista do conhecimento de, para 'O'; isto é, Ser 'O' em (Q,Ô). Na base deste crescimento está a luta constante pela autenticidade dos sentimentos e dos afectos, quer do analista, quer do analisando.

Para que tal aconteça, Bion fala-nos de uma atitude mental que se afasta de toda e qualquer experiência de transfundo sensorial (C), tal como Freud, numa carta a Lou Andreas-Salomé: "*sei que me ceguei artificialmente no meu trabalho, com o fim de concentrar toda a luz numa passagem obscura*".

Este estado que Freud nos descreve, é atingido em Bion, pela *intuição*. Num acto de Fé, *de repente, uma massa de fenómenos aparentemente dispersos entre si, reúnem-se na coerência e no significado*. Processo análogo ao descrito por Poincaré no nascimento do *facto selecionado*. A intuição possibilita a des-coberta de cada realidade psíquica. É esta atitude que permite ao analista estar com a mente livre e embarcar nas experiências inefáveis que constituem cada sessão psicanalítica.

Todas as transformações que se irão operar no par analista/analizando, se poderão traduzir por um duplo movimento que vai desde o *não saber sobre* até ao *conhecimento de* ('O'⇒K). Para evoluírem depois desde o estado de *saber acerca de...* para *vir a ser...* (K⇒'O'), transformação a partir da qual o sujeito vem a ser o que realmente é.

É no vazio (*dizer adeus à causa*), que se poderá gerar um *facto de origem desconhecida* (a investigar). Na expressão de C.A.Dias, (1993) "*é como functor (retículo vazio) que o analista poderá apreender uma conjunção constante não-transitória e transformá-la numa conjunção constante transitória (R)*" (Dias,1993,p.43), sempre transformável, assimilável e comunicável

A *conjunção constante transitória* cria-se na relação continente/conteúdo pela saturação de um elemento não saturado. Bion defende precisamente que em psicanálise a cura inclui a ideia de transformação por meio da qual um dado elemento sofre uma saturação permanecendo apto para a sua saturação ulterior, e assim sucessivamente; $R_1 \Rightarrow (Q, \overset{\uparrow}{O}) \Rightarrow Ps \Leftrightarrow D \Rightarrow R_2$, (sendo R_1 e R_2 invariantes transformadas de R).

Em Farmer verificamos a existência de personagens que não vão estabelecer nenhuma relação do modo que acabamos de descrever. Estas personagens representam o papel do indivíduo que evita a todo o custo qualquer processo psicoterapêutico; qualquer vínculo; qualquer mudança.

No entanto, do outro lado do Rio estão as personagens aptas ao estabelecimento de relações em $(Q, \overset{\uparrow}{O})$, estando a relação que se estabelece entre Burton e Loga, toda ela marcada pelo que poderemos designar *função psicanalítica da personalidade*.

Tal como o analista e analisando se encontram colocados frente a um desconhecido, para o tornar conhecido, também Loga e Burton, estabelecem uma relação em muito semelhante à que torna possível o *insight* em $(Q, \overset{\uparrow}{O})$ e o crescimento de $K \Rightarrow 'O'$ em $(Q, \overset{\uparrow}{O})$.

Burton re-nasce na Torre Polar. É lá que tem início a viagem pelo Rio (da vida), que corre na direcção do Saber e do Ser e o levará a 'O'. Nos breves momentos em que Loga estabelece contacto com Burton (tal como o analista em cada sessão de análise), exerce sobre ele a função de *rêverie* organizadora da dispersão (Ps) na qual Burton se vê frequentemente mergulhado.

Em alguns momentos é visível em Loga a necessidade de revelar tudo o que sabe sobre aquele mundo, mas "*ai daquele que interpreta quando lhe apetece interpretar, porque está apenas a realizar tão só um desejo nascido de si próprio, que é o desejo de mostrar que entende outrém*" [C2 na Grade] (C.A.Dias, 1993, p.21).

Loga assume sempre, perante a curiosidade de Burton, uma posição de *paciência*. Tolerava os sentimentos dispersos e contraditórios que vão surgindo, ao longo de toda a viagem na mente de Burton:

“A sua única companhia eram os seus pensamentos. Tendiam a espalhar-se como se fossem carneiros numa encosta. Burton tinha de trabalhar duramente para os trazer de volta, arranjá-los de uma maneira ordeira, e continuar a levá-los para o pasto. E qual era o pasto? Uma coisa amarga. Havia trinta e três anos a correr na sua memória.”

Na sua tranquilidade, Loga permanece num estado mental de dúvida tolerada, a todos os violentos sentimentos que caracterizam Ps. Ele sabe que poderá substituir-se ao desejo de se substituir ao outro. Toda a evolução até ‘O’ (Torre Polar), terá de ser gradual. O desenvolvimento pessoal de cada personagem (conhecimento de si), decorrerá numa relação a dois, tal como a que se estabelece entre analista/analizando, entre Loga e Burton.

Na expressão de Eckhart (1983), o caminho que se deve percorrer para que o nascimento de Deus na alma aconteça, é aquele que designou *Abgeschiedenheit*; (conceito que traduz a *própria natureza de Deus e o processo do ser humano no caminho de [aproximação] a Deus*); disponibilidade plena, com libertação, despreendimento, pobreza, despreocupação, esvaziamento de si, o perfeito equilíbrio interior. Não será este, o objectivo de toda a experiência psicanalítica?

Toda a interpretação que possibilita a passagem do *saber acerca da realidade* psíquica (*transformação em K*), para *vir-a-ser* cada uma das emoções que constituem a realidade psíquica (*transformação em ‘O’*), é verdadeira. Toda a passagem de $K \Rightarrow ‘O’$ (do conhecer sobre ‘O’, para *vir-a-ser* ‘O’), é fundamental para que a expansão da mente tenha lugar, processo que se encontra representado na viagem de Burton, Alice e Frigate em direcção à Torre Polar; a morada de Loga.

Estas personagens assumem a responsabilidade sobre os seus próprios sentimentos qualquer que seja a sua natureza (amor, ódio, inveja...). Loga nunca se revela a João Sem Terra. Porque qualquer transformação em **K** é sentida por João como uma ameaça a toda a transformação em '**O**'; medo da mudança catastrófica. João personifica a resistência à mudança de **K**⇒'**O**' por medo do sofrimento e da dor que acompanham a revelação da verdade (insight). Em João não se vislumbra qualquer capacidade de tolerância à dúvida veiculada pelo discurso de Loga.

Loga está numa permanente oscilação de **Ps** (quando se revela aos humanos...) a **D** (está à espera deles na Torre Polar); alternância entre dispersão/integração. O ciclo que vai desde o pré-momento de ressurreição (na Bolha da Ressurreição), passando pela viagem pelo Rio, completa-se (?) no momento em que Burton, Alice e Frigate chegam à Torre Polar. A viagem pelo Rio representa a área *TRANS* que medeia **Ps** e **D**. Poderá ainda representar o tempo que vai de uma interpretação a outra numa mesma sessão de análise, ou ainda o tempo que medeia cada uma das sessões.

A chegada à Torre Polar tem alguma correspondência com a fase de *segurança* de que nos fala Bion. Estado de integração mental comparável à elaboração da posição depressiva, **D**, no sentido que Klein lhe conferiu. A *procura da verdade de si* é o '**O**' de Burton e de todos os que querem chegar à Torre, lugar de experiência da dor depressiva. É lá que a mudança catastrófica acontece.

É a tolerância às sucessivas frustrações de *não sabermos de nós* (analista e analisando), que vão surgindo ao longo do Rio da vida, que nos levará até junto de '**O**'. Para depois, preparados para uma nova viagem de regresso ao *Mundo do Rio*, voltarmos a estabelecer uma nova relação de tolerância ao infinito conhecimento de nós e do outro.

"O Rio era longo, muito longo, mas fomos até ao fim dele! - gritou Alice."

"Sim - concordou Burton. Beijou-a várias vezes."

"Temos de voltar ao Rio, mas isso não importa."

O processo de trans-formação não acaba com a chegada à Torre! No dizer de C.A.Dias (1993), a mudança de sentido é o sentido da mudança, e o voltar ao Mundo do Rio, não significa mais do que a reversão de **D** atingido (1º ciclo) a **Ps** a alcançar (2º ciclo); isto é, o ciclo fechou-se na permanente abertura à transformação, que lembra a expressão de Freud, *Análise Terminável e Interminável*. Mesmo que uma qualquer análise termine, continuará sempre na análise do outro em (**Q** ⇔ **Ô**), **PS** ⇔ **D** e vínculo (**L**, **H** e **K**).

Rezende (1993) em *Bion e o Futuro da Psicanálise*, exprime esta ideia de modo bem claro;

“Nosso nome definitivo, só o saberemos na morte. Não sei se saberemos. Pelo menos poderá ser dito. No Apocalipse, está escrito assim: “No último dia, cada um receberá um pedregulho no qual está escrito o seu nome, e esse nome só será conhecido dele e do Cordeiro, Filho de Deus”. É um simbolismo extraordinário! Nosso nome, nós o saberemos no último dia, como um segredo que se revela...e que nós tentamos descobrir ao longo da análise. Neste sentido a análise é apocalíptica. Ela pesquisa o nome de cada um. Pesquisa e tenta aproximar-nos desse segredo, que só saberemos no último dia. Se houver último dia. E se houver um sujeito cognoscente. Talvez o mistério continue.” (Rezende, 1993, p. 224)

Tal como o mistério da Torre Polar situada na nascente do Rio.

Considerações Finais

Considerações Finais

Início este espaço destinado à reflexão com um pressuposto nascido em Hegel; *a ideia evolui segundo um ritmo que se encerra na sua própria forma ou contexto. O espírito começa com uma afirmação (tese); descobre, a seguir, as contradições ou insuficiências da mesma (antítese); por último, elabora uma tese mais vasta (síntese) que abarca e supera a tese e a antítese. Então a síntese converte-se em tese e assim recomeça incessantemente o ciclo.* (Gambra,1964,p.338).

Poderíamos conceber que o momento em que Burton acorda antes de qualquer um se constitui como *tese*. À viagem que nasce a partir da expectativa gerada pela *tese*, designamos *antítese*. Esta irá culminar na possibilidade de elaboração de uma *tese* mais vasta sobre a Verdade de si [Burton, Alice e Frigate], e do Mundo do Rio; a *síntese*. Que corresponde em Bion à parte não-saturada da pré-concepção que uma vez transformada em concepção, se mantém sempre disponível a uma ulterior saturação; a formulação de uma nova *tese*, na direcção da *realidade última* de Bion e do *espírito absoluto* em Hegel (a Torre Polar).

Farmer ao escrever *RiverWorld*, está a falar-nos de uma Verdade que não é uma Verdade revelada mas uma Verdade construída em cada movimento de transformação de uma *tese* ⇒ *antítese* ⇒ *síntese* (1º ciclo) ⇒ *tese* ⇒ *antítese* ⇒ *síntese* (2º ciclo) ⇒ *tese* ⇒ ... (ciclo n). Na expressão de F.Pereira (1994), em Freud nasce de novo a intuição de que *só a Verdade cura*. Não se trata de uma Verdade "que ao sujeito é enunciada mas uma Verdade por ele mesmo desdobrada e enunciada, em que cada vez mais o Sujeito do enunciado se aproxima do Sujeito de enunciação" (Pereira,1994, p.272). Era a revelação desta Verdade que Burton e os seus companheiros de viagem procuravam.

Esta revelação não lhes vai ser oferecida por Outro (Loga), vai por eles ser conquistada com toda a dor e sofrimento que qualquer transformação, descoberta e construção implicam. Este movimento "*opera no interior dum espaço que é a conexão de dois espaços que por sua vez são metaforizados na ideia de aparelho psíquico. O espaço analítico é o espaço que envolve dois espaços mentais ou aparelhos psíquicos, entre os quais circulam objectos mentais*" (Pereira, 1994, p.273), que Freud designou por *transferência* e *contratransferência*.

Toda a construção do Mundo do Rio se parece com a construção de um universo mental, em toda a duplicidade que Bion lhe confere; parte não-psicótica da mente/parte psicótica da mente; pensar/pensar em anti-pensamento. Duplicidade representada pelas personagens de Burton, Alice e Frigate por um lado, e João Sem Terra por outro (respectivamente). A vida do aparelho psíquico está toda ela carregada de relações que acentam numa oscilação permanente entre unidade e diástase; ordem e caos, cuja significância se adquire na capacidade de simbolização. É ela que une o diferente e confere sentido ao disperso.

Esta ideia está bem expressa na personagem de Alice. Ela constitui-se como a capacidade por excelência, que habita o homem que pensa, pensa na relação; que simboliza e vai mais além no conhecimento da realidade que se lhe apresenta; que é capaz de se colocar *do outro lado do espelho!*

Por um lado temos Burton representante da capacidade do humano procurar conhecer as Verdades, por outro Alice, que na sua potência simbólica integra esse conhecimento e o transforma, para depois voltar ao Mundo do Rio, e todos juntos caminharem à procura de novos estados de expectativa.

Farmer vai buscar a Lewis Carroll (Charles Lutwidge Dodgson) a extraordinária capacidade narrativa cujas características acentam um pouco na subversiva invenção de conteúdo e numa violenta conflituosidade entre as personagens.

Em todo o processo criativo (tal como Bion o concebe), está presente em maior ou menor grau a parte psicótica da mente que existe em cada humano.

Alice não só, "*foi o guia seguro para o inconsciente de Dodgson*" (Antunes e Sampaio, 1978, p.31), como também o foi para Burton, Frigate e Loga (que personifica a figura de Lewis Carroll); para a pessoa de Farmer, assim como para toda a Condição Humana.

"Como tudo aquilo fora estranho e imprevisível! O mundo fora salvo, não por grandes chefes e estadistas, não por místicos e santos, profetas ou messias, não por qualquer das escrituras sagradas, mas por um introvertido e excêntrico escritor de textos matemáticos e livros infantis [Loga] e, pela criança que o inspirara [Alice]".

Em Loga, ou Lewis Carroll *versus* Charles Dodgson, "*ao lado do matemático, aborrecido e sem humor, cuja contribuição original se limitou a um ou dois paradoxos lógicos publicados na revista Mind, coexiste o genial Lewis Carroll, através das frestas de cuja obra o tímido diácono vem a medo espreitar de quando em quando. (...) se Dodgson não existisse, Alice no País das Maravilhas [ou Alice do Outro Lado do Espelho] não passaria de um amontoado de páginas dispersas e delirantes (...). Só o facto de haver um núcleo «são» permite a estruturação da obra; só o facto de haver um núcleo «doente» possibilita a sua peculiar riqueza imagética; só o conjunto dos dois consegue a singularidade do livro*". (Antunes e Sampaio, 1978, p.31-32)

Burton e Alice chegam finalmente à Torre Polar. São eles e Loga a expressão da *duplicidade essencial* que existe no humano; entre conhecer a realidade e "*fazer de conta que...*", entre conhecer em **C** e ser em **P** e **M**. A capacidade de ir mais além do significado das palavras salva a mente, e todo o projecto do *Mundo do Rio* contido no *Computador* gigante. O acto de simbolizar uniu ambas as partes do Computador (mente) antes dividido entre parte psicótica/parte não-psicótica (da mente), entre **PS** e **D**. Conciliação possível em cada acto de simbolização, em cada espaço *TRANS* no caminho que leva a '**O**'.

Anexos

I - Alguns Fragmentos das Aventuras de Alice

- Quantos dias tem um ano? [perguntou Humpty Dumpty]
- Trezentos e sessenta e cinco - respondeu Alice.
- E quantas vezes fazes anos?
- Uma.
- E se tirares um a trezentos e sessenta e cinco, quantos ficam?
- Trezentos e sessenta e quatro, é claro.
- (...) E isto mostra que há trezentos e sessenta e quatro dias em que podes receber presentes quando não fazes anos...
- Sem dúvida - respondeu Alice.
- E só um em que podes receber presentes por fazeres anos. Que glória para ti!
- Não sei o que quer dizer com «glória» - disse Alice.
Humpty Dumpty sorriu com um ar de desprezo.
- É claro que não sabes... senão quando eu te disser. O que quero dizer é: «Ora aí está um belo argumento para te derrotar!»
- Mas «glória» não quer dizer «um belo argumento para te derrotar» - objectou Alice.
- **Quando eu utilizo uma palavra** - disse Humpty Dumpty com um ar trocista - **ela significa exactamente aquilo que eu quero...** Nem mais nem menos.
- A questão está em saber se **pode** fazer com que as palavras signifiquem coisas tão diferentes - disse Alice.
- **A questão está em saber quem é que manda...** Mais nada - corrigiu Humpty Dumpty.
Alice estava demasiado confusa para dizer fosse o que fosse...

(Fragmento 1)

- Ela está num tal estado de espírito - disse a Rainha Branca - que quer negar *qualquer coisa...* Só que não sabe o quê!
- Que feito desagradável e mau! - observou a Rainha Preta.
Em seguida, fez-se um silêncio embaraçoso durante um ou dois minutos.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio:

- Que dia do mês é hoje? - perguntou ele, voltando-se para Alice; tinha tirado o relógio da algibeira e olhava para ele com inquietação. De vez em quando sacudia-o e chegava-o ao ouvido.

Alice reflectiu um pouco e depois disse:

- Hoje é dia quatro.

- Está atrasado dois dias! - suspirou o Chapeleiro. - Eu bem te disse que a manteiga não servia para lhe untar a corda [maquinismo]! - acrescentou ele, olhando, todo zangado, para a Lebre de Março.

- Era manteiga da melhor! - respondeu humildemente a Lebre de Março.

- Pois sim, mas também devem ter entrado algumas migalhas - resmungou o Chapeleiro. - Não tinhas nada que pôr lá dentro a manteiga com a faca do pão.

A Lebre de Março pegou no relógio e olhou para ele com ar tristonho; em seguida mergulhou-o na chávena de chá e remirou-o outra vez; mas não encontrou nada melhor para dizer do que a primeira observação que fizera:

- ***Era manteiga da melhor, sabes?***

Alice tinha estado a espreitar por cima do ombro dela, com uma certa curiosidade.

- Que relógio tão engraçado! - observou. - ***Diz o dia do mês, mas não diz as horas!***

- ***Porque é que havia de dizer*** - murmurou o Chapeleiro. - ***O teu relógio diz o ano em que estás?***

- Claro que não diz - respondeu Alice prontamente - mas isso é porque fica no mesmo ano durante muito tempo.

- Ora é isso que se passa com o *meu* - disse o Chapeleiro.

(Fragmento 3)

- Então não tem importância para que lado vais - disse o Gato.

- Contando que vá dar a *qualquer parte* - acrescentou Alice, explicando-se melhor.

- Ah, isso é que vais, de certeza - disse o Gato - se andares o suficiente...

Alice achou que contra isso não havia nada a dizer; tentou, pois, fazer-lhe outra pergunta:

- Que género de pessoas vivem aqui?

- *Naquela* direcção - disse o Gato, apontando com a pata direita - vive um Chapeleiro e *além* - e apontava com a outra pata - vive uma Lebre de Março. Podes ir visitar qualquer deles; ***são ambos malucos.***

- ***Mas eu não quero andar no meio de gente maluca*** - observou Alice.

- Oh, não podes evitá-lo - disse o Gato - *nós aqui somos todos malucos. Eu sou maluco. Tu és maluca.*
- Como é que sabes que eu sou maluca? - perguntou Alice.
- Tens de ser - disse o Gato. - *Se não fosses, não terias vindo para aqui.*
Alice não achou que isso provasse fosse o que fosse; no entanto continuou:
- E como é que sabes que és maluco?
- Para já - disse o gato - um cão não é maluco. Concordas com isso?
- Eu acho que sim - disse Alice.
- Pois bem - continuou o Gato - sabes que o cão rosna quando está zangado e abana a cauda quando está contente. Ora *eu* rosno quando estou contente e abano a cauda quando estou zangado. Logo, sou maluco.

(Fragmento 4)

in Carroll, L. (1993). *Alice no País das Maravilhas*. pág.76-77 (frag.3), pág.70-71 (frag.4).

II - Freud - M. Klein - Bion Três Psicanálises?

De acordo com Meltzer (1984), e Zimmerman (1995), existem três grandes trabalhos pioneiros como os de Freud, Melanie Klein e Bion. Cada uma destas escolas constitui um marco no desenvolvimento de três perspectivas do objecto, do objectivo e da atitude terapêutica no seio da teoria e prática psicanalíticas.

Poderemos falar de três psicanálises? O ideal seria poder manejá-las no seu todo na medida em que em todas elas, (de acordo com o pensamento de L.S.Ribeiro), *as identificações e a história infantil, constituem os fundamentos nucleares e a matriz de desenvolvimento da personalidade*, sendo estes os princípios que constituem o núcleo fundador e ainda unificador da psicologia psicanalítica.

Bion foi o primeiro autor a estudar com profundidade a questão da génese dos pensamentos e a interacção destes com o seu pensador. Para desenvolver o seu pensamento, Bion vai desenvolver alguns princípios de Freud e de M. Klein.

As conceptualizações de Freud acentaram essencialmente na *Teoria das Pulsões (Eros e Thanatos)*, e no *Princípio do Prazer/Princípio da Realidade*, defendendo a ideia de que, caso não tenhamos tido boas relações objectais, desenvolveremos sintomas desagradáveis.

M. Klein desenvolveu a sua teoria com base nas relações de objecto primárias, afirmando que se não recebermos amor nos desenvolveremos inadequadamente. Refere a conjugação de dois factores no desenvolvimento e estruturação do Ego; capacidade inata do bebé para amar e a possibilidade de ser amado pela mãe.

Bion acrescentou um terceiro vínculo fundamental para o desenvolvimento do aparelho psíquico, além do amor e ódio (em Freud e Klein); o vínculo ao conhecimento; **K**. Toda a patologia gira à volta da incapacidade de pensar e de conhecer; se não digerirmos as nossas experiências [**função α**], envenenaremos e destruíremos a nossa mente.

Em Bion e em M.Klein simbolizar é estabelecer vínculos afectivos. “Para Klein o que simboliza, o que articula, é o amor, é o afecto. É em virtude disso que as outras articulações semânticas se tornam possíveis.” (Rezende, 1993, p.296). No dizer de C.A.Dias (1993) o espaço simbólico é o lugar ‘único’ onde o sujeito é dizível.

Para Bion o pensamento constitui-se a partir da frustração tolerável na ausência do objecto. É no seio de uma ausência tolerada que o sujeito poderá mais tarde vivenciar experiências gratificantes na relação com o objecto presente, fonte de bem-estar e de satisfação. Sendo que os traços mnésicos que se constituem na ausência do objecto, são o que Bion designa *elementos do pensamento*. O grau de *alfa-betização* destes elementos do pensamento inicialmente será em função de um pensador externo. Isto é, em função da capacidade de *rêverie materna* ou *função α* exercida pela mãe.

Na expressão de Freud o fenómeno *alucinatório* seria resultante de uma projecção da satisfação do desejo. Na concepção de Bion o que se passa é a evacuação de elementos protomentais. O contributo principal de Bion surge com a introdução de uma nova teorização; o nascimento dos *elementos α* (constituintes da *Barreira de Contacto*) como interface entre narcisismo e relação de objecto em Bion **Ps** \Leftrightarrow **D**.

Freud (1895) em *Esboço de uma Psicologia Científica*, antecipa sob o nome *Barreiras de Contacto*, a noção de sinapses (que Sherrington formulará em 1897), porém nunca chega a retomar esta ideia ao longo de toda a sua obra. Freud neste seu trabalho enuncia, além do *princípio da constância*, o *princípio da inércia* que, segundo ele, estaria na base do fenómeno em que os neurónios tendem a desembaraçar-se das quantidades excessivas de energia; a antecipação do *princípio do prazer/desprazer*.

O maior contributo na 1ª fase da sua obra (incluindo a *Interpretação dos Sonhos* (1900) e os artigos sobre *Metapsicologia* (1911)), está na definição de dois modos de funcionamento mental; o *processo primário*, que visa a pura descarga da excitação, de que o sonho é um exemplo e o *processo secundário*, que começando com a atenção, se desenvolve da percepção para a inteligência e, permite a escolha entre diversas vias de descarga (antecipação do *princípio da realidade*). Freud reconheceu o contributo de Breuer ao caracterizar a *energia livre* ou processo primário, e *energia ligada* ou processo secundário.

Na expressão de D. Anzieu (1959), é o *começo de uma concepção nova da vida psíquica em que, à maneira dos filósofos empiristas, Freud reconstrói as leis do espírito, mas partindo da teoria do neurónio que outrora pressentiu e que é agora conhecida*. Inspira-se na obra publicada em 1894 pelo seu mestre Exner, *Entwurf zur einer Physiologischen Erklärung der Psychischen Erscheinungen* (Introdução a

uma *Explicação Fisiológica do Funcionamento Psíquico*), e também no *Tratado de Psicofísica* de Fechner (1872).

Freud neste período da sua vida ainda considera os processos psíquicos como estando determinados quantitativamente pelos neurónios. As suas conceptualizações sobre o funcionamento mental encontram-se ainda prisioneiras de um envasamento neurofisiológico estreito. Os neurónios, segundo ele, teriam a função de transformar a quantidade de energia em qualidade, isto é, de desprazer em prazer.

A noção de aparelho psíquico nasce com a introdução de conceitos como **Ics** (*Inconsciente*), **Cs** (*Consciente*) e **Pcs** (*Pré-consciente*) na primeira tópica e de *Id*, *Ego* e *Super-Ego* na segunda tópica; uma organização em estratos do funcionamento psíquico.

Com Freud o Ego adquire a função de inibição do Id e de prova da realidade; o mediador entre Id e realidade. Bion retoma o conceito de *Barreira de Contacto* formada por *elementos α* a partir da *função α* . Na sua formação vai ter um papel importante, a relação inicial mãe/bébé. A mãe assume neste processo um papel de catalizador (em Bion, a capacidade de *rêverie materna* como suporte da *função α / continente*) das angústias do bebé (*elementos β*), que lhe serão devolvidas a um nível de pensamentos suportáveis e pensáveis (*elementos α*). Isto é passíveis de transformação no sentido do crescimento mental.

Em *Aprender com a Experiência* (1962), Bion defende que o amor materno se expressa pela capacidade de *rêverie*, e do mesmo modo é esta *função α* que permite à mãe transformar as angústias que lhe foram projectadas pelo seu bebé. É a partir da possibilidade de introjecção da *função α* da mãe - função que permite perceber a

ausência do objecto e pensar essa mesma ausência - é que se desenvolverá a capacidade de simbolização e do sonho.

Deste modo podemos afirmar que o conceito de *Barreira de Contacto* em Bion acenta em dois princípios base formulados por Freud; *Pulsões de Morte (elementos β)*/*Pulsões de Vida (elementos α)* e *Princípio do Prazer/Princípio da Realidade*, oscilação possível pela actividade da *função α* que promove a todo o momento a evolução do pensamento e a estruturação cada vez maior do Ego.

Bion ao assumir a existência de uma *Barreira de Contacto* com o papel de continente-retículo formado por **elementos α** , estabelece uma relação entre Consciente, Pré-consciente e Inconsciente com um valor diferente. O que está em causa já não é apenas o controlo de uma energia pulsional, mas a possibilidade de o sujeito pensar e evoluir no conhecimento de si e do mundo. No seio de transformações sucessivas em direcção a uma complexificação crescente dos conteúdos do aparelho psíquico.

A possibilidade de uma pré-concepção evoluir, pela sua realização, para um concepção (em Bion), tem certa equivalência com a formulação de Freud segundo a qual o Id em confronto com a realidade externa promove o crescimento do Ego, se a **função α** é possível. Enquanto Freud estuda o desenvolvimento do aparelho psíquico à luz de um referencial pulsional, Bion utiliza estes mesmos princípios ao serviço do vínculo do conhecimento, **K**, como um dos elementos participantes no desenvolvimento da capacidade de pensar.

Bion vai também pegar em conceitos metapsicológicos de M. Klein como; *mecanismos de defesa primitivos* (Divisão, Negação e Identificação Projectiva); e *Posição Esquizoparanóide (PS) / Posição Depressiva (D)*. Bion vai desenvolver um estudo sobre o contributo de cada um destes conceitos para o desenvolvimento das funções egóicas mais importantes, tais como; Pensamento, Linguagem e Conhecimento.

Melanie Klein (1921), em *O Desenvolvimento da Criança*, refere-se à luta entre *princípio do prazer/princípio da realidade* e, entre *pulsão epistemófilica para conhecer as verdades/sentimentos de onnipotência da criança*.

Bion confere às ideias de Klein algum movimento em termos desenvolvimentais; na passagem da *posição esquizoparanóide* para a *posição depressiva (PS ⇔ D)*. Bion considera tratar-se mais do que da simples passagem de uma posição para outra, defendendo a ideia de permanente oscilação entre ambas (PS ⇔ D).

É esta permanente oscilação entre PS e D que funda a *capacidade de pensar* que caracteriza o Humano. É no seio desta relação que se vai estabelecer, de acordo com Bion, a separação entre *parte psicótica* e *parte não-psicótica* da mente, ambas possíveis e intervenientes na actividade pensamento.

A posição esquizoparanóide a partir de Bion adquire um outro valor. Já não se trata de uma fase exclusiva do funcionamento psicótico, mas constitui-se como a fase de transição e de passagem para a posição depressiva. D não é o unico objectivo a atingir. PS surge como uma nova unidade de significação num jogo de vai-e-vem entre dispersão/integração, entre caos/ordem; PS ⇔ D.

Bion (1957) em *Differentiation of the Psychotic from the non-Psychotic Personalities*, chega a afirmar:

"Com base no trabalho de Melanie Klein (1930), The Importance of Symbol-formation in the Development of the Ego, e num trabalho desenvolvido por (...) H. Segal, 1955, no qual ela demonstra a importância da formação do símbolo e explora as relações deste processo com o pensamento verbal e com as tentativas de reparação normalmente associadas à posição depressiva. (...) Acredito que os estragos que se tornam mais visíveis na posição depressiva, tiveram de facto o seu início na posição esquizo-paranóide, na qual os fundamentos do pensamento primitivo deviam ser postos de lado, mas não o são, devido aos mecanismos de divisão e identificação projectiva." (Bion, 1957, p.268)

Apesar de tudo Bion não deixou muito clara a questão de as características psicóticas que descreveu, serem ou não exclusivas das personalidades psicóticas, ou se estas estarão também presentes em cada um de nós.

Quando Bion se refere à *parte psicótica* e à *parte não-psicótica* da personalidade, não se está a referir à psicose por um lado e, à neurose por outro, enquanto grupos psiquiátricos ou apenas duas manifestações clínicas. Ele defende precisamente a existência no Humano, de dois modos de funcionamento mental distintos mas complementares **PS** e **D**.

Em Bion o mecanismo de *identificação projectiva* adquire nova significância. Já não se trata de um mecanismo exclusivamente de natureza patológica. Bion recupera este conceito para se referir a dois processos, por um lado, o seu uso

"excessivo" prevalece na parte psicótica da mente e por outro nas personalidades psicóticas;

"...o papel da identificação projectiva na parte psicótica da personalidade é o de substituto da repressão característica da parte-neurótica da personalidade. Os ataques destrutivos que estes pacientes lançam contra o Ego assim como a substituição da identificação projectiva pela repressão e introjecção devem ser trabalhados em simultâneo". (Bion, 1957, p.275)

Quando surge a referência a uma identificação projectiva *excessiva*, não se trata apenas de uma questão de frequência, mas sobretudo de uma crença exagerada na *omnipotência* associada a este mecanismo. A *omnipotência* estabelece-se como substituto da união entre uma pré-concepção e uma realização. Obstaculiza, deste modo, a *aprendizagem pela experiência*. "A relação continente/conteúdo com as pré-concepções (pensamentos vazios em Kant) como continentes (alimentação, respiração, excreção), e as impressões sensoriais como conteúdos" (Guignard, 1994, p.1634), não acontece.

Por outro lado, Bion foi o primeiro autor, a partir de M.Klein com *On Identification* (1950), a desenvolver o conceito de *função não-patológica* do mecanismo de *identificação projectiva*. Defende a *identificação projectiva positiva* enquanto facilitadora da comunicação e da relação entre mãe/bébé ou analista/paciente. Associou a *identificação projectiva positiva* à capacidade de *rêverie* materna enquanto suporte da *função α /continente*.

A *identificação projectiva positiva* associada ao reforço da disposição inata do bebé para o ódio e inveja, culmina na utilização excessiva de uma *identificação projectiva negativa*, com a deterioração inevitável de todos os processos de desenvolvimento e integração do Ego e de todas as suas funções. Desencadeando-se a destruição de qualquer elo entre Eu/Outro, entre Ego/Realidade (daí o ódio a qualquer vínculo afectivo e à realidade tanto interna como externa).

É de salientar que tanto as identificações projectivas/identificações introjectivas assim como todo o desenvolvimento da história infantil constituem os fundamentos base nos quais acenta o crescimento da personalidade. Será este o aspecto que funda e liga toda a psicologia analítica. No entanto, desde Bion a M.Klein, ambos defensores da perspectiva que privilegia, na técnica, o aqui-e-agora e a relação, até Freud cuja teorização colocava em primeiro plano o carácter investigatório da arqueologia da mente humana, vai uma longa distância na história. Nela habita o enorme vazio entre tais teorizações e práticas, de (im)possível integração pela dor que tal acto implicaria.

Bibliografia

Bibliografia

Antunes, A.L. & Sampaio, D., (1978). «*Alice no País das Maravilhas*» ou a *Esquizofrenia esconjurada*. Análise Psicológica, 3, 21-32.

Anzieu, D. (1959). *A auto-análise de Freud e a descoberta da Psicanálise*. (Vols. I e II), Lisboa:Edições 70, (1990).

Bíblia Sagrada. Lisboa:Edições Paulistas, 1993.

Bion, W. R. (1957). *Differentiation of the Psychotic from the non-Psychotic Personalities*. International Journal of Psycho-Analysis, 38, (3-4), 266-275.

Bion, W. R. (1958). *On Arrogance*. International Journal of Psycho-Analysis, 39, 144-146.

Bion, W. R. (1958). *On Hallucination*. International Journal of Psycho-Analysis, 39, 341-349.

Bion, W. R. (1959). *Attacks on Linking*. International Journal of Psycho-Analysis, XL, 308-315.

Bion, W. R. (1962). *Aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1991).

Bion, W. R. (1963). *Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1991).

Bion, W. R. (1964). *Théorie de la Pensée*. Revue Française de Psychanalyse, 28, 75-84.

Bion, W. R. (1965). *Transformações. Mudança do Aprender para o Crescer*. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1991).

Bion, W. R. (1967). *Estudos Psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1994).

Bion, W. R. (1970). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1991).

Bion, W. R. (1973). *Conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1974).

Boff, L. (1983). *Mestre Eckhart, a Mística de Ser e de não Ter*. Brasil:Ed. Vozes.

Carroll, L. (1988). *Alice do outro lado do espelho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Carroll, L. (1993). *Alice no País das Maravilhas*. Mem Martins: Publicações Europa América.

Corwin, J. (1987). *Richard F. Burton*. in William B. T., (1987). Dictionary of Literary Biography, 55, 25-40. Detroit: Brucoli Clark.

Cruz, São João da (1542-1591). *Subida ao Monte Carmelo: Purificação activa do sentido e do espírito*. Obras Completas, 1-387. Coimbra: Ed. Carmelo, (1977).

Cruz, São João da (1542-1591). *Noite Escura: Purificação passiva do sentido e do espírito*. Obras Completas, 389-553. Coimbra: Ed. Carmelo, (1977).

- Cuvillier, A. (1956). *Vocabulário de Filosofia*. Lisboa: Livros Horizonte, (1981).
- Deleuze, G. (1963). *A Filosofia Crítica de Kant*. Lisboa- Edições 70, (1991).
- Dias, C. A. (1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Lisboa:Ed. Afrontamento.
- Dias, C. A. (1992). *Aventuras de Ali Babá nos Túmulos de Ur - ensaio psicanalítico sobre a somatopsicose*. Lisboa: Ed. Fenda.
- Dias, C. A. (1993). *Só Deus em mim se opõe a Deus*. Lisboa: Ed. Fenda.
- Dias, C. A. (1994). *O meu problema é não ter título*. in Dias, C.A. & Ribeiro, L. S. (1994). Caos & Meta-Psicologia, 307-314. Núcleo de Investigação Universitária da AEISPA. Lisboa: Ed. Fenda.
- Dias, C. A. (1994). *Introduction au rapport*. Revue Française de Psychanalyse, LVIII, 1372-1388, Numéro Spécial Congrès. Paris: P.U.F.
- Dias, C. A. & Fleming, M. (1994). *La fonction contenante de l'analyste*. Revue Française de Psychanalyse, LVIII, 1391-1477, Numéro Spécial Congrès. Paris: P.U.F.

- Eckhart (1995). *Du Détachement et autres textes*. Paris: Ed. Payot & Rivages.
- Eckhart (1983). *A Mística de Ser e de não Ter*. Petrópolis: Ed Vozes.
- Eigen, M. (1981). *The area of faith in Winnicott, Lacan and Bion*. International Journal of Psycho-Analysis, 62, 413-433.
- Farmer, P. J. (1971). *Mundo Sem Morte*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, Coleção Argonauta, nº 263.
- Farmer, P. J. (1971). *Viagem para além da Morte*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, Coleção Argonauta, nº 268.
- Farmer, P. J. (1977). *Desígnio Negro I*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, Coleção Argonauta, nº 272.
- Farmer, P. J. (1977). *Desígnio Negro II*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, Coleção Argonauta, nº 273.
- Farmer, P. J. (1980). *Labirinto Mágico I*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, Coleção Argonauta, nº 289.

- Farmer, P. J. (1980). *Labirinto Mágico II*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, Coleção Argonauta, nº 290.
- Farmer, P. J. (1980). *Labirinto Mágico III*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, Coleção Argonauta, nº 291.
- Freud, S. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Textos Essenciais de Psicanálise, Vol III, 98-106. Lisboa: Publicações Europa América.
- Freud, S. (1924 [1923]). *Neurose e Psicose*. Textos Essenciais de Psicanálise, Vol III, 149-158. Lisboa: Publicações Europa América.
- Freud, S. (1924). *A perda da realidade na Neurose e na Psicose*. Textos Essenciais de Psicanálise, Vol III, 159-164. Lisboa: Publicações Europa América .
- Freud, S. (1924 [1923]). *Neurosis and Psychosis*. Standard Edition, Vol. XIX, (1923-1925), 149-153. London: The Hogarth Press (1961).
- Freud, S. (1925). *Some psychological consequences of the anatomical distinction between the sexes*. Standard Edition, Vol. XIX, (1923-1925), 248-258. London: The Hogarth Press, (1961).

- Freud, S. (1925 [1926]). *Inhibicion, Sintoma y Angustia*. Obras Completas, III, (1916-1938 [1945]), 2833-2883. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, (1973).
- Freud, S. (1938). *O Nascimento da Psicanálise*. S.E., XXIII.
- Fromm, E. (1988). *A arte de Amar*. Brasil: Ed Itatiaia Lda.
- Gambra, R. (1964). *Pequena história da Filosofia*. Porto: Coleção Prisma, (1978).
- Grinberg, L. et.al. (1973). *Introdução às Ideias de Bion - grupos, conhecimento, psicose, pensamento, transformações, prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Grinberg, L. (1975). *Atitude 'Sem Memória nem Desejo' na Técnica Analítica. Sua Inclusão na Supervisão*. A Supervisão Psicanalítica - Teoria e Prática, 81-89. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Guignard, F. (1994). *Sigmund Freud et Wilfred R. Bion. Filiation et commensalité*. Revue Française de Psychanalyse, LVIII, 1619-1637. Numéro Spécial Congrès. Paris: P.U.F.

- Haar, M. (1979). *Introdução à Psicanálise - Freud*. Lisboa:Edições 70, (1983).
- Klein, M. (1958). *On the development of mental functioning*. The International Journal of Psycho-Analysis, 39, 84-90.
- Klein, M. (1975). *L'amour et la haine: Le besoin de réparation*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Klein, M. (1975). *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro:Imago Ed., (1991).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Ed. Presença, (1990).
- Magnusson, M. (1990). *Sir Richard Francis Burton*. in Cambridge Biographical Dictionary, 235-236. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marques, A. (1987). *O essencial sobre Metafísica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Meltzer, D. (1984). *Les concepts d'«identification projective» (Klein) et de «contenant-contenu» (Bion) et relation avec situation analytique*. Rev. Française de Psychanalyse, 2, XLVIII, 540-550.

- Meltzer, D. et.al. (1984). La distinction entre les concepts d'identification projective (Klein) et de «contenant-contenu» (Bion). Rev. Française de Psychanalyse, 2, XLVIII, 551-569.
- Pereira, F. (1994). *Caos, Psicanálise e Hermenêutica*. in Dias, C.A. & Ribeiro, L. S. (1994). Caos & Meta-Psicologia, 263-277. Núcleo de Investigação Universitária da AEISPA. Lisboa: Ed. Fenda.
- Rezende, A. M. (1993). *Bion e o futuro da Psicanálise*. São Paulo: Ed. Papyrus.
- Ribeiro, L. S. (1993). *O Bafo - Ensaio sobre a Duplicidade de 'O', o Humano e Técnica Terapêutica*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Psicopatologia. Lisboa: ISPA.
- Rotberg, R.I. (1973). *Richard Burton*. in The Mac Graw-Hill Encyclopedia of World Biography, 274-276. New-York: Mc Graw-Hill.
- Segal, H. (1964). *Introduction à l'oeuvre de Melanie Klein*. Paris: P.U.F.
- Sófocles, (). *Antígona, Ajax, Rei Édipo*. Lisboa: Ed Verbo.

Solomon, J.C.,(1963). *Alice and the Red King. The Psycho-Analytic View of Existence. Int. Journal of Psycho-Analysis, 44, 63-72.*

Tillich, P. (1957). *Dinámica de la fe*. Buenos Aires: Ed. La Aurora, 1976.

Vergani, T. (1994). *Caos, estratégia e símbolo*. in C.A. Dias & L. S. Ribeiro, (1994). Caos & Meta-Psicologia,117-120. Núcleo de Investigação Universitária da AEISPA. Lisboa: Ed. Fenda.

Zimerman, D. E. (1995). *Bion: Da teoria à prática*. Brasil: Ed. Artes Médicas.